

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

LAURA SATOE UENO

**Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão:
uma intervenção psicossocial no retorno**

São Paulo
2008

LAURA SATOE UENO

**Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão:
uma intervenção psicossocial no retorno**

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social
Orientador: Prof. Dr. Geraldo José de Paiva

São Paulo
2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Ueno, Laura Satoe.

Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno / Laura Satoe Ueno; orientador Geraldo José de Paiva. -- São Paulo, 2008.

131 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Migração humana 2. Grupos culturais japoneses 3. Intervenção psicológica 4. Psicologia social 5. Psicologia intercultural I. Título.

GN370

FOLHA DE APROVAÇÃO

Laura Satoe Ueno

Migrantes entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre
Área de Concentração: Psicologia Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos meus avós, imigrantes que um dia tiveram um sonho e atravessaram oceanos,

E a todos aqueles que amam profundamente suas origens e têm, ao mesmo tempo, a necessidade de buscar e viver sob novos horizontes.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço as pessoas que viveram no Japão e que compartilharam suas vivências do retorno no espaço de Orientação Intercultural, tornando possível a realização deste estudo.

Ao meu orientador, Prof. Geraldo José de Paiva, pelos conhecimentos e experiência transmitidos sobre a prática de pesquisa e a área intercultural. E sobretudo, pela tranquilidade, disponibilidade e apoio incondicionais ao longo desse trabalho, que foram fundamentais.

À Profa. Sylvia Dantas DeBiaggi, coordenadora do Serviço de Orientação Intercultural, pelo papel importante na realização dessa intervenção e por transmitir conhecimentos com riqueza e sensibilidade, sempre no sentido do senso crítico, flexibilidade e dinamismo.

Aos colegas da equipe de Orientação Intercultural e do Grupo de pesquisa Psicologia, E/imigração e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do IP-USP, cujas reflexões contribuíram muito na elaboração do trabalho.

A Maria Mercedes Samudio dos Santos e Silvana Sinatolli, analistas que me acompanharam durante o percurso.

Aos meus pais e minha irmã, cujo apoio em relação aos meus estudos, mesmo à distância, foi essencial.

Aos amigos queridos Analuci da Silva, Clarice F. Koshima, Erika I. Costa, Helena P. dos Santos, Kelen Pizol, Luciana Kanaji, Luís C. Rossi, Marcos Suguiura e Sérgio Sakurai, entre outros, pela troca e compartilhar de experiências que torna o meu dia-a-dia mais vivo e criativo.

名月や
行つても行つても
よその空*

千代女

* Lua cheia! Por mais que caminhe, caminhe. O céu é de outro lugar.
Chiyo-jo (1701-1775)

RESUMO

UENO, Laura Satoe. **Migrantes em trânsito entre Brasil e Japão: uma intervenção psicossocial no retorno**. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

O presente estudo teve como objetivo apresentar e avaliar a configuração de uma intervenção psicossocial breve realizada com um grupo de nipo-brasileiros que viveram no Japão, no retorno destes ao Brasil, procurando compreender a vivência dos sujeitos no que se refere às representações culturais do Brasil e do Japão e ao processo de retorno. Os referenciais teóricos utilizados foram retirados da Psicologia Intercultural e articulados a conceitos e técnicas da abordagem psicanalítica. De modo geral, o processo de aculturação no retorno foi sentido como difícil. Os participantes expressaram indignação com a conjuntura política, econômica e social do país e alguns relataram sensação de sentirem-se estrangeiros, de inassertividade e de desorientação. Surgiram representações simbólicas coletivas do Brasil como país do calor humano e do Japão como país da alta tecnologia e educação, havendo, ao mesmo tempo, um tom pessoal nas representações em função das experiências singulares de cada um. Técnicas reflexivas, informativas e lúdicas, como elaboração de cartazes, exposição de conceitos teóricos, exibição e discussão de documentário acerca da temática da e/imigração entre Brasil-Japão, foram instrumentos úteis para que as angústias do grupo pudessem ser nomeadas. O espaço de continência e interlocução favoreceu processos de identificação para que questões conflituosas relativas às vivências no retorno e à identidade cultural pudessem se tornar objeto de reflexão e transformação. Constatamos a utilidade desse tipo de intervenção psicossocial na elaboração psicológica da experiência migratória, revelando-se fundamental, em investigações nessa área, a consideração dos estilos culturais diversos e do contexto social.

Palavras-chave: migração humana, grupos culturais japoneses, intervenção psicológica, psicologia social, psicologia intercultural

ABSTRACT

UENO, Laura Satoe. **Migrants in transit between Brazil and Japan: a psychosocial intervention in the return.** 2008. 131 f. Dissertation (Master) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

The purpose of the present study is to present and assess a brief psychosocial intervention with a group of Japanese-Brazilians who lived in Japan and returned to Brazil. Their return process and cultural representations of Brazil and Japan are explored. Theoretically the work is based on contributions from cross-cultural psychology and psychoanalytic concepts and techniques. Group participants generally felt return migration as difficult and expressed outrage towards Brazil's present political, economic and social system, in addition to feeling like foreigners, unassertiveness and disorientation. Collective symbolic representations of Brazil as a country of warm human relations and Japan as a country of high technology and education also emerged, loaded with personal aspects, according to the unique experiences each one had. Reflective, informative and dynamic techniques such as preparation of posters, exhibition of theoretical concepts, display and discussion of a documentary migration between Brazil and Japan were useful tools, enabling the group to name their own distress. The area of contiguity and interlocution in this group helped identify processes where issues concerning conflicting experiences in the return and cultural identity could become objects of reflection and transformation. The findings indicate the contribution of such psycho-social intervention in the psychological process of the migratory experience, and the need to approach cultural styles and the social context in investigations in this area.

Key words: human migration, Japanese cultural groups, psychological intervention, social psychology, cross-cultural psychology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTO EM QUE SE SITUA A PESQUISA	13
2.1 Migração internacional entre Brasil e Japão	13
2.2 Compreendendo a migração de retorno	32
3 REFERENCIAL TEÓRICO	35
3.1 Psicologia Intercultural	35
3.2 A Psicanálise e os fatores culturais	42
4 OBJETIVOS	50
5 A INTERVENÇÃO	51
5.1 Orientação e atendimento intercultural a brasileiros que retornaram do Japão	51
5.2 Workshop “Adaptação no Brasil”	64
6 ANÁLISE DO GRUPO E DISCUSSÃO	105
6.1 Vivência do retorno ao Brasil	105
6.2 Entre duas culturas: identidade e representações dos lugares	109
6.3 A experiência do workshop	117
6.4 Processo individual de uma migrante	120
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	131

1 INTRODUÇÃO

Mais que nunca, as distâncias entre lugares distintos do mundo parecem menores atualmente. Brasil e Japão, países opostos no imaginário popular, de culturas com contrastes marcantes e situados em hemisférios exatamente contrários, são locais entre os quais transitam milhares de brasileiros, chamados de *dekasseguis*.

Esse movimento emigratório de características transnacionais envolve causas e conseqüências econômicas, sociológicas e psicológicas, além de dimensões históricas e políticas. Muitas pessoas, inclusive pesquisadores brasileiros e de outros países, têm procurado compreender as relações entre a imigração japonesa para o Brasil, movimento que teve início há exatamente cem anos, e a emigração dos descendentes para o Japão nas últimas décadas do século XX. Aspectos humanos como adaptação cultural, identidade, mudança sócio-ocupacional, relações de gênero e entre gerações, educação e outros estão em jogo. Os processos sociais gerados produzem transformações vividas muitas vezes de forma profunda e comovente pelos sujeitos e poucos estudos até o momento abordaram a dimensão psicológica do fenômeno através da intervenção.

O interesse da presente pesquisa consiste em apresentar reflexões e elaborações teóricas acerca da configuração de uma intervenção psicossocial breve no retorno ao país de brasileiros que viveram no Japão, apontando a necessidade de flexibilidade em relação aos quadros de referência e métodos tradicionais para que se considerem, na intervenção, os estilos culturais diversos.

O workshop intitulado “Adaptação no Brasil” foi realizado no Serviço de Orientação Intercultural no intuito de responder à questão da eficácia da intervenção, considerando-se as questões sócio-culturais e psicológicas que caracterizam esse processo de migração de retorno.

O serviço faz parte do Projeto Pro-Doc Capes intitulado “Intervenção Psicossocial no Processo de Inserção Cultural”, coordenado pela Profa. Sylvia Dantas DeBiaggi e pelo Prof. Geraldo José de Paiva, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. É voltado para atendimento e orientação de imigrantes no Brasil, brasileiros descendentes de imigrantes, pessoas que retornaram para o Brasil após morarem fora do país e pessoas que vão morar fora do país.

As experiências de um percurso constituído por atendimentos individuais, leituras e supervisões de intervenções realizadas no Serviço de Orientação Intercultural encaminharam a elaboração do projeto do workshop e sua realização, permitindo lidar com os conflitos apresentados pelos participantes no retorno ao país à luz das teorias e técnicas da Psicologia Intercultural. Procuramos dialogar, ao mesmo tempo, com conhecimentos teóricos e técnicos baseados na psicanálise, utilizados na compreensão da dinâmica intrapsíquica dos sujeitos.

Assim como a cultura, o conhecimento e a prática na Psicologia Intercultural são campos dinâmicos e devem estar abertos a contribuições fornecidas pela configuração da própria realidade cultural com a qual se trabalha. No caso dos nipo-brasileiros, como se verá adiante, há uma influência complexa de padrões de comportamento bastante distintos, relacionados tanto com a cultura brasileira quanto com a cultura japonesa, que vão sendo constantemente reinventados ao longo das gerações, dos tempos e dos lugares.

Algumas realidades em minha vida particular foram decisivas para o interesse na realização dessa pesquisa. Neta de japoneses, minha história e a história de minha família foram entrecortadas por mudanças de cidade e longas emigrações a trabalho ao Japão. Foram constituídas assim por separações e sucessivas mudanças de cultura. Minha educação foi baseada em valores japoneses cultivados pelos imigrantes japoneses na vida cotidiana em comunidades rurais do interior: disciplina, organização, expressão indireta de afeto e descontentamento, sentimentos de gratidão, cooperação, esforço no trabalho, sensibilidade em

relação às expectativas e sentimentos dos outros. Ao migrar com a família para cidades diferentes, na infância, e mais tarde sozinha do interior para a capital, na adolescência, deparei-me com comportamentos bem distintos dos que faziam sentido até então em meu meio cultural. Entre outras coisas, havia o hábito de questionamento e crítica, requeridos e valorizados nos alunos de psicologia na universidade, a expressão verbal aberta de sentimentos e impressões ocorridos no contato com os pacientes em atendimento e as relações interpessoais mais fugazes do que aquelas que se dão no interior.

A vivência de conflitos e situações extremas de mudança, que ultrapassava a capacidade de compreensão, gerou necessidade de respostas e de ferramentas para se utilizar diante de condições adversas. Nesse sentido, o estudo da psicologia, a migração para São Paulo e para o Japão, a trabalho e estudo, foram buscas vitais, que me possibilitaram um conhecimento mais amplo tanto do mundo externo quanto do interno. Permitiram transitar melhor entre um mundo japonês e outro mais brasileiro, integrando valores mais coletivistas e tradicionais com outros mais críticos e flexíveis.

A proximidade marcante entre o tema da pesquisa e a vivência pessoal confere ao processo de elaboração deste trabalho uma dupla condição: de um lado, sensibilidade aguçada e realização, e de outro, angústias íntimas e necessidade de reflexões pessoais pungentes. Desse modo, a análise pessoal foi um auxílio importante para que pudesse elaborar parte de meus próprios conflitos, com o enriquecimento também de meu próprio self.

Outra característica do percurso foi ocorrência freqüente de encontros e desencontros com os sujeitos da pesquisa, que faziam parte de uma população em trânsito, sendo preciso lidar com sensações resultantes de frustração e impotência, algo que relaciono à minha capacidade oriental de vivenciar os aspectos do vazio, do indefinido, relativo, latente, da multiplicidade, da receptividade e da fragilidade dos fenômenos.

Na apresentação do trabalho, em primeiro lugar, procuraremos situar o movimento migratório dos brasileiros para o Japão e de volta ao Brasil num contexto mais amplo, discutindo suas características gerais a partir de uma breve revisão bibliográfica do assunto. Em seguida apresentaremos o referencial teórico da pesquisa, através de uma introdução a conceitos da Psicologia Intercultural e a fatores culturais na psicoterapia. Relataremos então o percurso de atendimento de nipo-brasileiros retornados do Japão no Serviço de Orientação Intercultural, o processo de elaboração e realização da intervenção breve em grupo – workshop – e a discussão de alguns aspectos desta intervenção. Por fim, buscaremos tecer algumas possíveis conclusões.

2 CONTEXTO EM QUE SE SITUA A PESQUISA

2.1 Migração internacional entre Brasil e Japão

As novas migrações internacionais dos países pobres em direção aos mais ricos constituem a expressão mais contundente da mobilidade intensa entre os povos e da diluição crescente das barreiras entre os Estados nacionais na atualidade. Mobilidade que se dá em meio ao impacto da produção e do comércio internacionalizados através de modernas tecnologias que permitem rapidez e aperfeiçoamento dos meios de comunicação e transporte (Sales, 1996).

Nesse fenômeno mundial, os movimentos de racismo, discriminação e intolerância contra os imigrantes estrangeiros têm eclodido todo momento, como expressão do conflito entre a necessidade de mão-de-obra de um mercado já constituído com base no trabalho do imigrante e a auto-imagem de uma sociedade que não se vê nessa mistura de culturas e de raças (Sales, 1994).

A socióloga Teresa Sales (1996) salienta que, em contraposição a fatores de expulsão tradicionalmente apontados como causas da emigração, como pobreza, superpopulação e estagnação nos países menos favorecidos, há fatores estruturais, ou seja, forças sociais, políticas e históricas, que são decisivos.

No caso das migrações de brasileiros para o exterior, houve um importante fator político, pois na década de 80 a recessão econômica foi acompanhada pela alternância de esperanças e frustrações coletivas nos primeiros anos da redemocratização. Além disso, houve o papel marcante das redes sociais e redes de mercado que foram se estabelecendo entre o Brasil e os países receptores. A evasão dos brasileiros aos EUA, Japão, Paraguai e países da

Europa cujos dados numéricos são fragmentados, imprecisos e de difícil aferição mostra que o Brasil, país que tinha se beneficiado da grande onda de migração internacional na passagem para o século XX, se insere nessa nova ordem mundial pela porta dos fundos, como exportador de mão-de-obra (Sales, 1996).

Segundo a mesma autora, a história dos novos fluxos de emigração internacional de brasileiros tem especificidades, dependendo do local de destino.

Dentro desse movimento emigratório contemporâneo, grande número de brasileiros em trânsito entre o Brasil e o Japão, em sua maioria nipo-brasileiros, têm sido contratados como trabalhadores pouco qualificados e temporários no Japão, sendo conhecidos como *dekasseguis*. Esse fenômeno bastante expressivo e relativamente recente envolve questões econômicas, políticas e sociais amplas. E psicológicas, como o presente estudo procura abordar.

Nas duas últimas décadas, o número de trabalhadores brasileiros no Japão chegou a 312.979 pessoas, superando o contingente de emigrantes japoneses que veio para o Brasil a partir de 1908 (Dados do Ministério da Justiça do Japão de 2006¹). Os brasileiros constituem a terceira maior comunidade de estrangeiros no Japão, abaixo apenas dos coreanos e chineses.

A reforma na Lei de Controle da Imigração do Japão, promulgada em junho de 1990, dificultou a entrada de imigrantes clandestinos e ilegais asiáticos (provenientes da Coreia do Sul, China, Bangladesh, Filipinas, Paquistão, Tailândia, Irã e outros), que precedem a presença de brasileiros, facilitando a entrada dos brasileiros descendentes de japoneses. O fator consangüinidade foi utilizado como critério seletivo para solucionar a falta de mão-de-obra no Japão, na crença de que iriam se assimilar mais facilmente à cultura japonesa e não perturbar a homogeneidade étnica do país. A política imigratória mais restritiva, implementada pela reforma da Lei de Controle da Imigração, incluía sanções aos

¹ Disponível em <<http://www.moj.go.jp>>. Consultado em 31.07.07.

empregadores de trabalhadores estrangeiros ilegais, assim como aos intermediários ou contratadores que sempre recrutaram trabalhadores para as firmas japonesas. Esses empregadores substituíram gradualmente os trabalhadores ilegais por descendentes de japoneses provenientes da América do Sul, principalmente brasileiros e peruanos. Os brasileiros descendentes até a terceira geração passaram a ter assim um acesso facilitado ao Japão, dada sua origem étnica, nacional e correspondente consangüinidade, com oportunidade de exercer trabalho remunerado naquele país sem exigência de renovar o visto e com a possibilidade de virem a ser residentes permanentes (Sasaki, 2006).

Desta forma, a presença brasileira começou a se consolidar e se institucionalizar no Japão, principalmente a partir dos meados dos anos 90. Se, em 1989 o registro de brasileiros ali era de 14.528 pessoas, três anos depois explodiu dez vezes para 147.803 pessoas (Tsuda, 1999).

A cidade onde mais se concentram brasileiros é Hamamatsu (província de Shizuoka), onde em 2004 havia 13,8 mil brasileiros. As quatro cidades seguintes são todas da província de Aichi, onde predominam a indústria automobilística e as firmas subcontratadas que alimentam a cadeia desse setor na região. É também onde se encontra a preocupação por parte do governo local em promover uma política de integração dos estrangeiros para a vida comunitária local ou regional. Os brasileiros estão concentrados na região central do Japão, como Aichi, Shizuoka, Kanagawa, Saitama e Gunma, que, juntas, abrigam mais da metade de toda a população brasileira presente no Japão (Sasaki, 2006).

Os trabalhos não-qualificados “5k” - *kitsui* (pesado), *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso), além de *kibishii* (exigente) e *kirai* (detestável) exercidos pelos brasileiros, ocorrem principalmente nos ramos automobilístico e eletrônico: prensa, perfuração, solda, lixamento e reparo de peças de metal para veículos, carburadores, assentos para carros, estofamentos. Também envolvem, em menor volume, serviços de abastecimento, encaixotamento, entrega e

controle de mercadoria, construção civil, serviços de limpeza e restaurantes. Essa parcela de trabalhadores que tem migrado para o Japão tem características bastante heterogêneas, tanto em termos da sua formação cultural, em particular da influência da cultura japonesa, quanto da sua experiência profissional no Brasil. O que apresentam em comum é o fato de pertencerem a uma faixa etária relativamente jovem - 18 a 45 anos de idade - e terem elevado potencial produtivo (Kawamura, 1999).

O movimento *dekassegui* é tratado por muitos pesquisadores como “migração de retorno”. Sasaki (2006) destaca, porém, que o contexto do movimento migratório atual é diferente daquele dos japoneses que imigraram para o Brasil no início do mesmo século. Pode-se dizer que é “a volta dos que não foram”, pois, embora os brasileiros que migram para o Japão sejam descendentes de japoneses que no início do século XX emigraram para o Brasil, muitos deles, entretanto, nunca estiveram antes no Japão.

Segundo Tsuda (1999), um modelo “push-pull”, baseado em fatores econômicos que simplesmente expulsam os migrantes de seus países pobres e atraem para o país receptor mais desenvolvido, é inadequado para entender como esse fluxo migratório foi constituído. Um modelo compreensivo desse sistema de migração se faz necessário, pois as variáveis étnicas e socioculturais, como a formação de redes transnacionais entre a comunidade *nikkei*² e o Japão, foram importantes para sustentá-lo, em meio à grande distância geográfica entre os dois países.

Conforme o autor, um brasileiro economiza no Japão cerca de 20 mil dólares por ano, que pode ser quatro ou cinco vezes seu salário anual no Brasil. Há um fator racional no processo de decisão da partida para o Japão, que apesar dos sacrifícios e das dificuldades envolvidas, é vista como oportunidade econômica que não pode ser perdida. Os que partem planejam usar seus salários no Japão para comprar uma casa, adquirir bens de consumo, abrir

² Palavra da língua japonesa que significa descendente de japoneses.

um negócio no Brasil e muitos deles enviam remessas para sustentar suas famílias. Porém foi o status socioeconômico relativamente alto dos nipo-brasileiros que favoreceu sua migração para o Japão. As pessoas são frequentemente motivadas a migrar não a partir de um nível de privação econômica absoluta, mas de uma privação relativa, baseada na discrepância entre as expectativas e a realidade econômica. Isto foi notado de forma semelhante por Margolis (1994)³, numa etnografia acerca dos imigrantes brasileiros em Nova York.

Concomitante aos fatores econômicos de expulsão, relacionados à crise econômica severa e prolongada no Brasil, houve um processo de crescimento econômico no Japão, acompanhado por demanda aguda de mão-de-obra não-qualificada, e que constituiu fator de atração. Essa demanda surgiu de uma combinação de mudanças econômicas, demográficas e socioculturais no Japão: queda na taxa de natalidade, envelhecimento populacional e rejeição dos trabalhos menos qualificados pelos jovens. Além disso, foram conexões étnicas transnacionais entre nipo-brasileiros e japoneses que dirigiram o fluxo especificamente para o Japão. Os nipo-brasileiros sentem no Brasil afinidades culturais com o Japão, pela descendência, pelos valores e pelo fenótipo, que os diferenciam da maioria dos brasileiros. Os primeiros emigrantes, em meados dos anos oitenta, eram indivíduos de primeira e segunda geração que tinham contato com parentes no Japão e a adaptação facilitada no país em função das similaridades culturais (Tsuda, 1999).

Como observa o autor, a revisão na política de imigração japonesa foi baseada na orientação japonesa que correlaciona raça e cultura. Esperava-se que os *nikkeis* fossem culturalmente semelhantes pela transmissão da cultura através da socialização na família ao longo das gerações, a despeito dos limites nacionais. Sem contrariar, pelo menos no nível das aparências oficiais, o princípio fundamental da política migratória japonesa que não aceita trabalhadores estrangeiros sem qualificação, e disfarçando os motivos econômicos, o governo

³ Margolis, M. L. (1994) *Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*. Princeton, N.J.: Princeton University Press.

encontrou uma forma de conseguir trabalhadores convenientes e dóceis: “A política continua sendo justificada como oportunidade promovida pela benevolência do governo japonês para que os descendentes nascidos no exterior explorem sua herança étnica e visitem a terra natal de seus ancestrais” (p.12). Os japoneses acreditavam também que os nipo-brasileiros iriam migrar e rapidamente retornar ao Brasil, não se estabelecendo no Japão para sempre.

Mas, apesar da ascendência nipônica ser um quesito importante para fins burocráticos e ideológicos japoneses, na vida cotidiana mergulha numa outra dimensão de relações com diversas alteridades. O brasileiro é classificado como um trabalhador migrante de baixa qualificação e o seu trânsito na estrutura ocupacional japonesa é bastante restrito (Sasaki, 2006).

A formação de uma cultura de migração na comunidade nipo-brasileira também foi essencial para o processo de expansão do fluxo migratório. No início, o movimento *dekassegui* foi visto com vergonha, como indicação de falência econômica e derrota dos bem-sucedidos imigrantes japoneses. Esse discurso que causava feridas atroz no orgulho étnico foi substituído por outros: o Japão estaria precisando da ajuda dos *nikkeis* para manter sua prosperidade, a economia japonesa entraria em colapso sem eles, ser *dekassegui* seria uma oportunidade para o jovem descendente aprender a língua, viver a cultura, descobrir sua terra natal e adquirir habilidades técnicas no Japão. Histórias de sucesso foram sendo disseminadas, tanto por parentes, conhecidos com pela cobertura da mídia da comunidade nipo-brasileira, tornando o ato de emigrar ao Japão algo lógico e de execução óbvia.

Acompanhando o fluxo migratório, houve uma mudança no perfil dos brasileiros no Japão: gerações mais recentes, proporção sexual relativamente equiparada, faixa etária mais jovem, sem o domínio da língua, mais solteiros e recém-casados, caráter mais familiar do que individual, o aumento na duração da estada no Japão e presença de pessoas de origem não-nipônica entre os cônjuges dos descendentes de japoneses (Sasaki, 2006).

Apesar do movimento de trabalhadores brasileiros para o Japão ser relativamente recente, um sistema extenso, bem-organizado e eficiente de recrutamento e contratação se estabeleceu em ambos os países. Esse sistema ocorre diretamente com as próprias companhias japonesas, ou indiretamente, através da mediação de empreiteiras. A criação dessa estrutura tem o papel de reduzir as dificuldades e incertezas da migração, facilitando o fluxo. Assim, a ida pode ser muito rápida, “é fácil ir ao Japão para trabalhar”. As redes sociais, paralelamente, asseguram aos migrantes que eles serão parte de uma rede pessoal e coesa de conhecidos mútuos no Japão, que podem propiciar assistência prática, reduzindo os custos da migração financeiramente e psicologicamente. Há aqueles que são motivados a ir para o Japão por razões sociais, como reunir a família, parentes e amigos. E mesmo aqueles que não migram de fato, isto é, aqueles que permanecem no local de origem, também participam do processo migratório - por exemplo, cuidando da casa e da família, administrando as remessas de dinheiro enviadas, rearranjando a organização do domicílio, articulando novas e velhas relações.

As agências de recrutamento, legais e ilegais, têm determinado os destinos, ocupações e moradia dos migrantes, embora esses possam escolher onde trabalhar antes de partir para o Japão. Os imigrantes mais antigos ou experientes passaram a ter outras ocupações, como de intermediação – nas tarefas corriqueiras de providenciar visto e outros documentos - recrutando novos imigrantes. Esse quadro é recorrente nos diversos fluxos migratórios, internacionais ou internos, com diversas nacionalidades e períodos. Redes migratórias, cada vez mais complexas, vêm-se compondo e consolidando sob diferentes aspectos no processo de institucionalização do movimento migratório entre Brasil e Japão (Sasaki, 2006).

Dessa forma, o sistema de migração dos brasileiros para o Japão, afirma Tsuda (2006), é hoje estável e se auto-sustenta pela sua constituição sócio-cultural, a despeito de fatores potenciais como as flutuações econômicas cíclicas no Brasil e no Japão. Isso tem várias

repercussões significantes, pois os brasileiros se tornaram um grupo étnico minoritário no Japão.

Tsuda (2003) observou que a frustração vivida diante da impossibilidade de externar opiniões, sugestões e reclamações no trabalho, e de serem ouvidos pelos japoneses, tem levado muitos brasileiros a uma alienação do self. À ruptura de identidade e de sentidos soma-se a mudança radical do status social e ocupacional prévio, que leva a um senso profundo de anomia sócio-econômica.

Para Sasaki (2006), a ambigüidade é o signo que marca o período que o Japão experimenta nessa época de globalização e pós-modernidade, em que a compressão do tempo e do espaço e a necessidade de internacionalização têm gerado um encontro inevitável. Trata-se do encontro com os descendentes de origem japonesa residentes no exterior, e com aquilo que se transformou no tempo, entre dois espaços distintos. E se a fixação permanente dos imigrantes japoneses no Brasil esteve relacionada com o término da Segunda Guerra Mundial, no caso dos descendentes no Japão, eles ainda se encontram divididos entre os dois países, sem muita clareza em saber qual é seu lugar.

Eventos recentes como o aumento da criminalidade e os problemas educacionais envolvendo filhos de brasileiros, mostram que há circunstâncias inescapáveis que estão por trás da demanda por mão-de-obra barata no Japão. Segundo pesquisas em 2004, cerca de 26% dos japoneses declaram que não desejam trabalhadores estrangeiros no país, quase o dobro do índice de 1990. Crimes cometidos por estrangeiros são focos exageradamente destacados na mídia japonesa, onde fronteiras entre trabalhadores locais e migrantes atuam como barreiras invisíveis, formas de discriminação social e isolamento de raças/nacionalidades específicas. Os imigrantes não são encorajados a tornarem-se realmente cidadãos, apesar da longa permanência, e a vivência a que são submetidos é a de “indivíduos de segunda classe” (The Age, 03/12/06).

Ao iniciarmos uma revisão de literatura sobre o fenômeno *dekassegui*, surgiu uma quantidade considerável, em comparação com uma década atrás, de estudos em português e outros idiomas, como o inglês e o japonês realizados em anos recentes. Aliás, Sasaki (2006) lembra que, enquanto os migrantes parecem transitar entre dois lados da experiência de ir e estar no Japão, entre facilidades e dificuldades, várias conexões e relações sociais complexas em vários níveis têm sido estabelecidas por vários estudiosos e por todos que se sentem autorizados a falar dos *dekasseguis*.

Como o propósito da presente pesquisa não é fazer uma revisão extensa e completa dos estudos que têm sido publicados nesse campo, serão citadas a seguir algumas vozes, comentando-se como elas conferem variados tons a essa vivência tão coletiva e, ao mesmo tempo, tão heterogênea.

Numa apresentação dos quinze anos do movimento *dekassegui*, Mori (1999) destacou os padrões de transmigração característicos desse fenômeno na atualidade. Ou seja, segundo o antropólogo, o aspecto geral do trabalho, bem como as metas e objetivos dos trabalhadores migrantes, mudaram radicalmente num curto período de tempo. Muitos pesquisadores apontam a tendência ao estabelecimento permanente dos *dekasseguis* no Japão, que contrasta com o padrão de emigração temporária do início do fenômeno. Mori afirma que o caso da migração *nikkei* ao Japão é um caso em questão, e que a transmigração se tornou um “estilo de vida”. Essa forma de vida e sobrevivência tornou-se possível nos dias de hoje com o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação. Os migrantes têm planos de retornar em definitivo ao Brasil algum dia, mas enquanto isso, eles viajam entre os dois países, formando um mundo de sociedades transnacionais, que ultrapassam fronteiras. Remessas são enviadas para auxiliar familiares; conexões com o país de origem são mantidas através de meios de comunicação como telefonemas, cartas, e-mails e visitas breves; e os migrantes

podem melhorar seu nível social e econômico com a compra de bens no Brasil mesmo durante sua ausência.

Mori identificou quatro padrões de transmigração entre os *nikkeis* brasileiros. O primeiro deles caracterizou o início do movimento e envolve a primeira geração que possui status de residência permanente no Japão. Costumam trabalhar durante no máximo dois anos lá e retornam ao Brasil, podendo às vezes emigrar de novo. O segundo padrão diz respeito aos jovens de segunda e terceira geração que não têm uma meta em particular: o trabalho *dekassegui* tornou-se para eles uma espécie de ocupação. Retornam ao Brasil após um período indeterminado e partem novamente para o Japão, pela segunda, terceira vez, devido à falta de dinheiro, falência de negócio empreendido aqui ou dificuldades de adaptação. O terceiro padrão envolve aqueles que vão ao Japão para um período fixo de trabalho e que retornam ao Brasil apenas para visitas breves, após se assegurarem por meio dos procedimentos legais a reentrada posterior no Japão. O quarto padrão refere-se aos migrantes que empreenderam negócios sucedidos em ambos os países através do trabalho no Japão e viajam entre Brasil e Japão para cuidar desses negócios. Quer dizer, a transmigração toma várias formas. E é acelerada pelas condições adversas existentes no Brasil, como os direitos não garantidos dos cidadãos, baixos salários e poucas oportunidades de emprego, que contrastam com a realidade do Japão.

Vários problemas têm emergido da posição de ambigüidade nesse padrão de transmigração, segundo Mori, pois há raízes identitárias em conflito sem que exista uma definição quanto à permanência no Brasil ou no Japão. Em relação às crianças, filhos de emigrantes que vivem no Japão, a situação envolve decisões dos pais quanto às estratégias para seu futuro e educação. Pelas leis japonesas, os *nikkeis* e seus filhos serão sempre considerados estrangeiros e não há muito o desejo ou o esforço dos *nikkeis* para integração na sociedade japonesa, o que prejudica sua mobilidade social. Algumas comunidades étnicas se

formaram em áreas particulares em que estão concentrados os brasileiros, com elementos como jornais, restaurantes, lojas e escolas, porém suas estruturas mostram poucas atividades comunitárias ou iniciativas para o desenvolvimento da educação de crianças e das relações com as comunidades locais. Os problemas emergem também no Brasil, onde se estabeleceram grupos e instituições de suporte para ajudar na readaptação de migrantes retornados. Oferecem atividades e serviços para re-socialização no trabalho, aulas de português para crianças, entre outros, mas a presença de migrantes é baixa. Pensa-se como causa disso o fato de que os ex-migrantes irão voltar em breve para o Japão. Poucas comunidades têm como característica essa estrutura que possibilita a re-inclusão dessas pessoas e, quando isso é possível, ocorre através de uma rede transnacional de suporte. Um ponto relevante que o autor salienta é o fato de que qualquer solução para tais problemas, em diversos níveis, deve ser encarada a partir de uma visão transnacional: “Isso inclui olhar as duas nações, Brasil e Japão, numa perspectiva mais relativa, dando ênfase na continuidade entre os dois países e criando uma estrutura que permita as pessoas levar uma vida satisfatória em ambos os países” (p.11) Para o autor, se os *nikkeis* e seus filhos nascidos no Japão pudessem manter suas nacionalidades brasileiras e também ter a opção da nacionalidade japonesa, o Japão poderia se direcionar um pouco mais para um relativismo cultural.

Miura (1997) analisou através de relatos autobiográficos o impacto que o trabalho produziu na configuração da identidade de migrantes nipo-brasileiros no contexto sócio-cultural do Japão, analisando a forma como deram sentido aos múltiplos papéis profissionais e sociais que desempenharam. O problema foi tratado com base no modelo de identidade de Sarbin&Scheibe, que se diferencia de outros pela relevância dada ao contexto histórico e social para o estudo da identidade. O estudo partiu da premissa de que “os japoneses radicados nos países latino-americanos, bem como seus filhos e netos confrontam-se com uma indefinição de sua identidade étnica, pois apesar da socialização e da assimilação crescente da

cultura latina, esses indivíduos carregam consigo todo um sistema de valores e crenças arraigados na cultura japonesa.” (p.197) Caracterizada por ambigüidade, esta identidade era influenciada pela percepção e reflexão que cada um tinha de sua própria experiência e pelas interações concretas com os grupos, nos locais em que viveu. Em seu trabalho, a autora encontrou diversas modalidades de identidade social, segundo a avaliação do status de descendente migrante e a avaliação do desempenho profissional. Na condição de descendente, o trabalhador era avaliado na maioria das vezes como tendo desempenho negativo no seu papel, tanto pela condição de migrantes de país subdesenvolvido, quanto pelos seus valores e comportamentos, que os diferem dos japoneses. A identidade brasileira, nesse sentido, funcionava como suporte para se sobreviver ao desrespeito proveniente deste status atribuído de migrante. Já a avaliação com base no status alcançado de trabalhador era positiva, na medida em que o brasileiro é considerado, entre aqueles de várias nacionalidades, o que mais corresponde às expectativas de produtividade das fábricas no Japão. Constatou-se, portanto, que a identidade desses trabalhadores não era algo homogêneo e estático, mas dinâmico e passível de revisões através da experiência. Ou seja, os *dekasseguis* elaboraram ativamente as avaliações recebidas e todos apresentaram uma expansão da identidade, valorizando-se as qualidades relativas aos comportamentos mais expansivos e calorosos vinculados à condição de latino-americanos.

Carignato (1999) analisou os efeitos psíquicos da migração com fundamento na psicanálise, abordando o movimento migratório dos japoneses para o Brasil e dos brasileiros para o Japão. Segundo a autora, a exclusão social e as rupturas traumáticas com a cultura anterior (japonesa), mesmo logrando uma integração bem sucedida no país receptor (Brasil), levam muitos descendentes à procura do “lugar de origem” através da viagem ao Japão. Considera possível, a partir desta experiência, a construção de um novo simbólico no lugar

onde o indivíduo fixa residência, desligando-se da antiga cultura e, ao mesmo tempo, conservando sua história passada.

Um estudo importante na área da sociologia foi realizado por Oliveira (1999), que abordou a questão da identidade cultural de nipo-brasileiros no cenário do fluxo migratório em direção ao Japão. A autora salienta que, em qualquer contexto migratório, está presente a questão problemática da identidade cultural e a transformação constante a que está sujeita. Mas no caso do *nikkei*, a complexidade é maior ainda. Mesmo sendo brasileiro de nascimento, depois de várias gerações e tendo um estilo de vida primordialmente brasileiro, ele não está inserido no padrão de identidade nacional veiculado recorrentemente, devido ao fenótipo. Pois, no nosso imaginário coletivo de nação brasileira, estabelecido ao longo dos séculos, ela é constituída por três raças originárias: o branco, o índio e o negro. O *nikkei* é denominado japonês e considerado ainda estrangeiro, o que não ocorre com os descendentes de imigrantes brancos provenientes de outras culturas igualmente muito distantes da brasileira, como os russos e árabes. Porém, no Japão, esses mesmos “japoneses” tornam-se conscientes de que não são japoneses por meio da sociedade nipônica que os considera brasileiros. Além disso, em aspectos básicos e detalhes do dia-a-dia, hábitos essencialmente brasileiros contrastam com o padrão cultural japonês, no que se refere à alimentação, vestuário, hábitos de higiene, regras de disciplina, relações interpessoais e outros. O nipo-brasileiro fala alto nos meios de transporte, anda abraçado e beija em público (no caso de namorados), cumprimenta com beijo na face, possui informalidade e encontra formas de burlar regras que são demasiadamente rígidas. Os estereótipos que os descendentes carregavam no Brasil passam a ser atribuídos aos japoneses: frios, materialistas, só pensam em dinheiro, não são de falar, não são “sexy”, não sabem se divertir, tem o corpo duro, são racistas, não se misturam, e outros. No retorno ao Brasil, a percepção adquirida lá fora pode ser mais bem posicionada pelos *nikkeis*. Avaliando as experiências entre os dois mundos, se posicionam de forma mais objetiva em relação às

suas conceituações no Brasil. De forma que fica mais clara a condição bicultural e o fato de que em contextos diversos, reportar-se ao “ser japonês” pode ser utilizado como algo favorável ou não. No Japão, país que se vê único e homogêneo, como comentou a pesquisadora, a cultura brasileira está sendo divulgada de diversas formas através dos nossos “japoneses”, algo que gera a necessidade de reavaliação de paradigmas no Brasil acerca do que significa ser brasileiro.

Numa análise histórica das estratégias utilizadas pelos nipo-brasileiros na busca pela identidade nacional brasileira, Lesser (2002) aponta que as questões de identidade são críticas na tomada de decisão de deixar o Brasil para ir para o Japão, contexto em que finalmente é atribuída ao grupo *nikkei* uma identidade brasileira. Como manter uma identidade étnica numa cultura nacional que rejeita a biculturalidade tão evidenciada pelo fenótipo, como no caso dos orientais, ainda é uma questão presente e atual, conforme o autor.

Nesse mesmo sentido, Tsuda (2000) afirma que novas formas culturais e variações de práticas culturais já estabelecidas no Brasil, como aquela representada pelas performances de samba entre os *nikkeis* no Japão, são meios improvisados pelos indivíduos na afirmação de uma cultura autônoma no Japão. Através delas, defende-se um espaço cultural independente, rejeitando-se as expectativas assimilacionistas japonesas.

Toda (1995) abordou em seu estudo a experiência de desinserção do nipo-brasileiro. Este vive a impossibilidade de se assentar sobre algum solo cultural, constituída por rupturas que foram ocorrendo ao longo de diversos extratos históricos, nos processos de subjetivação dos descendentes. Para a psicóloga, no Brasil os imigrantes japoneses traziam a marca dupla da diferença, no rosto e numa cultura estranha ao mundo ocidental. As condições adversas e extremas que vivenciaram, além da impossibilidade de voltar ao país de origem são rupturas que foram sendo permeadas umas pelas outras. Os descendentes permaneceram com a marca da desinserção, através da marca oblíqua nos próprios olhos, no próprio olhar e no olhar do

outro. Hoje, em outros tempos, a vivência permanece: é esperado ainda no Brasil e nos países que seja um japonês, mas o descendente não é. Sua singularidade subverte e lança-o numa experiência de não-pertencimento. Nesse sentido, a autora aponta a criação artística como uma das possibilidades de busca de um campo de existência. Da experiência da provisoriedade e dos territórios múltiplos, abrir-se-ia assim um novo solo em que outros encontros seriam possíveis.

Mais ainda sobre essa questão: um estudo com adolescentes nipo-brasileiros, suas experiências de biculturalidade e sentidos do fenótipo oriental, realizado por Ishimori (2006), constatou que o constante sentimento de não-pertencimento em relação ao mundo ocidental e oriental que eles vivem está intrinsecamente relacionado com a maneira como significam os próprios corpos.

O estudo de Moriya (2000), médico pediatra, com adolescentes filhos de *dekasseguis* que permaneceram no Brasil aponta, entre outros fatos, que a reação desses jovens à viagem dos pais sofre forte influência cultural japonesa. Percebeu-se desamparo e dificuldade desses adolescentes em expressar os sentimentos e o sofrimento de perda dos pais causados pela separação, sendo que metade dos entrevistados encarava essa mudança com resignação, conformação e ambigüidade. Muitos referiam sintomas depressivos, em detrimento da exteriorização de formas múltiplas de agressividade.

Ocada (2002) contribuiu com uma importante perspectiva, empregando o conceito de habitus de Bourdieu, referente às capacidades criadoras, ativas e inventivas do sujeito em ação. Apesar da diferença desconcertante que existe entre um japonês e um nipo-brasileiro, haveria a presença inventiva, viva e atuante de um habitus oriental incorporado nos *nikkeis*. Esta capacidade é difícil de ser explicitada porque, segundo o autor, ao contrário do que ocorre no ocidente, na percepção japonesa não se aprende pelo que é verbalizado, mas por via de outros sentidos, tornando difícil traduzir por meio de palavras aquilo que se sente e se percebe. O

sociólogo afirmou que os valores herdados da cultura japonesa seriam reinterpretados por cada descendente e constituiriam a base para o enfrentamento das situações vivenciadas tanto no cotidiano da sociedade brasileira quanto na condição de trabalhador migrante na sociedade japonesa. O espírito do *gambarê*, por exemplo, significa ter força para suportar com perseverança e resignação adversidades impostas pelo destino, a fim de que cada indivíduo possa dar sua contribuição para atingir coletivamente a harmonia, na definição da antropóloga Célia Sakurai⁴, citada por Ocada. Movidos pela orientação estruturante do “suportar o insuportável” do chão de fábrica, os *nikkeis* chegam muitas vezes à exaustão e intenso sofrimento psíquico. Mas esse posicionamento encaminha o sujeito também no sentido da resistência, não da passividade. O silêncio orientado no sentido da submissão é convertido, assim, em resistência igualmente perseverante. O autor chama a atenção através dessas idéias para o fato de que, na interpretação desses comportamentos, as diferenças culturais emergem com nitidez na maneira como brasileiros e japoneses compreendem e se posicionam diante dos mesmos fenômenos.

O estudo de Higa (2006), em *Psicologia Social*, analisa os conflitos intrapsíquicos e interpessoais de um grupo de trabalhadores brasileiros que se encontravam no Japão, a partir de uma perspectiva emocional, considerando o mundo dos afetos. Como método, utilizou técnicas psicodramáticas. Uma característica do grupo analisado era que todos haviam migrado para o Japão na adolescência e juventude. Os trabalhadores dramatizaram situações passadas, presentes e futuras. As experiências foram agrupadas em cinco temas de análise: reação à situação de perda, interação no novo meio, organização de novos vínculos, equacionamento das dimensões do tempo e motivações para a migração. Os sujeitos nessa pesquisa procuravam superar as perdas afetivas (família, amigos, local de moradia, língua materna, estudos, cidade e outros objetos carregados afetivamente) através de processos de

⁴ Sakurai, C. (1993) *Romanceiro da imigração japonesa*. São Paulo: Editora Sumaré.

fixação em fases de desenvolvimento mais primitivas. A organização de novos vínculos encontrava-se associada a sentimentos de angústias, desamparo e isolamento psíquico, e para vários sujeitos os relacionamentos interpessoais com os colegas eram problemáticos. Na representação do presente, percebeu-se que este era um pólo temporal permanente, constituído por um cotidiano massacrante, pelas dificuldades de comunicação, pela ausência de lares e do grupo familiar continente. Assim, predominava um tom nostálgico, de tentativa de esquiva do dia-a-dia e da realidade vazia. Quanto ao passado, esse era revestido de conflitos, para alguns, ou representado por necessidades afetivas básicas satisfeitas, para outros. O futuro, de modo geral, era um pólo temporal isento de ansiedade e tensão. Simbolicamente era o Brasil, a recompensa de uma experiência em que eles colocaram em risco a própria vida. Visualizavam no futuro independência, autonomia, conquista de um trabalho próprio, reconhecimento e respeito, ou seja, a consolidação da vida adulta. Quanto às motivações para a migração, os homens alegavam razões puramente econômicas e as mulheres explicitavam de forma manifesta suas necessidades internas. Mas para ambos, o Japão tinha sido um recurso encontrado no momento de decisão do futuro, para a elaboração do luto pelos pais da infância. Se, por um lado, a experiência migratória era vivida traumáticamente, com muita dor, por outro lado, foram encontrados aspectos de resiliência em todos os sujeitos da pesquisa. O universo cultural, fechado e passível de condutas discriminatórias, exigia dessas pessoas a capacidade para suportar o sofrimento e elas faziam frente às adversidades vivenciadas, mantendo viva a esperança no futuro e na concretização de seus sonhos. Além disso, observou-se um crescimento psíquico em cada um deles, um aumento da capacidade para avaliar e discriminar a realidade e a emergência de um sentido crítico. A autora concluiu que a situação dos sujeitos de seu estudo - deslocados de seu território, de sua pátria e em trânsito - refletia afinal a condição do ser humano na contemporaneidade.

Kitahara (2005) colheu depoimentos de *ex-dekasseguis* de primeira e segunda geração no interior de comunidades japonesas em áreas rurais no Brasil. Percebeu que as mulheres enfatizavam o sentimento de revalorização de si mesmas com a vida no Japão, o que contrastava com os relatos masculinos e outros comumente conhecidos a partir de estudos e da mídia, em que se ressaltam dificuldades de adaptação, problemas com a separação da família, com educação de filhos e questão da identidade. A vida de *dekassegui* no Japão significava para as ex-imigrantes a libertação dos afazeres não-remunerados, tanto os domésticos quanto aqueles dentro dos negócios da família. Também quanto a antigos valores, dos pais e parentes e do estilo de vida rural. A pesquisadora notou que a experiência das nipo-brasileiras de origem rural e de colônia no próprio Brasil é de viver muitas vezes numa condição minoritária, como que numa “classe de estrangeiras, num mundo de vila patriarcal japonesa”. E que nesses lugares, os imigrantes e descendentes conservaram o sistema patriarcal de modo até mais fiel que no Japão, sendo que o papel social conferido à mulher é parte da manutenção étnica do grupo. Por causa dessa vivência, as nipo-brasileiras de origem rural e de colônia são mais fortes e flexíveis, mesmo enfrentando a mudança de identidade social no processo migratório para o Japão. Algumas características como honestidade, obediência, alegria e ingenuidade seriam fatores que favorecem sua melhor adaptação e boa receptividade por parte dos japoneses. Assim, a mudança de identidade social como *dekasseguis* seria responsável por uma auto-imagem de uma mulher mais livre e realizada, com poder aquisitivo e de estilo urbano assalariado, representando uma estratégia diante de difíceis circunstâncias sociais vividas em ambos os países, buscando redimensionar as discriminações étnicas e de gênero presentes nos seus cotidianos.

Observa-se através de todos esses estudos, que há uma mudança considerável na experiência dos indivíduos no Japão, inclusive quanto ao universo do trabalho, em função de

aspectos como idade, geração, classe social, gênero, região de origem no Brasil e fase do movimento migratório.

2.2 Compreendendo a migração de retorno

O retorno desses brasileiros ao Brasil, depois de ter morado no Japão, assim como ocorre com migrantes que vão e retornam também de outros países, pode ser considerado uma nova migração, pois se trata de um processo estressante onde se faz necessária uma nova aculturação psicológica, processo definido por Berry (1992), autor da psicologia intercultural, como mudança resultante do contato contínuo entre duas culturas diferentes. O conceito de aculturação psicológica, termo que tem origem no campo da antropologia, é relevante nesse estudo e será explicado mais detalhadamente na parte dos referenciais teóricos.

Conforme DeBiaggi (2004), os estudos indicam que geralmente as pessoas não estão cientes das implicações desse deslocamento, que envolvem mudanças em si mesmo e na comunidade de origem. A autora abordou em sua pesquisa a experiência de retorno de famílias brasileiras vindas dos EUA, questões relativas a papéis sociais de gênero e outros itens como a relação com a família estendida. Concluiu que, no retorno, as diferenças culturais demandam novas negociações dos papéis femininos e masculinos e uma atualização das dificuldades com a família estendida, havendo em geral um choque dos retornados com as instituições do país de origem.

Os psicanalistas Grinberg&Grinberg (1984) observam que a fantasia do retorno está presente em toda migração, buscando-se recuperar as raízes perdidas. Tal fantasia pode ter destinos diversos: permanecer como projeto adiado, mas que é fonte de prazer secreto e compensa as vivências de desenraizamento que subsistem; realizar-se parcialmente através de viagens esporádicas, de visita ao país de origem; ou concretizar-se num retorno definitivo. Mas retornar não é uma decisão fácil, pois envolve tanto esforço e vulnerabilidade psíquica quanto a ida. Afinal um luto será necessário para lidar com perdas que nem sempre estão

claras para quem pensa em retornar e espera encontrar as coisas do mesmo jeito que as deixou no país de origem, como se o tempo tivesse congelado.

Numa pesquisa recentemente realizada no Serviço de Orientação Intercultural, Leifert (2007) estudou a vivência da migração de retorno de jovens brasileiros através da técnica de psicoterapia breve em grupo. A autora constatou que as motivações da emigração, inclusive os conflitos com a família, se atualizavam no retorno ao país. A principal dificuldade do retorno estava relacionada ao estresse ligado ao sentimento de pertencimento em relação à família de origem. Assim, percebeu que o sujeito tem que negociar com seu entorno social as modificações que sofreu no país de imigração e sua percepção atual de seu ambiente no país de origem, processo caracterizado geralmente por estresse, mas que pode levar a um maior nível de diferenciação e a expansão do “self”.

Numa pesquisa de campo realizada com pessoas que haviam retornado ao país, Sasaki (2000) notou que o retorno era marcado pela incerteza e insegurança, sendo que muitos partem novamente para o Japão, uma ou várias vezes, para buscar algo melhor em termos financeiros, movimento pendular que é facilitado pelas redes sociais. Não foram poucos os casos em que a readaptação no Brasil foi mais difícil do que a adaptação na sociedade nipônica.

Segundo Oliveira (1999), ao lado do aspecto econômico, as dificuldades de readaptação à realidade brasileira são sempre atribuídas a fatores vinculados à falta de cidadania no cotidiano brasileiro: insegurança, problemas de limpeza e atendimento, pouca organização, cumprimento de horário nos meios de transporte, respeito no trânsito, nos serviços e comércio.

Poucos trabalhos de intervenção na área da psicologia com a população de adultos que retornaram do Japão foram realizados no Brasil até o momento. Em alguns importantes

trabalhos que constam na literatura, nas áreas de psicologia e psiquiatria, tem-se relatado uma forte frustração por ocasião do retorno.

Na intervenção realizada por Carignato (2004) baseada em escuta psicanalítica, foram percebidos problemas de reinserção social, dificuldades de readaptação familiar, desorientação quanto ao futuro, quanto à localização e movimentação na própria cidade onde se vivia, dificuldade para encontrar emprego por não se estar participando de redes sociais e dificuldade de entender e aproveitar a experiência adquirida no Japão. Percebeu-se que constantes deslocamentos parecem trazer sucessivas perdas de vínculos, não permitindo que o migrante construa uma inserção no Brasil ou no Japão.

No acompanhamento psiquiátrico, Nakagawa (2002) descreveu quadros confusionais transitórios observados entre certos indivíduos retornados e atendidos em sua clínica, quadros esses nomeados de “Síndrome de regresso”, com as seguintes características: dispersão do pensamento, distanciamento afetivo, grande sensibilidade às diferenças, falta de segurança, tendência autodestrutiva e tendência a repetir a viagem para o Japão, sem que haja um sentimento de estar bem nem aqui nem lá.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Psicologia Intercultural

A psicologia intercultural, segundo Paiva (1978), surgiu nos anos sessenta e estuda variáveis psicológicas em culturas distintas de forma comparativa e sistemática. A pesquisa intercultural tem como objetivo em primeiro lugar, ampliar os dados atuais da Psicologia com as variáveis culturais, a partir da conscientização de que se trata das variáveis concretas mais tipicamente humanas. Em segundo lugar, pretende produzir uma nova taxonomia dos fenômenos psicológicos ou modificar as categorias existentes que foram desenvolvidas geralmente no âmbito de apenas algumas culturas, gerando assim, novas hipóteses para a explicação do comportamento. Outro objetivo seria aprofundar de maneira sistemática e reflexa o conhecimento da própria cultura. Por fim, visa investigar os universais no comportamento humano.

Essa consciência dos pesquisadores com relação às condições culturais, que são, em grande parte, determinantes das relações interpessoais e sociais, deu origem a duas vertentes de pesquisa denominadas de êmica e ética. Esses sufixos compõem as palavras “fonêmica” e “fonética”, que são utilizadas na linguística para descrever dois sistemas de representação de sons: um sistema próprio a cada língua e um sistema geral. A vertente êmica desenvolveu-se como psicologia cultural e procura entender seu objeto como construído no interior de uma única cultura. A vertente ética, por sua vez, desenvolveu-se como psicologia intercultural e entende seu objeto como diversamente construído por duas ou mais culturas em interação. A partir de um ético provisório, aborda os êmicos culturais e deles deriva um novo ético mais abrangente. O psicólogo intercultural deverá empregar, para tanto, uma linguagem mais

abstrata e inclusiva, procurando incluir na conceituação, na categorização e formulação de relações os fenômenos psicológicos de muitas culturas (Paiva, 1978).

Ainda de acordo com o mesmo autor, a motivação pessoal do pesquisador nessa área pode proceder de fenômenos atuais de grande urgência social como urbanização, aculturação, relações internacionais e migrações, que vêm acompanhadas de conflitos entre diferentes percepções de mundo, como é o caso do presente estudo. Afinal, “Nesses encontros/desencontros culturais é toda a articulação do sentido da vida que é posta em xeque, levando a complexos processos de manutenção, de rejeição e de negociação relativos a valores, relações familiares, identidade pessoal e grupal, educação dos filhos, hábitos alimentares e de higiene, enfim toda realidade humana.” (Paiva, 2004, p. 10)

DeBiaggi (2005b) destaca o ressurgimento do interesse pela psicologia intercultural na década de 90 por parte dos pesquisadores brasileiros devido aos movimentos recentes de emigração brasileira, o contato cada vez mais freqüente com grupos culturais distintos no exterior e o impacto psicológico dessa experiência.

Um importante conceito da psicologia intercultural é o de aculturação, considerada por Berry (1992), autor da psicologia intercultural, como um processo bidimensional que envolve mudanças contínuas em ambos os grupos envolvidos no contato intercultural. Ou seja, não se trata simplesmente de um processo linear em que um grupo, ao longo do tempo, se assimila gradualmente a uma cultura dominante. As conseqüências da aculturação ocorrem tanto a nível individual, na identidade, em aspectos cognitivos, personalidade e atitudes; quanto a nível grupal, em aspectos como diversificação cultural, reações como preconceito e discriminação, estrutura social, econômica e política.

Cabe notar que a heterogeneidade constatada nas experiências dos sujeitos, a partir da revisão bibliográfica sobre brasileiros que vivem no Japão (em função de idade, condições de

trabalho, gênero, geração e outros fatores), indica convergência com o Modelo de estresse de aculturação de Berry (2004).

Segundo esse modelo teórico, é preciso considerar uma série complexa de variáveis psicológicas juntamente com variáveis culturais, sociais e situacionais que levam as pessoas a variados graus de estresse ao vivenciar a mudança de cultura. Se, por um lado, é importante considerar as características individuais e as formas de enfrentamento perante a situação vivida, é preciso também entender como esses dispositivos se inter-relacionam com outros fatores como: mudanças ocorridas no sistema familiar e em seu status social; as possibilidades de contar com um suporte comunitário, a natureza da sociedade em que se encontrava e se encontra agora (se há contextos de exclusão, preconceito ou tolerância, políticas mais assimilacionistas ou multiculturais); estratégias adotadas quanto aos graus variados de manutenção da própria cultura de origem ou adoção de aspectos e relacionamentos com a nova cultura e a fase vivenciada dentro de todo esse processo. Assim, no processo de intervenção com brasileiros retornados que viveram no Japão, procuramos considerar esses múltiplos fatores relacionados entre si.

Para entender a natureza dos conflitos psicológicos vividos pelas pessoas que mudam de cultura e país, Berry (2004), propõe quatro modalidades de relação com a cultura de origem e a nova cultura do migrante: integração, assimilação, separação e marginalização. Na integração, modalidade ligada à possibilidade de maior bem-estar psíquico, há interesse em manter a cultural original, e busca-se ao mesmo tempo interação com a sociedade majoritária. Na assimilação, os indivíduos não desejam manter os valores de origem e procuram adotar aqueles dos outros. Na separação, atribuem valor à manutenção da cultura de origem, mas desejam evitar contato com outros valores. Finalmente, na marginalização, variedade de aculturação relacionada à maior incidência de fenômenos psicopatológicos, há pouca

possibilidade ou interesse de manter a própria cultura e também de manter relacionamentos com a nova cultura.

É importante mencionar também que, segundo Berry, essas modalidades não são fixas e podem se alternar, estando em parte condicionadas pelo contexto mais amplo (político, histórico e social) do país e da sociedade, que geralmente é aquela dominante. Há contextos que favorecem ou impõem maior exclusão, segregação ou assimilação de certos grupos ou, então, ao contrário, permitem o multiculturalismo, situação ainda ideal.

Phinney (2004) traz importantes contribuições para as questões da identidade étnica, sua conscientização e sua transformação pelo contato com o outro, e para a exposição à diferença que ocorre através da migração. Phinney et al (2001) definem a identidade étnica como um aspecto da aculturação, focado nos indivíduos e seus sentimentos de pertencimento a um grupo ou cultura. Afirmam também que os processos complexos relacionados à identidade étnica, imigração e adaptação podem ser mais bem compreendidos a partir da interação entre cultura, atitudes de identificação e preferências dos imigrantes, e características do lugar de estabelecimento. Melhores resultados resultariam de oportunidades reais de os imigrantes fazerem escolhas na forma e na proporção da manutenção da própria identidade étnica e do desenvolvimento de uma nova identidade, como parte do país onde se estabeleceram.

Nesse contexto, Sluzki (1997) traz questões relevantes que são as rupturas ocorridas na rede social e nos laços sociais vitais que precisarão ser reconstruídos aos poucos pelo imigrante no novo ambiente, algo que gera sobrecarga e tensões, acompanhadas pelo luto daquilo que foi perdido e o imperativo de se fazer novos investimentos afetivos. Além disso, salienta que as mudanças nas relações familiares ocorridas com a migração demandam revisões nos papéis dentro do grupo familiar (Sluzki, 1979).

Bochner (1985) propõe um modelo de intervenção intercultural. Dentro dos limites de uma sociedade plural, há uma questão importante: a da manutenção da identidade étnica e cultural dos grupos minoritários, que seja paralela à participação destes na sociedade mais ampla. Historicamente, salienta o autor, os programas de intervenção para melhorar as relações entre os vários subgrupos nessas sociedades têm sido relativamente negligenciados pelas ciências sociais e são pouco relatados, entre todos os treinamentos voltados para facilitar os processos de contato intercultural e amenizar o estresse resultante.

Numa intervenção ou treinamento intercultural, esse propósito leva a um ponto essencial: que habilidades sociais precisam ser desenvolvidas para tanto? Primeiramente, o modelo de aprendizagem da cultura desenvolvido por Bochner tem como idéia central que a tarefa principal do sujeito não é se ajustar à nova cultura, mas aprender as características salientes desta, adquirindo uma segunda cultura. Explicando melhor: determinadas circunstâncias de contato intercultural pedem habilidades e comportamentos particulares, desejáveis ou não na cultura de origem, mas que são apropriados às novas circunstâncias. Então, desenvolver essa flexibilidade é algo útil.

No modelo de treinamento de habilidades sociais, extensão do modelo de aprendizagem da cultura, o autor incorporou duas idéias: considerou a competência intercultural como um tipo especial de habilidade social e deu atenção à importância do suporte social, que proporciona aprendizagem informal da cultura. Tendo em vista que muitos grupos e indivíduos têm uma vida isolada em relação à comunidade mais ampla, fazem-se prementes treinamentos formais. O autor partiu da evidência empírica que indica que os elementos da interação social variam entre culturas. Desse modo, mesmo as pessoas altamente capacitadas em sua própria cultura se sentem repentinamente inadequadas e frustradas em outra cultura. Os problemas interculturais surgem pelos problemas na negociação de certos encontros sociais e o ponto central é que ocorrem falhas na comunicação verbal e não-verbal,

tanto no conteúdo explícito quanto no implícito: entre estilos de comunicação diretos e indiretos, significados atribuídos a gestos, regras sociais de proximidade, contato corporal, pontualidade e outras convenções. As mensagens num contexto intercultural podem se tornar difíceis de compreender, ambíguas, distorcidas ou até ofensivas, fazendo-se necessário “aprender a jogar um novo jogo”.

Triandis⁵ (1975), citado por Bochner, distingue determinantes externos e internos às pessoas, relacionados aos conflitos no contato intercultural. Os fatores externos referem-se às desigualdades na distribuição de recursos, que levam à exploração de um grupo pelo outro. A redução desses conflitos é uma tarefa que cabe principalmente aos economistas, legisladores e àqueles envolvidos nos processos políticos. Os fatores internos têm como base as diferentes percepções do ambiente pelos indivíduos de grupos ou culturas diferentes, sendo assim um campo para psicólogos sociais. Um terceiro componente, para Bochner, são as instâncias morais (no sentido de julgamento de valores) diferentes de cada grupo.

Desse modo, para Bochner (p. 167): “Um programa efetivo de orientação intercultural precisa lidar com os três componentes do conflito de modo integrado, levando em conta os fatores políticos, econômicos, morais e psicológicos, como partes de um método global para o problema”.

Apresentamos, portanto, idéias que foram úteis na elaboração deste trabalho e para a discussão dos resultados, considerando que, no caso do Workshop, trata-se de uma intervenção para indivíduos que retornaram de uma experiência de contato intercultural no Japão, onde são considerados estrangeiros, necessitam inserir-se novamente no Brasil, país de origem, onde compõem um subgrupo étnico, sendo que alguns deles planejam repetir a saída do país. Assim, no encontro entre nipo-brasileiros e japoneses, há complexidades fundamentais que precisam ser consideradas: as desigualdades no status e a condição

⁵ Triandis, H. C. (1975) Culture training, cognitive complexity and interpersonal attitudes. In: Brislin, RW; Bochner, S. and Lonner, W.J (Eds.). *Cross-cultural perspectives on learning*. New York: Wiley.

opressiva em que vivem no Japão; o fenótipo do descendente que representa para o japonês um espelho ambíguo e revelador em que evita muitas vezes se enxergar; e o significado da cultura japonesa dos ancestrais para um *nikkei*, fatores estes que geram ao mesmo tempo para este a necessidade de resistência étnica dentro daquele país.

Para uma compreensão mais ampla e profunda no estudo do fenômeno da e/imigração e suas decorrências, DeBiaggi (2005b) propôs um diálogo entre a abordagem psicanalítica e a psicologia intercultural e, dentro dessa, a psicoterapia intercultural.

A autora salienta que é possível o olhar da psicanálise, com autores como Grinberg&Grinberg (1984), para se tentar compreender a psicodinâmica do sujeito que migra, ou seja, do seu mundo interno de relações objetais, de suas fantasias e mecanismos de defesa relativos às ansiedades paranóides despertadas diante do novo e do desconhecido, das ansiedades depressivas diante das perdas decorrentes, e das ansiedades confusionais diante a inabilidade de distinguir entre o velho e o novo, as motivações manifestas e latentes da mudança. Mas adverte que essa tentativa tem que ser cautelosa e contextualizada, na medida em que existem concepções culturais distintas de sujeito e de mundo. Pois a perspectiva intercultural em contraposição ao reducionismo baseado nos pressupostos do universo cultural a que se pertence é um imperativo ético na psicoterapia entre culturas.

Apresentaremos a seguir alguns conhecimentos psicanalíticos que podem auxiliar a compreensão da experiência subjetiva da migração, essencialmente marcada pela dimensão cultural, que não pode ser desprezada no processo de atendimento e orientação a grupos *nikkeis*.

3.2 A Psicanálise e os fatores culturais

No presente trabalho, as teorias e técnicas psicanalíticas foram utilizadas como instrumentos úteis na compreensão psicodinâmica do indivíduo que passa por deslocamentos entre contextos culturais diferentes.

Entendemos que o imigrante está sujeito a rupturas sociais e psíquicas, experiências que põem à prova sua estabilidade psíquica e emocional. Este pode ser comparado metaforicamente à criança que sofre uma separação prolongada com a perda de seus objetos significativos e continentes. Num país que é estranho, há um idioma, hábitos e modalidades de relações pouco familiares, o imigrante encontra um novo meio que nem sempre pode oferecer as condições de apoio que ele havia esperado ou idealizado em suas expectativas prévias. Uma boa relação com os objetos internos, a aceitação das perdas e a elaboração do luto permitirá que o sujeito integre de maneira discriminada os dois países, com a reorganização e consolidação do sentimento de identidade (Grinberg&Grinberg, 1984).

Essa capacidade de elaboração baseia-se num processo de maturação e desenvolvimento psíquico adequado, que dependem de um ambiente facilitador com suas funções de integração, sustentação e relação de objeto em fases precoces da existência (Winnicott, 1975).

Sabemos que existem várias tendências naquilo que se denomina psicanálise e que, dentro da perspectiva psicanalítica, Donald W. Winnicott valoriza a experiência cultural, que considera algo amplo, pois é um fundo comum e, ao mesmo tempo diferenciado da humanidade que vincula o passado, o presente e o futuro, ocupando, portanto, um espaço e um tempo. Nessa experiência, o indivíduo experimenta uma relação de troca, na qual o viver criativo permite, de um lado, desfrutar da tradição e, de outro, contribuir com a renovação. O paradoxo originalidade e aceitação da tradição, próprio da cultura, é um exemplo da ação

recíproca entre separação e união (Oliveira, 2006). A valorização da cultura, em Winnicott, se traduz pelo conceito de transicionalidade, uma área intermediária de relações entre o objeto subjetivamente concebido (mundo interno) e o objeto objetivamente percebido (realidade externa) e que, conforme Oliveira (2006, p. 10): “prestou contribuição ao pensamento psicanalítico ao reavaliar o papel da cultura, ou seja, tirando-a do lugar tipicamente tido como o de causa de descontentamento e colocando-a como algo positivo e construtivo da experiência humana”.

Entendemos, portanto, que nessa perspectiva os encontros interculturais podem ser considerados espaços potenciais de troca e de constituição do psiquismo humano.

Winnicott chamou a atenção também para a importância de que o terapeuta exercite a flexibilidade de setting de acordo com as características do paciente. Entre suas idéias, há a afirmação de que o psicanalista deve fazer análise quando o paciente dela necessita, e deve fazer outra coisa mais apropriada quando a situação o solicita (Winnicott, 1962). O fazer clínico para esse autor deve ocorrer de modo flexível e inventivo, de sorte que novos desafios recebam respostas criativas e, ao mesmo tempo, fundamentadas de modo rigoroso, do ponto de vista teórico e metodológico (Vaisberg, 2004).

Na tentativa de elaboração de uma questão surgida na clínica psicanalítica, decorrente do impasse teórico e metodológico frente à singularidade de uma paciente de meio cultural japonês, portanto não-ocidental, Marques (2001) utilizou referenciais teóricos da psicanálise winnicottiana. A análise dos fenômenos de transferência/contratransferência que ocorreram ao longo do processo da paciente revelou diferentes formas de relacionamento interpessoal e de percepção da realidade. A autora propõe um questionamento do manejo das diferenças culturais, que pede uma reflexão profunda e minuciosa do método psicanalítico, através, por exemplo, do uso de uma técnica transicional.

Aliás, as constatações relativas ao processo de retorno dos brasileiros confirmam o que vários estudiosos já observaram quanto à necessidade teórica e prática de se entender os fundamentos culturais implicados no atendimento psicoterápico.

Para Berry (1992), assim como existem fatores culturais envolvidos no desenvolvimento e na manifestação das psicopatologias, também há fatores culturais envolvidos no processo de psicoterapia, como tentativa de aliviar tais problemas. Os valores e práticas culturais de uma sociedade entram no processo terapêutico, tornando-se parte das definições e compreensões do terapeuta e do cliente acerca de tais problemas. Assim, dentro das diversas psicoterapias, aquelas baseadas na teoria e no método ocidental, como a psicanálise, que é popular em nossa sociedade, mas não é absoluta e universal, corre o risco de sérios equívocos de interpretação e comunicação, quando utilizadas no atendimento de pessoas de culturas diversas.

Por isso, não consideramos que os conceitos psicanalíticos sejam inteiramente suficientes. Procuramos também dialogar com conhecimentos do campo da antropologia e de outras áreas. Afinal, como pensar teoricamente os mecanismos envolvidos, por exemplo, na culpa, sentimento central na conduta dos japoneses e de seus descendentes, somente a partir da psicanálise?

Muitos autores psicanalistas são fortemente influenciados pelos valores éticos do Ocidente, com base religiosa no judaísmo e no cristianismo e na idéia do controle dos impulsos irracionais através de sanções universais divinas. Na explicação dos mecanismos envolvidos na culpa, a partir da descrição do desenvolvimento psicosexual, tendem a enfatizar por um lado, o superego e por outro, conceitos como individuação e autonomia. Já nos ideais de maturação valorizados na sociedade tradicional japonesa, existe ênfase maior no conceito de pertencimento, e a internalização de um ideal de ego é definida em termos do papel social do comportamento.

O antropólogo George DeVos (1986), num texto revisado a partir de outro anterior, escrito em 1960, a respeito do tema, descreve a socialização das crianças japonesas. Num processo de treinamento, essas crianças, no contato com os outros, aprendem mais e mais a serem diplomáticas, suprimindo impulsos e sentimentos que possam ser desfavoráveis às relações sociais dentro do grupo ao qual pertencem. Desde cedo, então, internaliza-se a necessidade de se comportar no papel apropriado e, para tanto, aprende-se a ser sensível ao protocolo e estar atento aos sentimentos dos outros.

A respeito da psicopatologia, Draguns (1980), afirma que as teorias psicodinâmicas nas culturas ocidentais, começando por Freud, mas também as modernas teorias cognitivas, fenomenológicas, existenciais e humanistas debruçaram-se intensamente sobre as produções verbais de pessoas enredadas em suas angústias subjetivas. São elas generalizações de certas observações realizadas do funcionamento humano considerado anormal nessas sociedades, e que resultaram na formulação de princípios gerais da psicologia. Mas, compreender o comportamento humano, que é muito mais complexo e variado, exige considerar o mundo subjetivo particular de cada cultura, que é mais bem captado pelo observador de fora. Para Draguns, o estudo dos distúrbios de comportamento em diversas culturas revela a continuidade entre o comportamento considerado normal e o anormal, a plasticidade na expressão da psicopatologia e a interface existente entre o comportamento social e o comportamento anormal. A investigação nessa área, que ainda está nos primórdios, enfrenta obstáculos metodológicos e práticos. Mais do que produzir respostas definitivas, faz-se necessário formular questões relevantes.

Segundo Falicov (1995), a visão de uma pessoa depende da perspectiva que estrutura e organiza as observações da realidade. No caso do terapeuta e sua prática, estão em jogo seus mapas teóricos, quer dizer, suas preferências que fazem parte de uma subcultura teórica e profissional. Sua perspectiva é influenciada também pelas experiências em sua família de

origem e por valores que dizem respeito a mapas pessoais. Um ponto crucial é que existem códigos culturais para a organização dos núcleos familiares. Esses códigos regulam questões de proximidade e distanciamento, fronteiras hierárquicas de gênero e relações intergeracionais, valores associados à individuação pessoal e conexão com a família, estilos de comunicação direta ou indireta e expressividade emocional, tanto entre membros da família quanto com os de fora.

Tseng e Hsu (1979) reconhecem que as influências culturais estão presentes tanto na orientação do paciente quanto no sistema de tratamento e crença na efetividade deste, na validação e empatia do terapeuta pelos problemas e crenças do paciente, na transferência e contratransferência culturais, no que se espera da relação pessoal, no objetivo da terapia e no conceito de saúde.

Os significados do auxílio “psi” existentes na população do presente estudo podem ser mais bem compreendidos quando se pensa nas crenças japonesas em relação aos distúrbios mentais e ao tratamento na área da saúde mental. Segundo Munakata (1986), os aspectos empíricos do adoecimento - físico, mental e comportamental – costumam variar de acordo com o background sócio-cultural. Na Ásia Oriental, incluindo o Japão, há o predomínio da noção de que somente a perda de equilíbrio físico é permissível. O adoecimento associado aos distúrbios mentais e desvios de comportamento é compreendido como falta de autocontrole mental, algo que envolve força de vontade da própria pessoa. Os japoneses são tradicionalmente socializados para assumir a responsabilidade pela própria saúde. Quando alguém falha em observar costumes sociais durante um episódio de distúrbio mental, a sociedade espera que a família então controle e ajude na recuperação. Poucos procurarão por psiquiatras, pois o problema tende a ser encarado como privado, sem interferência de pessoas de fora. Mesmo se a família encontra dificuldades, a idéia de abandonar essa responsabilidade pode produzir críticas e sentimentos de culpa.

Quanto ao relacionamento entre médico e paciente, costuma haver segundo Munakata (1986) uma dependência do segundo em relação ao primeiro, que assume a inteira responsabilidade pelo tratamento e cuidado de seus pacientes. Enquanto se espera que o paciente e sua família intuem, através da comunicação não-verbal, como está a situação e os limites do que o profissional pode fazer, este assume decisões como se fosse o chefe da família. Trata-se de algo contrastante em relação ao que costuma ocorrer nos países de cultura ocidental, em que um médico ou psicólogo expõe vários aspectos a seu paciente e família, bem como os habilita a tomar as decisões necessárias.

Modelos e técnicas terapêuticas de origem japonesa, como a Terapia Naikan, baseada na introspecção dirigida para mudança de comportamento, e a Terapia Morita, que enfatiza a aceitação da realidade fenomenológica como ela é, refletem concepções culturais influenciadas por valores budistas e confucionistas. Nestas concepções, o ser humano alcança a liberdade justamente por meio da consciência da dependência em relação aos outros. Quer dizer, são bem distintas das idéias que orientam as terapias ocidentais, que enfatizam autonomia e o processo de individuação dos sujeitos (Kitano, 1986).

Encontramos na própria língua japonesa, uma diferente visão e forma de apreender o mundo, apesar de variações regionais, de idade, gênero, classe social e outras. Quando se descreve um fenômeno ou evento, o foco para o japonês está na cena como um todo e nas relações existentes entre seus elementos, em contraste com a língua inglesa, em que o foco está no ator que inicia uma ação dentro da cena. Vários mecanismos para expressar mensagens que refletem a relacionalidade social, algo essencial para os japoneses, estão presentes, segundo a lingüista Maynard (1997). Estilos de conversa que encorajam interação empática através de estratégias como reações, gestos e silêncio do ouvinte revelam a importância da colaboração e reciprocidade no processo de comunicação. Além disso, as estratégias para evitar confrontos indesejáveis são abundantes no discurso em língua japonesa.

A estrutura linguística japonesa está repleta de formas passivas exprimindo indireção, auto-repressão em consideração aos demais, evasividade, humildade e desculpas.

Takie Lebra (1993) explica que a centralidade da empatia no comportamento interpessoal dos japoneses está intimamente ligada à intensa vulnerabilidade e dependência psicológica em relação ao outro. As formas passivas têm o papel de suavizar situações adversas e exprimir o quanto a pessoa se sente afetada emocionalmente pelo outro, com quem se sente identificado.

Para os japoneses, a empatia ou *omoiyari* é uma das virtudes consideradas indispensáveis para alguém ser realmente humano, moralmente maduro e merecedor de respeito. A antropóloga considera a cultura japonesa como “cultura da empatia”. Essa é definida como a capacidade e disposição para sentir o que os outros sentem, experienciar o prazer ou dor por que estão passando e ajudá-los a satisfazer seus desejos. A idéia é de entrar no coração do outro, absorvendo informações sobre os sentimentos deste, sem verbalizar. As interações variam de forma situacional, havendo forte senso de ocasião, que depende, por exemplo, do momento e da igualdade hierárquica entre os participantes. O objetivo fundamental é manter a integridade moral e social. Há fortes distinções entre *uchi* e *soto*, o domínio interno/privado *versus* o externo/público, que embora sejam característicos da cultura humana em geral, são determinantes essenciais no modo como os japoneses interagem, marcando terrenos de intimidade/proximidade ou comportamento mais distante/ritualístico. Há uma segunda dicotomia entre *omote* e *ura*, à frente e atrás, entre aquilo que se expõe à atenção pública e o que deve ser escondido aos olhos do público. Prefere-se evitar comportamentos que criem o risco de provocar sentimentos de vergonha, como a auto-exposição direta, algo indesejável, suprimindo os sentimentos naturais e a espontaneidade através de uma circunspeção ritual (Lebra, 1976).

As características culturais, analisadas por Chan e Leong (1994), que tendem a guiar o comportamento dos indivíduos e famílias chinesas nos Estados Unidos, assemelham-se em parte a aspectos mencionados do nosso grupo nipo-brasileiro em questão. Um deles é a resistência e o estranhamento da família quanto a falar com um profissional de fora sobre seus próprios problemas, cujas causas não são vistas da mesma maneira. Assim, baseados nestas informações culturais, Chan e Leong sugeriram, entre outros, métodos de tratamento específicos para este grupo, como, consideração de um método mais psicossocial que psicológico, pois muitos dos problemas emocionais estão relacionados à mudança cultural; preferência dada a um método mais autocrático, onde o terapeuta é mais efetivo quando assume um papel claro de líder, possibilitando direções ao paciente, quando isto é requisitado; respeito e aceitação da necessidade de dependência do paciente na relação terapêutica, algo que pode estar relacionado ao respeito pela autoridade e, por último; aceitação das modalidades de tratamento alternativas que são culturalmente relevantes.

4 OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivos:

- 1) Apresentar a configuração de uma intervenção psicossocial breve voltada a um grupo de brasileiros que viveram no Japão no retorno destes ao Brasil, a partir de reflexões e elaborações teóricas baseadas na Psicologia Intercultural e em conceitos da abordagem psicanalítica.
- 2) Conhecer a vivência desses indivíduos no que se refere a suas representações culturais do Brasil e Japão e ao processo de retorno ao país.
- 3) Avaliar a contribuição e eficácia dessa intervenção psicossocial na elaboração psicológica da experiência migratória e de possíveis conflitos existentes.

5 A INTERVENÇÃO

5.1 Orientação e atendimento intercultural a brasileiros que retornaram do Japão

No percurso desta pesquisa, houve um movimento necessário de busca das possibilidades de intervenção com brasileiros retornados do Japão. Partimos da hipótese de que uma vivência compartilhada num grupo poderia auxiliar na elaboração emocional da experiência ocorrida no Japão e no desenvolvimento de novas habilidades necessárias na reinserção no Brasil, com destaque da formação de novas redes sociais.

Em seguida, serão descritas diferentes etapas no desenvolvimento da pesquisa, a partir de acontecimentos espontâneos e imprevistos, que revelaram realidades e dados significativos para a configuração desta proposta.

Um primeiro aspecto a ser destacado, que ocorreu no processo de divulgação deste atendimento voltado a *dekasseguis* retornados do Japão, foi o estranhamento de várias pessoas da comunidade japonesa e nipo-brasileira diante de tal possibilidade. Seguem algumas situações registradas na divulgação desse atendimento na comunidade nipo-brasileira:

Um senhor, imigrante japonês, secretário de uma associação cultural de província, no Bairro da Liberdade, muito desconfiado inicialmente, chegou a questionar o porquê da existência de tantos grupos que tratam da questão. Reações como essas fizeram pensar que a realidade desse movimento migratório tem gerado uma ampla gama de instituições que visam explorar os indivíduos e suas famílias, oferecendo serviços ou absorvendo informações sem cunho social e assistencial. Ao mesmo tempo, o discurso de uma senhora imigrante faz pensar no significado de vergonha e falha que a ida dos *nikkeis* para o Japão como trabalhadores

temporários tem, principalmente para a primeira geração: “*Desculpe-me, mas não posso ajudar muito na divulgação desse trabalho. As pessoas com quem convivo são de outro nível, elas se esforçaram, estudaram no Brasil e não precisaram ir para o Japão.*”

Algumas instituições da comunidade, formadas por jovens de classe média, das segunda, terceira e quarta gerações também parecem evitar a questão, procurando ter como foco de suas atividades o sucesso profissional no país. Na mesma linha, alguns colegas relataram informalmente que se sentem constrangidos ao falar que já foram ao Japão como *dekasseguis*, em determinados ambientes *nikkeis*.

Ir para o Japão foi visto, principalmente no início do movimento, como escolha vergonhosa e indesejável, tanto no nível das comunidades nipo-brasileiras quanto no da sociedade brasileira mais ampla, como afirma Ishi (2003, p.79):

Apenas perdedores seriam condenados a ir para longe de um país bonito em que os japoneses e seus descendentes ascenderam na escala social, de agricultores a proprietários no meio urbano ao longo do século vinte, conquistando a visão dentro da sociedade como bons trabalhadores e relativamente ricos

Em um simpósio comemorativo da imigração japonesa, os líderes rejeitaram a discussão acerca do *dekassegui*, tratado como um problema a ser ignorado ou ocultado. Mas Ishi acredita que apesar deste estigma negativo a que estão sujeitos também no Brasil, os trabalhadores têm provado que são criativos e positivos nas avaliações de suas vidas no Japão.

Diversos contatos por telefone e por meio da internet no Serviço de Orientação Intercultural revelaram uma demanda de apoio e atendimento. Essa procura foi realizada pela própria pessoa no Brasil ou no Japão (em um dos casos), ou por membros da família, que simplesmente pediam informações sobre como funciona o atendimento, ou buscavam auxílio, relatando desorientação, depressão, ansiedade, exaustão, problemas de identidade, idéias suicidas, fechamento e recusa de auxílio profissional pela pessoa em questão. Muitas vezes, no entanto, devido a problemas alegados de tempo e mudança de planos quanto à estadia no

país, não houve efetivamente uma vinda ao serviço. Algumas situações registradas foram as seguintes:

1. Uma mãe deixou uma mensagem sem se identificar, procurando atendimento para a filha que retornou do Japão. Entramos em contato por telefone com essa mãe, ela se mostra desconfiada no início, mas conta que a filha está revoltada com o Japão, encontra-se muito sozinha e tem problemas de relacionamento interpessoal. Não há comunicação entre elas e conta que a filha não aceita procurar ajuda.
2. Uma colega nipo-brasileira que atua numa Associação Cultural *nikkei* entrou em contato com o Serviço de Orientação Intercultural, procurando ajuda para um jovem de 25 anos, filho de um casal amigo de seus pais. Informou que ele retornou do Japão após um ano de estadia. Diz que, segundo a família, o rapaz está deprimido, com vontade de morrer, não está querendo ajuda e há uns cinco anos fez tratamento medicamentoso para depressão. Ou seja, tudo indica que se encontra em estado emocional comprometido e há muita preocupação dos pais. Entramos em contato com a família por telefone. Mas o pai disse que o filho já está bem, que o problema dele é apenas cansaço pelo excesso de atividades no trabalho e estiveram preocupados exageradamente ao procurar auxílio externo. Deixamos o número de telefone do serviço caso o filho necessite conversar sobre a experiência no Japão, mesmo que já esteja melhor. Não ocorreu procura de atendimento posterior.
3. Em um e-mail recebido, Glória⁶, que se encontrava trabalhando no Japão há mais de dez anos, mostra-se interessada no atendimento e pede que seja marcada uma entrevista no mês seguinte, quando estará de férias no Brasil. Expressa “estado de exaustão pela vida dupla entre Brasil e Japão”, problemas de identidade e inassertividade. Queixa-se também de “dificuldades de projetar objetivos concretos e

⁶ Todos os nomes citados neste trabalho são fictícios.

realistas e de demonstrar as emoções”. Respondemos sua mensagem, oferecendo orientação, mas não houve resposta. Mais tarde, conta que quer procurar o serviço, mas a volta ao país foi adiada.

4. Um rapaz ligou para o serviço procurando atendimento para o irmão Maurício, de 27 anos, que vivera 15 anos no Japão e tinha retornado. Entrei em contato com Maurício, que ficou surpreso e não sabia que seu irmão havia telefonado. Disse estar perdido, mas não acredita que seu problema tenha a ver com o Japão ou com questões culturais. Parece encarar sua condição de maneira bem racional e não deseja marcar uma entrevista.

Essa procura tímida das famílias *nikkeis* por formas de auxílio psicológico mostra uma questão de interpretação complexa, que envolve tanto a situação concreta de desorientação e mobilidade contínua vivida pelos migrantes, quanto alguns aspectos culturais discutidos no capítulo anterior. Acreditamos que essa questão pôde ser facilitada pelo fato de que no atendimento intercultural as vivências relativas à cultura e mudança de país são entendidas como situações potencialmente estressantes, procurando-se ter em conta a dinâmica psíquica dos sujeitos naquele momento, e não os classificando em termos de estruturas fixas de personalidade ou como portadores de distúrbios psicopatológicos.

Entre julho de 2005 e abril de 2007, alguns atendimentos individuais breves a brasileiros retornados do Japão foram realizados por mim no Serviço de Orientação Intercultural do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social do IPUSP.

Nesses atendimentos breves, percebeu-se que as pessoas viviam situações de trânsito, com problemas de reinserção social e profissional, fazendo-se necessários vínculos que conferissem um sentido a essas experiências. Apesar de contatos pessoais positivos que puderam ser construídos por elas em relação à terapeuta e à instituição, muitos acabaram sendo interrompidos, devido ao desligamento por iniciativa da própria pessoa. Das seis

peessoas atendidas, três foram em psicoterapia de duração breve e três foram atendidas em uma única entrevista. Dois brasileiros atendidos acabaram emigrando para o Japão novamente após uma única entrevista, em que paradoxalmente afirmavam o desejo de permanecer no Brasil. Os demais estavam tentando se estabelecer no país, mas a possibilidade de voltar ao Japão estava sempre presente.

Nessas intervenções, procurou-se atuar no desenvolvimento da compreensão da pessoa, quanto à situação de vulnerabilidade vivida e quanto à capacidade de buscar auxílio em outros lugares e em outro momento mais propício.

Edna, por exemplo, de 36 anos, filha de japoneses, retornara recentemente ao país pela necessidade de fazer uma consulta médica de retorno e procurou auxílio contando que se sentia isolada, desorientada na cidade e com muito medo de sair de casa. Comparece a uma entrevista inicial, apesar da dificuldade em encontrar tempo para isso. Nesse encontro, expressa satisfação por ter conseguido chegar até a USP dirigindo. Diz que tem dificuldades de se abrir, mesmo com psicólogos, e não se sente inserida socialmente no Japão e no Brasil. Seu rumo é incerto, não sabe onde permanecer. Incomoda-lhe o fato de que não costuma haver continuidade em seus vínculos pessoais. Relata problemas familiares graves, o tratamento psiquiátrico para depressão pelo qual passou e o peso da responsabilidade que carrega por ser a filha primogênita numa família de origem japonesa. Ao mesmo tempo, Edna consegue recordar e pensar em lugares da cidade de São Paulo que têm significado para ela. Parece sentir-se acolhida ao expor suas angústias, algo que não costuma ser possível. Ressalto a possibilidade de sua inserção no atendimento e a inclusão de seu e-mail, como forma de contato, no registro de sua ficha no serviço, preenchida por ela mesma. No entanto, numa segunda sessão marcada, Edna chega quase no final do horário reservado e comunica que está indo de novo para o Japão. Traz uma planta num vaso como presente, agradecendo e pedindo

desculpas por não poder continuar. Compartilha expectativas dessa nova partida, mas repete o movimento de não continuidade dos vínculos, algo que tem sido constante em sua vida.

Os brasileiros atendidos no período citado que estavam, com apenas uma exceção, na faixa etária de 25 a 36 anos, haviam trabalhado em diversos setores no Japão, sendo algo freqüente o relato de mudança de uma fábrica para outra e mudanças de moradia entre aqueles que permaneceram vários anos nesse país. Muda-se, muitas vezes, por necessidade; outras mudanças ocorrem pela compulsão desenfreada por salários melhores, pois o cálculo numérico do quanto se irá ganhar é uma constante na vida diária. Relataram falta de amparo das instituições, bem como das empreiteiras que recrutam os trabalhadores, mas depois não se responsabilizam por eles quando ocorrem problemas, além de situações de cansaço, opressão e desumanização no trabalho, em que há um controle rígido voltado para rendimentos. Exige-se uma disciplina no sentido de agüentar e acaba-se engolindo a raiva, que se converte em atitudes hostis explosivas.

Entre encontros e desencontros culturais no trabalho operário e no dia-a-dia, os brasileiros são obrigados a desenvolver estratégias de sobrevivência, em que há o predomínio do trabalho sobre as demais atividades, e o tempo livre é utilizado para cuidar da sobrevivência (comer, fazer compras, dormir, cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos). Há pouco espaço para o lazer e bens culturais, como descreveu Kawamura (1999).

Discriminação e barreiras na interação com os japoneses, sentidas no trabalho, nem sempre contornadas pelo conhecimento da língua, foram experiências relatadas em alguns atendimentos. Havia queixas em relação à falta de cooperação entre os brasileiros. No cotidiano se estranhavam os tratamentos de saúde, em que a relação dos profissionais é tida como fria e diferente do Brasil, e cujos altos custos levam as pessoas ao medo de adoecer naquele país.

Entre os brasileiros atendidos, houve diversidade no que se refere às estratégias de aculturação que parecem ter sido adotadas no Japão. Variedades de separação e marginalização foram predominantes, embora uma das pessoas, presente numa entrevista inicial, tenha expressado uma estratégia positiva de integração tanto no Japão quanto no Brasil.

No retorno percebeu-se que os choques culturais comumente levavam as pessoas a estados depressivos, diante da necessidade de resgate das relações familiares e de atualização do tempo não vivido no país e com aqueles que aqui ficaram, da frustração de ter que lidar com a violência, a falta de organização na cidade e a burocracia dos serviços de atendimento. A isso se acrescenta a retomada de questões pessoais e de empreendimentos que ficaram suspensos, os crescentes questionamentos dessa realidade e a tarefa árdua de reinserção profissional num país cujo panorama de empregos é pouco estimulante.

Segundo Tsuda (2003), entre as conseqüências potencialmente negativas da alienação social que os migrantes transnacionais experienciam, num estado de anomia e ruptura social, há a maior vulnerabilidade aos distúrbios psicológicos, sendo a alucinação a perturbação mais freqüente entre os migrantes *nikkeis*.

De fato, em um dos casos atendidos, o processo de aculturação no Brasil foi caracterizado por desintegração psíquica, delírios paranóicos e forte dificuldade nas interações pessoais. As características da cultura japonesa, no que dizem respeito ao significado implícito na comunicação não-verbal e à vigilância social do comportamento individual, foram vividas de maneira bastante angustiante pelo sujeito, aguçando a persecutoriedade que continuou no Brasil. No Japão, é necessário intuir o que o outro pensa sem verbalizar, algo que, interpretado literalmente, foi associado ao medo de ser também dissecado nos próprios pensamentos. A adaptação ao meio encontrava-se assim bem comprometida, configurando uma estratégia de marginalização.

A partir do atendimento de Melissa, 25 anos, descendente de terceira geração, surgiram outras questões importantes. A estudante universitária procurou o Serviço de Orientação Intercultural, angustiada por separações e perdas ocorridas nos últimos anos, como a separação dos pais, e a partida destes e do namorado para o Japão como *dekasseguis*. Ambas as mudanças entre culturas ocorridas na família, primeiro a da avó como imigrante adolescente no contexto brasileiro, ocorrida há décadas atrás, a seguir a própria emigração temporária de Melissa para o Japão, ocorrida há alguns anos, haviam sido vividas de maneira traumática, marcadas por uma impossibilidade de comunicação. A experiência de estar num outro país fora muito angustiante, o que nos leva a constatar que a experiência migratória realmente torna-se parte da herança familiar. O impacto transgeracional (Sluzki, 1979) resulta de conflitos não resolvidos no processo de adaptação da primeira geração, que vão se expressar na segunda geração e assim por diante.

Na fase de vida em que Melissa se encontrava, tais vivências e a necessidade de decisões, principalmente as afetivas e profissionais quanto ao futuro, como ir ou não morar novamente no Japão, estavam provocando um forte estado de desamparo e um impasse entre modelos de feminilidade. Vir a ser uma mulher significava para ela negociar os valores presentes no contexto brasileiro em que nasceu e em que vive e, ao mesmo tempo, lidar com o medo de ocupar um papel feminino submisso que ainda é predominante na cultura japonesa e era característico das mulheres em sua família.

No curso do atendimento, a história familiar de Melissa e as questões culturais foram sendo tocadas, na medida em que ela trouxe aos encontros as suas inquietações. Melissa esteve nas primeiras sessões muito angustiada, porém bastante controlada na manifestação de suas emoções e de seu estado de desespero. Em alguns momentos, conseguia chorar, embora se contendo, necessitando recriminar seu “descontrole”. Em outros, buscava mais uma orientação prática no atendimento, sem entrar no âmbito emocional mais “profundo”. Toma

em seguida a decisão de ir para o Japão novamente, para trabalhar temporariamente num breve período. No retorno, volta a procurar o serviço, porém com o objetivo de se informar sobre possibilidades de trabalhar no Japão como profissional qualificada. Colocou-se a possibilidade, então, de Melissa procurar o serviço em momentos em que fosse necessário. Ocorreram alguns encontros, em que pôde trocar idéias sobre planos e acontecimentos recentes. Passamos informações concretas sobre mudança para o Japão e contatos de pessoas no Brasil e Japão que poderiam auxiliar. O serviço tornou-se assim um ponto de referência em meio à condição de incerteza que estava vivendo.

Os padrões japoneses de comportamento, descritos anteriormente na seção 3, foram úteis na percepção de elementos da comunicação interpessoal característicos da cultura japonesa e para a compreensão da situação que acabou de ser relatada. O uso de uma comunicação mediada, antecipatória, com sentidos implícitos, de um comportamento hesitante e cerimonioso, com a ritualização e uso da auto-expressão, em forma de diário, por exemplo, é característico dos japoneses e alguns desses aspectos permanecem nos descendentes.

Concluimos assim que, no caso de uma intervenção psicossocial em grupo com a população deste estudo, seria fundamental uma flexibilidade de técnica e manejo. A intervenção deveria ter uma duração curta, dada a condição de transitoriedade das pessoas entre os dois países e a urgência em tratar das questões que costumam acometê-las no retorno: identidade, readaptação cultural, reinserção profissional, dúvidas quanto a permanecer no Brasil ou não, entre outras. Atividades de caráter lúdico, como filmes, poderiam ser incluídas como instrumentos facilitadores da expressão dessas condições.

No encaminhamento da intervenção, de muito nos valeram as recomendações de Baptiste (1993) aos terapeutas familiares que trabalham com famílias imigrantes em situação de transição cultural em que estejam presentes conflitos entre pais e adolescentes. Recomenda

ao terapeuta examinar as próprias atitudes, sentimentos e crenças pessoais acerca de famílias imigrantes, conscientes de que esses podem afetar de forma negativa o processo de terapia e seus resultados; orientar as intervenções de forma mais direta, ativa e focada; identificar a fase atual do processo familiar de migração; aprender sobre a cultura familiar a partir da própria família; estar aberto para conhecer os recursos comunitários relevantes, que podem ser de ajuda suplementar à terapia; considerar a utilização de um co-terapeuta, que tem familiaridade com a língua e cultura da família; ajudar pais e adolescentes a solucionar questões de independência e dependência no desenvolvimento; e, por último, ser flexível e pragmático nas técnicas terapêuticas com essas famílias. Ou seja, Baptiste recomenda um método que incorpora técnicas estratégicas, comportamentais e informativas, para a construção de uma relação de confiança no processo terapêutico.

Desse modo, numa primeira tentativa de chamar pessoas retornadas do Japão para participar de um grupo na Casa da Cultura Japonesa, localizada na Cidade Universitária, foram confeccionados cartazes anunciando um Grupo de Orientação Intercultural para essa população. Trazia como objetivos: compartilhar vivências de choque cultural, vivências acerca de trabalho, família e identidade, e aprendizagem de formas de convivência com a cultura brasileira e japonesa. A divulgação ocorreu em diversos locais como associações e entidades nipo-brasileiras, universidades, bem como via correio-eletrônico a vários destinatários. Contudo, houve retorno de apenas algumas pessoas curiosas a respeito do que se tratava, mas que não se inscreveram efetivamente. O termo “Orientação Intercultural” não era claramente compreendido e as pessoas relatavam dificuldades para se chegar até a Cidade Universitária.

Paralelamente, a divulgação de palestras, cursos e workshops voltados para a comunidade nipo-brasileira, por meio de correio eletrônico ou material impresso, promovida por entidades que agregam descendentes, chamou a atenção pela linguagem direta e objetiva.

Esses eventos tinham a participação de profissionais em sua grande maioria da área organizacional. Abordavam temas como capacitação profissional, planejamento de projetos para alcançar objetivos, memorização de informação, estimulação da criatividade e da produtividade, administração do tempo, importância das ações estratégicas no crescimento pessoal, tomada de decisões e análise problemas e soluções, estabelecimento de metas e novas perspectivas, curso de oratória e desinibição para controle da timidez e ansiedade, como conhecer, treinar e melhorar hábitos de comunicação, como combinar o melhor da cultura nipônica com a cultura ocidental.

Alguns dos seminários voltados especificamente para brasileiros retornados do Japão enfocam, entre outras habilidades, o desenvolvimento da capacidade de empreendedorismo, atividades práticas e treinamento para auto-conhecimento e auto-estima, liderança, sucesso e motivação, importância do networking para oportunidades de trabalho e negócio. Utilizam chamadas: “como se prevenir contra armadilhas e golpes”, “como retornar bem ao país”, “como se readaptar ao país”, “o que fazer para lidar com conflitos, pressões, incertezas e dilemas no retorno ao Brasil”, “como trilhar um caminho para aumentar o nível de seu potencial”.

O desenvolvimento pessoal, algo almejado pelos participantes, é considerado um processo a ser alcançado através de reeducação comportamental. Como expresso em uma das divulgações de curso recebidas: “irá preparar o participante a enfrentar o mundo atual com realismo através de técnicas, táticas, truques e dicas para reduzir o medo, a ansiedade, o nervosismo e desenvolver tecnicamente o autocontrole”. Em alguns desses seminários a que pude assistir, os palestrantes assumiam papéis claros de veteranos e os participantes de calouros seguidores que necessitavam aprender com os mais experientes, conforme as relações hierárquicas características da cultura japonesa e presentes em certas associações de jovens da comunidade. Outros coordenadores numa posição mais crítica acolhiam e

aconselhavam como se estivessem nos papéis de genitores. Ao mesmo tempo incentivavam os participantes ao esforço pessoal, para que não retornassem para o Japão, caminho considerado mais fácil, porém problemático, pela entidade. Movimentos de capacitação como o SEBRAE promovem cursos e treinamentos em direção ao empreendedorismo. Acentua-se a mudança de comportamento, treinamento mental e abordagem de deficiências pessoais. O sucesso pode ser alcançado pela mudança das formas de agir e pensar. Utilizam-se lemas como, por exemplo, “É só tentar”, “Planejar para vencer”, sendo este último o nome de um curso preparatório para a ida ao Japão.

Embora muitos desses cursos contem com poucos participantes retornados do Japão, parece haver familiaridade maior dos nipo-brasileiros com tal orientação concreta e busca de meios mais racionais para a resolução de problemas. Sabemos que no nível psíquico as coisas são muito mais complexas. Contudo, o atendimento psicológico, de cunho mais subjetivo, acaba muitas vezes não sendo compreendido ou aceito como forma de auxílio efetivo. Muitas pessoas entram em contato com o serviço e perguntam: “Mas como funciona, quais serão os resultados?”.

Como afirma Sundberg (1986), a localização física e a organização social dos serviços de saúde mental têm significados simbólicos. A conveniência de acesso e interesse, além dos estilos de comunicação da equipe, pode encorajar ou desencorajar a utilização desses serviços e o alcance dos resultados.

Em função dessas percepções, foram utilizadas estratégias de mudança do local, da Cidade Universitária para o bairro da Liberdade, e de modificação na linguagem de recrutamento dos participantes. Um segundo cartaz foi elaborado em seguida divulgando o Workshop voltado para quem morou no Japão e retornou ao país e para quem está na dúvida se fica ou não no Brasil. Os objetivos apresentados foram: adaptação cultural através de atividades práticas e didáticas, desenvolvimento de novas habilidades necessárias para

inserção profissional, aprendizagem de formas de convivência com a cultura brasileira e japonesa e também de técnicas de comunicação e auto-conhecimento para reinserção na vida brasileira (Anexo A).

Por fim, o interesse despertado na mídia pelo workshop e o assunto do retorno de *dekasseguis* ao Brasil foi outra observação relevante. Esse tema parece ter se tornado um mercado em potencial dirigido para leitores e consumidores, ávidos por respostas para questões pungentes que vivem na pele. Os jornais e em geral a mídia da comunidade expressam preocupação pelos problemas que os brasileiros estão vivendo no Japão, com doses de sensacionalismo, propagando muitas vezes uma visão dessa emigração como um embaraço para a comunidade inteira.

5.2 Workshop “Adaptação no Brasil”

O workshop “Adaptação no Brasil” foi realizado na Associação Cultural da Província de Miyagui, instituição localizada no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, nos dias 12 e 13 de maio de 2007 e conduzido por mim, com o auxílio de duas psicólogas⁷.

A divulgação do workshop ocorreu por meio de cartazes, folhetos, sites e jornais da comunidade nipo-brasileira. Destinava-se a pessoas adultas que viveram temporariamente no Japão com objetivo de trabalho, estudo ou acompanhamento de familiares. A inscrição seria no Serviço de Orientação Intercultural do IPUSP, através de telefone ou correio eletrônico.

Dezesseis pessoas se inscreveram no workshop. Alguns dados como idade, nacionalidade, tempo de estadia no Japão e tempo de retorno ao Brasil foram registrados. No contato por telefone, alguns disseram que não poderiam estar presentes em toda a programação em razão de trabalho e compromissos pessoais.

Entre os inscritos, havia um brasileiro não-descendente que não compareceu. Portanto, o grupo do workshop se configurou como *nikkei*, composto por japoneses e nipo-brasileiros, embora o propósito original tenha sido ter um grupo formado por brasileiros em geral (descendentes de japoneses ou não).

Onze pessoas, seis do sexo masculino e cinco do sexo feminino, com idades variando entre 24 e 58 anos, participaram de fato do workshop. Todos assinaram um termo de consentimento informado da pesquisa.

Os participantes preencheram uma ficha de inscrição, com dados pessoais (nome, idade, estado civil, sexo, endereço, telefone, e-mail, local de nascimento, nacionalidade/geração, religião, formação escolar e ocupação). Além disso, constaram as seguintes perguntas: Quanto tempo morou no Japão e por que motivo? Há quanto tempo

⁷ Agradeço às psicólogas Analuci da Silva e Érika Ishikawa pela contribuição nesse trabalho, bem como à Associação Cultural da Província de Miyagui por disponibilizar o espaço para o Workshop.

retornou ao país? Como soube do evento/workshop? O que lhe fez participar do Workshop “Adaptação no Brasil” nesse momento?

As atividades realizadas no workshop foram as seguintes:

1. Apresentação das psicólogas, do workshop e dos participantes.
2. Representações individuais da cultura japonesa e cultura brasileira através de colagem.
3. Exposição de conceitos teóricos (choque cultural, estresse de aculturação, fases da formação de identidade de grupo, aspectos da cultura brasileira e japonesa no que diz respeito a valores e interações sociais e desenvolvimento de habilidades interculturais), no sentido de favorecer a construção e transformação crítica da representação dos processos de mudança de cultura e identidade.
4. Exibição de documentário “Permanência” (2006) sobre experiências de adolescentes filhos de brasileiros no Japão e discussão.
5. Avaliação e fechamento.

As duas tabelas a seguir (Tabela 1 e 2) indicam, respectivamente, alguns dados sobre o perfil dos participantes e os períodos nos quais estiveram presentes.

Tabela 1 – Perfil dos participantes

<i>Nome</i>	<i>Idade</i>	<i>Nacionalidade geração</i>	<i>Estado civil</i>	<i>Formação</i>	<i>Quanto tempo esteve no Japão e atividade exercida</i>	<i>Há quanto tempo retornou</i>
1) Mariko	58	japonesa	viúva	ensino médio	15 anos trabalho	3 anos
2) Daniel	27	brasileiro 3ª geração	solteiro	superior incompleto	2 anos trabalho	5 meses
3) Renato	24	brasileiro 3ª geração	solteiro	ensino médio	6 anos e meio trabalho	3 meses
4) Minoru	54	japonês	casado	ensino médio	14 anos trabalho	3 semanas
5) Kátia A.	29	brasileira 3ª geração	casada	superior (cursando)	9 anos trabalho	3 anos
6) Kazumi	60	brasileira 3ª geração	solteira	superior	3 anos e meio trabalho	4 anos
7) Kátia Y.	34	brasileira 2ª geração	casada	superior	4 anos e 9 meses trabalho	6 meses
8) Pedro	41	brasileiro 2ª geração	casado	superior	6 anos e meio trabalho	7 meses
9) Marcelo	32	Brasileiro 2ª geração	solteiro	superior	1 ano e 10meses	8 meses
10) Tânia	25	brasileira 2ª geração	solteira	superior	1 ano estudante	1 mês
11) Luiz	58	brasileiro 2ª. geração	separado	superior	1 mês passeio	6 meses

Tabela 2 – Presença dos participantes nas atividades do Workshop

<i>Nome</i>	<i>Participação</i>				
	<i>1ª. parte Apresentação</i>	<i>2ª. parte Colagem</i>	<i>3ª. parte Conceitos teóricos</i>	<i>4ª. parte Documentário e discussão</i>	<i>5ª. parte Avaliação e fechamento</i>
Mariko	X				
Daniel	X				
Renato	X				
Minoru	X	X	X	X	X
Kátia A.	X	X	X	X	X
Kazumi	X	X	X	X	X
Kátia Y.	X	X	X	X	X
Pedro	X	X	X	X	X
Marcelo	X	X	X	X	X
Tânia		X			
Luiz	X				

Como se pode observar, oito pessoas tinham retornado ao Brasil há menos de um ano e, seis entre estas, há seis meses ou menos. Em média, os nove participantes que emigraram a trabalho estiveram por sete anos no Japão. Um grupo de seis pessoas formado por Minoru, Kátia A, Kazumi, Kátia Y, Pedro e Marcelo esteve presente nos dois dias do Workshop. Os demais estiveram presentes apenas em parte das atividades.

Os participantes expressaram os motivos de suas vindas ao workshop com as seguintes palavras, como indicado na Tabela 3:

Tabela 3 – Por que os participantes se inscreveram no Workshop

<i>Nome</i>	<i>O que lhe fez participar do Workshop “Adaptação no Brasil” nesse momento ?</i>
1) Mariko	I (Não preencheu)
2) Daniel	Ouvir experiências de outros participantes e pelo pensamento em retornar ao Japão.
3) Renato	Para saber o que o instrutor tem a me dizer e ouvir a opinião de outros <i>dekasseguis</i> .
4) Minoru	Conhecer o mercado no momento e as atividades
5) Kátia A.	Conhecer o que pensam as pessoas que moraram no Japão e suas perspectivas em relação ao futuro no Brasil
6) Kazumi	Saber como os retornados estão se adaptando no Brasil
7) Kátia Y.	Me interessei pelo tema por estar nessa situação de dúvida em retornar ou não ao Japão
8) Pedro	Como estou sem atividade no momento, resolvi participar para verificar a experiência vivida por outras pessoas que também estão em situação semelhante
9) Marcelo	Procurar alternativas ou uma visão melhor do meu futuro e ver como está a situação de outras pessoas que voltaram de lá
10) Tânia	As dúvidas quanto à realidade que se vive no Brasil e a realidade que poderia viver no Japão
11) Luiz	Interesse pelo tema e para aumentar o conhecimento. Por ter parente e filhos em situação compatível com o tema

1ª parte - Apresentação

Apresentei-me, falando sobre a proposta do Workshop. Os pontos colocados foram os seguintes:

- Minha pesquisa e a explicação do consentimento informado.
- Sobre o Serviço de Orientação Intercultural e o atendimento de pessoas que vão para outros países, de estrangeiros, imigrantes e aqueles que retornaram (enfatizei que os que voltam de outros países de primeiro mundo costumam ter problemas de adaptação também, alguns semelhantes aos problemas percebidos daqueles que voltam do Japão).
- A idéia de fazer o Workshop na Liberdade, um local mais acessível e conhecido que a USP.
- A possibilidade de haver uma troca rica de experiências num grupo no retorno ao Brasil que não costuma ser fácil.
- Em dois dias, de maneira breve, iríamos trabalhar questões importantes na adaptação, para que seja um ponto de partida de informações que ampliem a visão e ajudem a tomar decisões.
- Minha estadia no Japão como estudante por um ano e o retorno, quando a idéia de voltar ao Japão se fazia bastante presente.
- Pedi que a psicóloga Analuci, que estaria conosco no primeiro dia e faria anotações, se apresentasse também.

Então, pedimos que cada um se apresentasse, dizendo o nome, quanto tempo ficou no Japão, há quanto tempo voltou e quais as dificuldades que está sentindo nesse processo.

Marcelo, de 32 anos, prontificou-se a começar. Disse que trabalhou no Japão por um ano e dez meses, retornou há oito meses. As dificuldades iniciais foram adaptações ao fuso horário no Brasil, seu organismo demorou a se adaptar. Enquanto que, quando chegou ao

Japão, não passou por esse problema. Outra dificuldade: o que irá fazer agora. Contou que conseguiu retornar ao antigo trabalho, como técnico de laboratório, mas depois acabou saindo. Quer abrir uma empresa, que é seu projeto. No Brasil acha que é difícil porque há muita corrupção e muita competição. Sente desconfiança em relação às pessoas, à sociedade e à violência. Quando sai de casa, pensa que a qualquer momento, pode acontecer uma confusão. Disse que não se surpreendeu, sabia que o Brasil continuava do mesmo jeito.

Kátia Y, de 34 anos, disse que voltou em novembro do ano passado, pela segunda vez. Na primeira vez que retornou, sentiu-se muito pior do que na segunda. Chocou-se com a sujeira, sentiu-se maltratada nos atendimentos e órgãos públicos. Desistiu da carreira (fisioterapia). No segundo retorno não sofreu tanto, se adaptou melhor. Como na primeira vez foi muito difícil, resolveu preparar-se melhor dessa vez. Está fazendo psicoterapia. Não quer voltar para o Japão, mas se precisar retornará. Diz que gosta de lá.

Pedro, de 41 anos, tem aparência de japonês. Conta que seus pais são japoneses, ele é de segunda geração. Foi para o Japão pela primeira vez aos onze anos com os pais. Voltou para o Brasil, depois que terminou a faculdade voltou ao Japão. Casou e depois foi para o Japão com a esposa (Kátia Y). Conta ter sido melhor quando foi acompanhado. O retorno ao Brasil foi difícil, principalmente pela insegurança. *“Parece que todos estão olhando para você...”* Acha a educação do povo é bem diferente do Japão. Quando estava no Japão trabalhava com muitos brasileiros. Por ser muito ligado à cultura japonesa, teve problemas com seus colegas de trabalho. Também está fazendo terapia. Gosta do Japão e se não tivesse família aqui voltaria para lá.

Kazumi, de 60 anos, voltou ao Brasil em 2003 e é aposentada. Queria conhecer o Japão, por isso foi para lá. Como é solteira, contou que ficou durante três anos. Decepcionou-se com o Japão. Esperava mais tradição, mas encontrou modernidade. Diz que os colegas japoneses não ensinavam o serviço. Morava sozinha, se adaptou bem lá. No começo,

trabalhava seis horas por dia, depois passou a fazer hora extra. Na volta, não sentiu diferença. O que causou estranheza, conta ela, foi o fato de que aqui não se devolve o troco correto nos caixas. Logo na primeira semana foi almoçar no restaurante por quilo e esperou o troco de três centavos. Com a reação indiferente do balconista, se deu conta que estava no Brasil. Mas volta a dizer que não sentiu muita diferença. Reparou que São Paulo está mudando, está com mais árvores. Agora repara mais as flores, algo que não fazia antes aqui e é um hábito no Japão. Fala das diferenças de salários entre o Japão e o Brasil. Isso é um choque, pois aqui se ganha muito pouco. Pretende voltar para o Japão, e dessa vez viajar e conhecer melhor os lugares a que gostaria de ir.

Mariko, de 58 anos, é de primeira geração. Tem aparência de japonesa, apresentando bastante sotaque. Disse que veio ao Workshop por causa da filha que vive com ela (que soube do Workshop e fez a inscrição de todos os membros da família). Não sabe se ela vai querer ficar aqui no Brasil. Mariko morou durante quinze anos no Japão. Tem também duas filhas no Japão, uma delas casada. Quer aprender algo e dar um conselho à filha que está no Brasil para ajudá-la. Ela não pôde vir porque está estudando. Mariko é viúva e está no segundo casamento. Diz que seu caso é diferente dos outros, então está ali mais para escutar. Trabalhou na Embaixada do Brasil e Portugal, não trabalhou na fábrica. Diz que nasceu no Japão, mas veio ao Brasil quando criança. Enfática, diz: *“O problema é que os brasileiros ficam nos grupos só de brasileiros, não entendem a cultura. Se está no Japão, tem que entrar na cultura japonesa.”* Diz que os brasileiros precisam se aproximar e se esforçar para aprender a língua, por que daí os japoneses se aproximam também.

Falei do dia-dia de quem trabalha na fábrica, que é árduo. As relações e comunicação com japoneses acabam se limitando ao trabalho. Digo que sua participação é importante, não somente para ouvir e aconselhar a filha, mas porque também passou pelas mudanças de país. Pergunto como foi voltar ao Japão depois de tantos anos no Brasil.

Mariko acaba então contando que no começo estranhou bastante o Japão. Depois se acostumou e não teve problemas. Insiste que gostaria que a filha estivesse aqui.

Luiz, de 58 anos, marido de Mariko, intervém após as afirmações da esposa. Pergunta se o objetivo do Workshop é haver um debate. Quer falar. Disse-lhe que o objetivo é haver discussão e troca sim, mas primeiro gostaria que todo mundo se apresentasse. Já que começou a falar, sugiro que se apresente.

Luiz disse que é procurador do Estado. Não trabalhou no Japão, foi lá a passeio no final do ano passado. Falou de dificuldades que alguns conhecidos passaram, tanto no Japão quanto na volta, por exemplo, para conseguir emprego e de problemas financeiros. Acha essa iniciativa do Workshop muito importante e pergunta se não há possibilidade de fazer outro no Japão também, para os que estão lá. Fala sobre pessoas que precisam de um atendimento psicológico, comentando a questão da terapia mencionada por Kátia Y.

Disse-lhe que expliquei, logo no começo, sobre o atendimento na Orientação Intercultural da USP. Expliquei de novo, brevemente, a proposta do Workshop.

Luiz diz que foi como turista, assim pôde conhecer o outro lado do Japão. Acha que as pessoas que estão lá não conhecem o lado bom do Japão, pois trabalham muito. E os japoneses têm muitas dificuldades de adaptação. A maior delas é que são introspectivos demais, fechados àqueles que são diferentes. Eles têm dificuldade de aprender outra língua, como o português.

Começa uma pequena discussão entre Daniel (filho de Luiz e enteado de Mariko), Luiz e Kazumi. Daniel diz que a língua portuguesa é muito diferente da língua japonesa: os verbos, o sujeito, a construção da frase é outra, é o contrário. Luiz diz que outros imigrantes, os chineses, por exemplo, aprendem a falar muito mais rápido o português quando vêm ao Brasil, sem tanto problema. Japonês não. Kazumi concorda, num tom revoltado: “*Quase cem anos aqui no Brasil, muitos não falam português ainda*”.

Luiz falou em seguida sobre uma experiência que passou numa empresa multinacional num trabalho para o qual tinha sido contratado. Houve estranhamento do presidente de uma empresa japonesa sabendo que ele (Luiz) não tinha nome japonês, sendo um descendente. O presidente mesmo não conseguia chamá-lo de Luiz, e deu-lhe um nome japonês. Passou a chamá-lo de “Hideo”. (Todos riem)

Comento que os japoneses preservam ainda o mito de que é um povo homogêneo, o que não é verdade. É uma cultura fechada aos estrangeiros.

Kazumi fala sobre o conflito do *nikkei* em ser ou não brasileiro, tendo cara de japonês. Os japoneses não sabem que a vida era dura no passado e que muitos tiveram que emigrar para o Brasil.

Mariko fala que o japonês não está acostumado com estrangeiro. Não é que tem preconceito, é que tem medo ainda. Na capital, é uma coisa. Na cidade do interior, eles têm muito receio.

Peço que Daniel, o próximo do círculo, se apresente.

Daniel, de 27 anos, tem aparência de adolescente, com cabelos tingidos castanho-claro. Conta que ficou dois anos no Japão. Voltou em dezembro do ano passado. Fala da dificuldade do salário no Brasil. Desistiu da faculdade, do curso que estava fazendo. Pretende ir ao Japão, para juntar dinheiro e voltar novamente para fazer faculdade.

Renato, de 24 anos, é mestiço. Chamou a atenção a maneira extremamente formal pela qual me cumprimentou ao chegar. Foi ao Japão com dezessete anos, onde ficou direto durante seis anos e meio. Morou em três lugares diferentes, sendo que o último lugar foi perto da irmã que ainda está lá. A volta está sendo mais difícil que a ida. Contou que por ter ido muito jovem, criou responsabilidades: teve que trabalhar para pagar aluguel, lavar suas próprias roupas, cuidar de suas coisas. Mas não teve atritos com os japoneses. Acha que o bom convívio depende de cada um. Disse que nunca sofreu discriminação. Voltou para o

Brasil por causa de seus pais e pensando em estudar. Aqui sente estranheza por causa de tanta sujeira, buraco, ônibus lotados, acha que as pessoas são diferentes do Japão. Lá, sente-se melhor cuidado, melhor tratado nos atendimentos nos supermercados, restaurantes, na prefeitura. Lá, paga os impostos e vê o resultado. Renato conseguiu permanência definitiva no Japão. Achou bonito isso que representa para ele um reconhecimento do Japão: “*Paguei todos os impostos, fui honesto e assim fui convidado a fazer parte do Japão*”.

Kazumi, indignada, comenta que é raro um *nikkei* matar alguém aqui. Pergunta: “*Por que será, então, que há tantos noticiários falando de brasileiros que estão roubando e matando no Japão?*”

Pergunto a ela se não há também uma ênfase nos crimes cometidos pelos estrangeiros no Japão. E lembro dos crimes hediondos cometidos pelos próprios japoneses ultimamente, por familiares.

Kazumi concorda. Pedi que Minoru se apresentasse.

Minoru, de 54 anos, tem sotaque japonês. Contou que foi ao Japão, mais ou menos, aos quarenta anos. Ficou lá durante quinze anos, retornando sempre a cada dois anos. Voltou há três semanas. Agora não está tão preocupado, pois os filhos já estão formados. Diz que a convivência no Japão é boa. No geral, gostou de lá.

Kátia A., de 29 anos, se apresenta. As duas “Kátias” riem e comentam que num grupo de *nikkeis* sempre há mais de uma Kátia. Kátia A. passou anteriormente pelo atendimento individual no Serviço de Orientação Intercultural na USP. Em sua fala, há várias elaborações do que refletimos durante as sessões ocorridas. Foi aos dezesseis anos. Voltava de dois em dois anos. Ficou revoltada porque o pai foi sozinho quando ela tinha apenas doze anos. O primeiro choque foi a falta de companheirismo de outros brasileiros. Por ter ido tão nova, diz que não tinha ainda naquela época a percepção do que era mudar. Saía muito nos finais de semana, viajava. Ficou durante dez anos. Acabou se casando. Durante esse tempo, convivia

muito com brasileiros e ficava revoltada com a discriminação que os brasileiros sofriam. Depois, começou a compreender melhor algumas coisas que aconteciam lá. Ela e as colegas falavam português. Eles (japoneses) pediam que falassem japonês. Depois que voltou, passou a observar realmente como é chato ouvir alguém no Brasil, os chineses e coreanos, por exemplo, na Liberdade, falando em outro idioma e não poder entendê-los. Kátia A. diz que não quer voltar ao Japão. Queria muito retomar os estudos, entrou na USP. Faz um comentário desvalorizando um pouco o curso que está fazendo e que não é muito concorrido. Está gostando, mas sente falta do dinheiro que ganhava no Japão. Precisa de um emprego. Mas conta que agora conseguiu a bolsa de iniciação científica na faculdade. Está indo ao Bunkyo (Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, instituição com características conservadoras) porque ficou com a tarefa de pesquisar um antigo jornal da colônia japonesa. Sente vergonha quando vai lá ao Bunkyo, por não saber falar japonês. Sente que eles esperam que fale japonês por ser *nikkei*. Fala da busca de satisfação no Japão através do consumo. Comprava às vezes coisas bem caras, quando estava cansada. Depois se dava conta que era uma coisa que não ia ter tanta utilidade e não a satisfazia. Diz que há pessoas que tem vergonha de voltar, mas ela voltará se for preciso. Kátia A. fala da dificuldade de estar entre japoneses. Ela costuma falar mais alto, tem outro jeito de ser.

Falo que é uma preferência, ela pode ter um jeito de ser e se identificar mais com aspectos de uma cultura. Mas que é interessante também podermos desenvolver algumas habilidades que nos permitam estar entre pessoas de outras culturas e com outro jeito diferente do nosso. Temos, na verdade, que fazer isso o tempo todo quando estamos em diversos ambientes. Renato concorda. Falei sobre a experiência de me relacionar com os imigrantes japoneses da Associação Miyagui Kenjinkai, local em que estamos, para conseguir utilizar o espaço. Trata-se de uma associação de províncias, de imigrantes de primeira geração e há um jeito de se aproximar deles e se comunicar com eles que não é fácil para mim, que

sou de terceira geração. Mas exercitar isso pode ser positivo. Digo que iremos falar disso durante o Workshop. Pedi então que a última pessoa do círculo se apresentasse.

Paula, uma moça que chegara por último e fazia anotações de todas as apresentações anteriores dos colegas, se apresentou como estudante de Ciências sociais e pesquisadora. Disse que nunca morou no Japão, mas está começando a estudar o tema. Apesar de ter recebido meu e-mail avisando que o evento seria voltado para quem retornou, veio porque parece estar em busca de dados. Eu disse que a participação é somente para quem está vivendo o retorno ao país e que as informações fornecidas pelos participantes são sigilosas.

Li os tópicos que há no programa e disse que a proposta é fazer algumas atividades em grupo e depois ter uma parte mais expositiva. Na programação, estavam previstos: apresentação dos participantes e das atividades a serem realizadas, representação da cultura brasileira e cultura japonesa, conceitos teóricos, atividade de autoconhecimento e exercícios de comunicação e criatividade para o desenvolvimento de novas habilidades, exibição e discussão de documentário, atividade sobre a história familiar e avaliação final do workshop.

Expliquei que o objetivo era pensar no desenvolvimento de habilidades importantes que podem ajudar também na inserção profissional. Disse que o autoconhecimento é fundamental: primeiro precisamos saber como somos, perceber o que estamos sentindo, para então desenvolver também habilidades de comunicação e criatividade. E que há formas de comunicação específicas da cultura japonesa e brasileira. Perguntei quem poderia participar no domingo, pois alguns falaram por telefone que não poderiam. A maioria levanta a mão e diz que poderá. Luiz e família, bem como Renato, avisam que não poderão estar de tarde, têm um compromisso. Mas que, no domingo, comparecerão com a filha que os inscreveu.

2ª parte - Colagem: representação das culturas

Tânia, de 25 anos, chegou no período da tarde. Pedi que se apresentasse, dizendo quais as dificuldades na volta ao país. Tânia conta que é fisioterapeuta e foi em abril de 2006, como bolsista. Ficou um ano e voltou em abril, mês passado. Diz que está perdida, pois muitas coisas mudaram. Considerou que indo ao Japão poderia melhorar, mas a maior dificuldade agora é encontrar trabalho na sua área. Quer participar do evento para ouvir os outros, pois não sabe se é melhor ficar aqui ou trabalhar lá no Japão em qualquer área. Tem amigos que vivem bem lá, se casaram, tiveram filhos. Gostou muito de lá. Diz que o que pesa é o lado financeiro. Aqui tem amigos, família, mas a questão financeira é diferente, por aqui o emprego é mais difícil. Está na dúvida. Diz, no final, desculpando-se, que sabe que sua experiência é diferente dos demais, ou seja, das pessoas que vão trabalhar.

Pedi que a psicóloga Érica Ishikawa, que chegou agora, se apresentasse também. Érica disse ter sido *dekassegui* no Japão e pediu desculpas por não ter estado na parte da manhã.

Em seguida, pedi que fizessem cartazes individuais, utilizando desenho e/ou colagem, sobre o que é para eles a cultura brasileira e a cultura japonesa. Depois iriam contar para o grupo.

Esperávamos que essa primeira atividade lúdica ocorresse em meio a clima de descontração e integração. No entanto, o grupo pareceu um tanto preocupado com a tarefa, sendo que alguns participantes comentaram que não sabem desenhar. Falei que poderiam fazer colagem ou escrever, que era livre. Poderiam usar a criatividade. Estiveram bastante concentrados na tarefa, trabalhando ativamente em silêncio e preocupados com o cumprimento da atividade. Minoru é o último a pegar revistas e recortar. A maioria fez uma dobra ou linha no meio do cartaz.

No final, observo os trabalhos e Kazumi comenta que é bem exigente. Minoru disse que não soube fazer muita coisa. Digo que ficou bom.

Em seguida, cada participante apresentou e fez comentários sobre sua própria colagem na frente do grupo:

Marcelo:

Seu cartaz estava dobrado ao meio, com uma pequena mancha negra embaixo. Prolongou-se na exposição, que foi ficando maçante talvez pelo tom racional (pensa sobre o Brasil em termos mais econômicos).

Cultura brasileira

“Empresas brasileiras... É um paradoxo: o país do futuro, quando é que vai chegar? Isso já é dito há décadas... Um caos: o Brasil é um país sem rumo. Não é totalmente, mas há essa sensação.” Diz que considera algumas empresas como verdadeiras ilhas, que planejam e conseguem realizar algo. *“Os recursos naturais não podem ser exauridos no Brasil.”* Lê: *“Preserve a natureza. Se vê que existe agora uma preocupação com relação aos recursos naturais, que eu acho positiva. Tem a liberdade de imprensa, há liberdade de expressão, algo que também acho muito importante. Pode-se falar mal dos governantes.”* Fala de uma divisão entre uma direita racional e uma esquerda emocional, a educação, sobre a formação ruim dos profissionais. Aponta para a fórmula mágica: *“Brasileiro pensa numa fórmula mágica para conseguir algo imediato. E não dá pra esquecer do crime organizado e da violência”.*

Cultura japonesa

“Estabilidade financeira. Houve um investimento, não através de mágica. É que se investe em educação. O Lado B: O Japão é forte economicamente, não quer perder a identidade. Mas a taxa de natalidade diminuiu, pois as mulheres estão trabalhando fora. Precisam dos estrangeiros, então vão ter que encarar isso.”

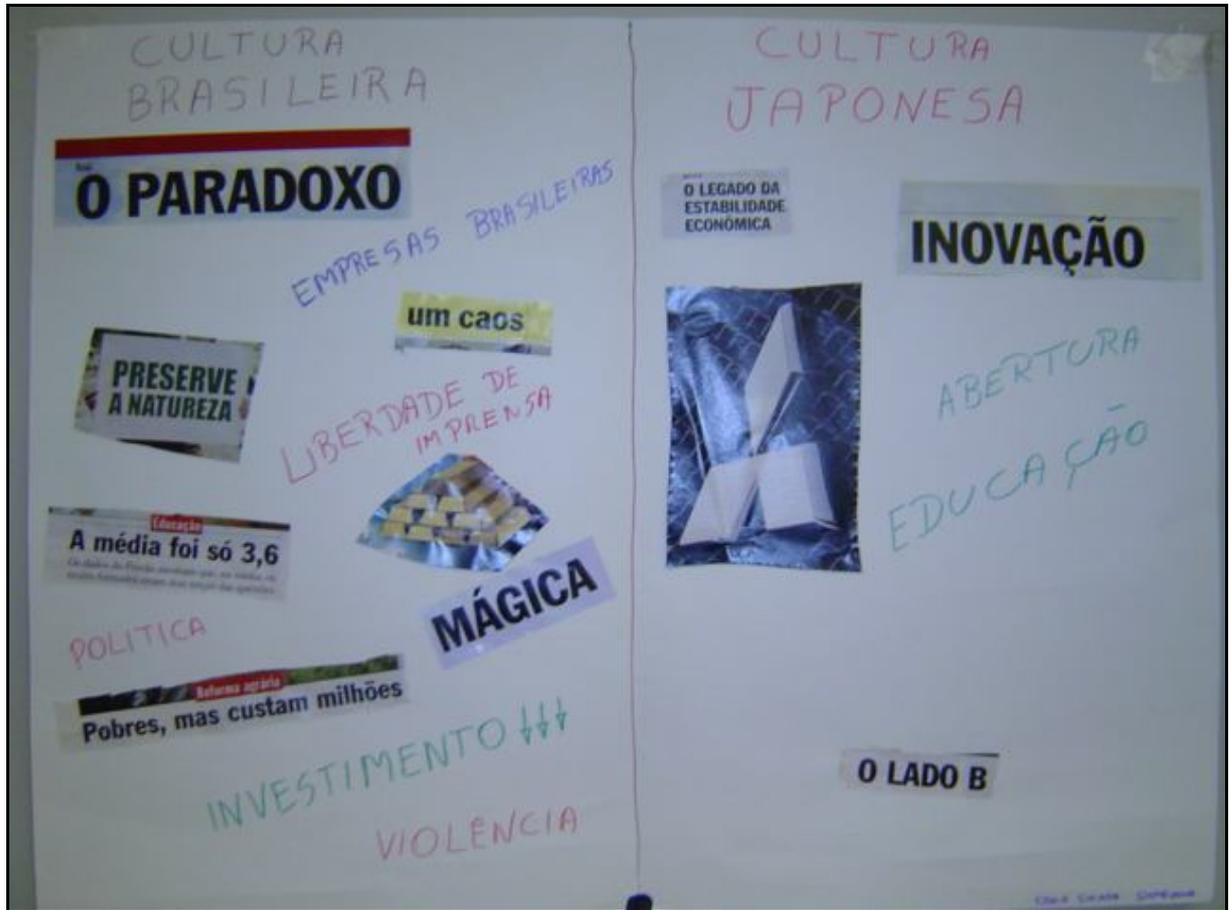


Figura 1 – Cartaz de Marcelo

Kazumi:

Japão

“O Japão tem 2000 anos ou mais. Sistematizado, em qualquer pedaço de terra se planta, enquanto no Brasil botam cimento. Preservam e utilizam a terra para plantar, o meio de transporte é excelente. Quis colocar uma figura de trem porque lá se anda muito de trem, mas não achei. Então, coloquei um bonde. E o origami é a tradição.”

Brasil

“Brasil só tem 500 anos. Quando se fala de Brasil, é samba, mulher nua, isso que se mostra (revoltada, num tom indignado). Fazem propaganda das mulheres do Rio e do carnaval.

Ainda peguei leve... (nas fotos das mulheres nuas) Muita pobreza, as crianças não são educadas para cuidar e manter a sociedade. Não as ensinam a deixar tudo limpo. Se não investir em educação, o país não vai para frente. É o país dos contrastes, na minha opinião. País fértil, mas de miséria. Tem a violência, favelas por trás das casas ricas dos condomínios luxuosos. A questão é de política pública. Não sei o que fazer com esse contraste, como resolve esse contraste... Então escrevi: Ó Pátria amada, salve, salve!!”

(Perguntei sobre a dobra em uma das figuras. Kazumi diz que não havia espaço).



Figura 2 – Cartaz de Kazumi

Pedro:

Não ficou claro num primeiro momento qual era o lado do Brasil e do Japão, ao contrário dos demais. Havia figuras desenhadas no verso, que se assemelhavam a olhos orientais, um sol, uma arma e paisagem de inverno com árvores.

Brasil

“Natureza vasta, o malandro é o bom (aponta a figura colada de Romário). O direitinho, o honesto é criticado. A impunidade leva as atitudes de malandragem (figura de acidente de carro). Diferença social (rico ou pobre), alegria (povo feliz), aparentemente está tudo bem. Há muito roubo, corrupção (risos de todos com a figura de José Dirceu). É país do sexo, mulher brasileira é vista para o sexo. E a violência, está entre os maiores.”

Japão

“Tradicional, todo mundo tem que ser igual. Quanto mais igual, melhor. Usa-se uniforme, terno. O diferente é criticado. A aparência é mais importante (figura do Shrek). Os homens têm família e amantes, mas a imagem é tudo. Fica como se estivesse tudo bem... Até a língua é diferente, dentro de casa e fora. País vencedor, pois passa e passou por várias situações difíceis, muitas guerras. Algo que o Brasil não sofreu. O sumô é a tradição. Muita tecnologia avançada.”

Brasil

“A imagem do Brasil no Japão era o país dos índios... Violência, o Fernandinho beira-mar. Salário pequeno. Comida: gosto de comida brasileira e de diversidade cultural. Para mim, o Brasil representa possibilidade de estudo (figuras de livros).”



Figura 4 – Cartaz de Kátia A.

Kátia Y:

Resiste várias vezes em apresentar o seu cartaz.

Brasil

Fala de lado bom e ruim.

“Lado bom: é praia, futebol, diversão, cerveja com amigos, estar junto com a família (Figura do desenho animado ‘Os incríveis’), comemorar o Natal em família”...

“Lado ruim: violência em vários sentidos, país enrolado (cabelos encaracolados, metáfora), folgado e preguiçoso. Coloquei essa figura aqui: Acorda! (em que um personagem puxa o outro que está dormindo). Os dois têm o lado bom e ruim.”

Japão

“Lado bom: valorização da terra e espaço, verde e natureza, a tecnologia, não há desperdício de tempo. A ponte, na verdade, é pra ligar os dois países. Não era para ter esse risco no meio... Lado ruim: Sacrificam muito o ser humano em função do tempo, com rigidez. Ter que render, as pessoas ficam todas condicionadas (figura de pneus atados).”

Falou sobre a tecnologia avançada: *“Fizeram o cachorro robô para fazer companhia, mas falta o lado humano. Existe um lado de aparência (máscara), há fingimento. Aparência é o mais importante (figura do espelho retratando o que uma pessoa sente na verdade), não demonstra o que se é em casa.”*

Japão

“Máquina de trabalho, a vida gira em torno do trabalho. No Japão, a vida é estressante. Só se pensa em trabalho. Vida disciplinada, trabalho rigoroso, exigente... Ocorrem muitos casos de violência entre membros da família. Falta diálogo entre os familiares. É matar para receber vantagens.”



Figura 6 – Cartaz de Minoru

Tânia:

Também resiste para apresentar seu cartaz.

Japão

“No Japão, acho que o povo é muito cinza, não é nem preto e nem branco. Fica sempre em cima do muro. Não critica, nem opina. Tem a rigidez, o ônibus passa no horário, rigidez com o que tem que cumprir.” Na faculdade japonesa, onde teve experiência como bolsista temporária, ela conta que era brasileira e se atrasava nos prazos. Mas o professor não dava bronca. Tânia pensava que ia ser cobrada, mas eles eram compreensivos com ela. *“Lá é difícil manter amizades, pois há uma distância entre as pessoas e superficialidade. Sempre há jogo de interesses. Não se sabe se realmente uma pessoa gosta de você ou fala só por falar, há falsidade. Há uma questão de espaço, sentem-se mal quando chega muito perto. Tecnologia avançada, grande investimento. O resultado se alcança pelo esforço próprio, não acreditam numa força maior. O Japão perdeu na guerra. Valorizam muito o estudo depois disso. Envelhecimento e vida longa. As pessoas no Japão têm muita máscara, como gueixas, mulheres bonitas e maquiadas, a aparência é tudo, as roupas de marca. O diferente é rejeitado.”*

Brasil

“Povo brasileiro tem mais calor humano. Abraça, dá beijo, é feliz. Há amigos de verdade. Brasileiro expressa mais sua opinião. Apesar de ter apenas 500 anos, sempre tem uma história para contar. Tecnologia do Brasil é o passado do Japão e custa muito mais caro. O brasileiro tem muita fé e é místico (mostra as figuras de amuletos com mistura de católicos, figos, amuletos). Espera que os resultados aconteçam através da fé. Tudo é ‘Graças a Deus’. No Brasil, tem muito jovem trabalhando. Japonês no Brasil tem imagem de confiança. A

cultura brasileira é bem folclórica. É diferente, não é melhor nem pior. Acho que as culturas são apenas diferentes, devemos valorizar os dois lados.”

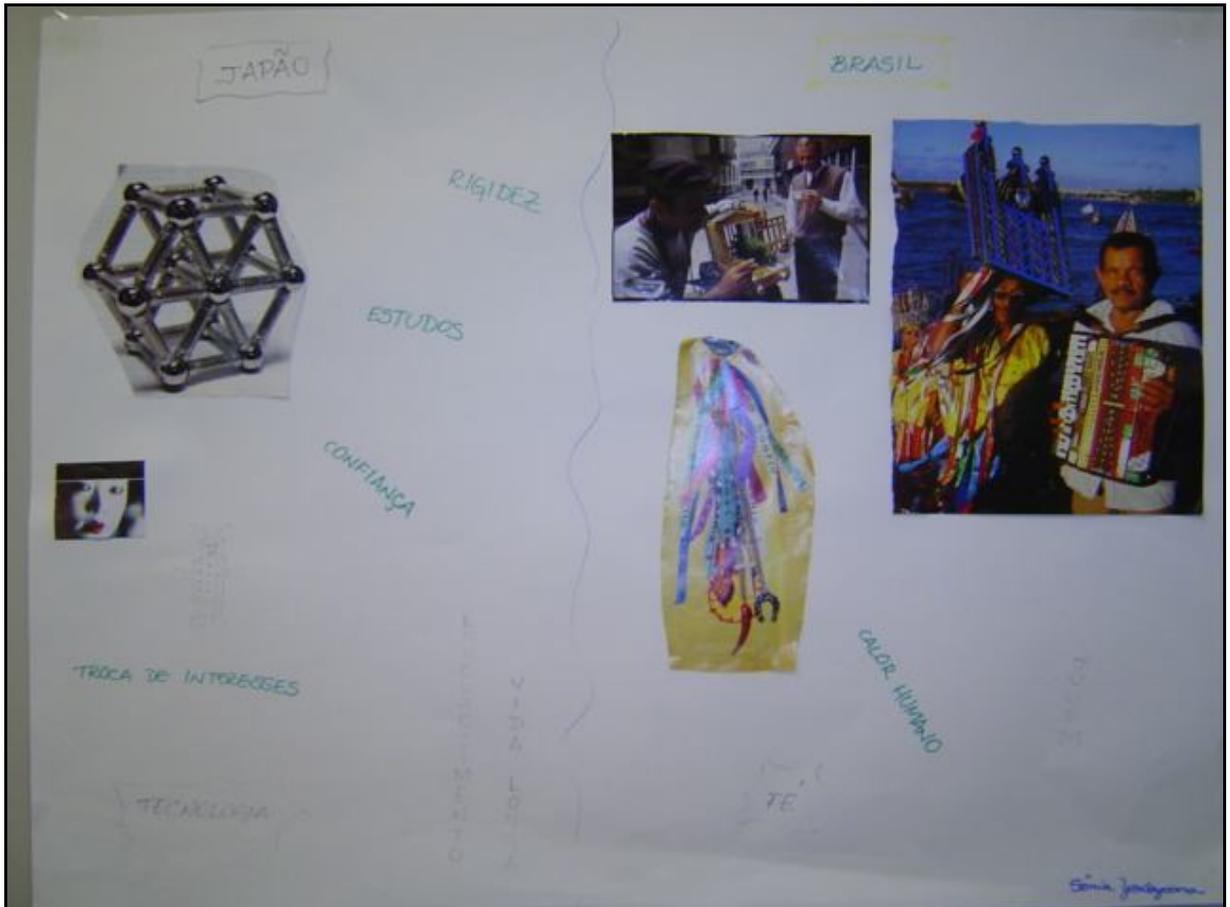


Figura 7 – Cartaz de Tânia

O tempo previsto para as atividades do primeiro dia acabou. Então lhes disse que cada cartaz tem um estilo diferente e diz respeito ao Brasil e Japão que cada um tem dentro de si, que é mesmo particular de cada um. Continuaríamos no dia seguinte.

3ª parte: Conceitos teóricos

Os participantes chegaram pontualmente na manhã do segundo dia, alguns antes do horário marcado. Os cartazes de todos foram colados na sala de TV ao lado, onde iriam assistir ao documentário mais tarde. Alguns conceitos de autores da psicologia intercultural e de autores da antropologia foram expostos de maneira breve: identidade étnica, migração, choque cultural, estresse de aculturação, relações familiares e fases no processo de mudança de país, as variedades de aculturação psicológica, estratégia da integração, lógica, comunicação e relações sociais no Japão e no Brasil e o desenvolvimento de habilidades interculturais na adaptação no Brasil. Esses conceitos foram baseados em textos de John Berry, Jean Phinney, Stephen Bochner, Takie Lebra e Daniel Linger.

Tive a impressão de que no dia anterior os participantes estavam com inúmeras questões, conflitos e angústias, por isso prolongavam-se nas expressões de revolta. E que desejavam um *feedback* para elas. Essa sensação foi confirmada quando, logo no início, Marcelo perguntou se vou falar sobre o conteúdo das palestras, que está previsto na programação, ou se acho que os debates já foram bons.

Disse que sim, o objetivo é falar um pouco das estratégias de adaptação. As atividades acabaram levando mais tempo do que o previsto, então não será possível fazer todas as atividades programadas. Mas isso aconteceu porque as discussões anteriores foram muito produtivas e interessantes, e muito do que já foi falado nas discussões tem a ver com o conteúdo das palestras.

Kazumi pergunta se tenho contato com japoneses que estão no Brasil, pois queria saber o que eles acham do Brasil.

Digo que alguns japoneses com quem tive contato em São Paulo acabaram gostando do calor humano que não há no Japão. Desejavam ficar aqui, onde as regras são menos rígidas.

Kazumi acredita que eles vêm pra cá e pegam a melhor parte da imigração: futebol, luxo, apartamentos grandes.

A psicóloga Érica aponta que isso é verdade em parte, pois há também os japoneses que trabalham nas fábricas e se casam com brasileiros, vindo morar no Brasil.

Reitero que uma reflexão importante do Workshop é não ficar num lado unilateral quando julgamos pessoas e situações. Algo que se ouviu muito é que os japoneses são todos uns frios e insensíveis ou então que os brasileiros é que causam problemas porque não se esforçam o bastante. Mariko, a senhora que esteve na manhã do dia anterior e se apresentou, tinha uma visão diferente dos outros, como japonesa, tinha outro ponto de vista. Minoru tem sua visão como um japonês nascido lá que veio pequeno para o Brasil. O grupo reunia opiniões diferentes de experiências diversas e isso é muito rico.

Kazumi diz que os japoneses vieram aqui há cem anos para fazer a boa fama e, da mesma forma, os chineses e coreanos vieram há pouco tempo na cola dessa fama dos orientais. Os japoneses aqui são admirados, brasileiros lá fora são vistos de outra forma. Mas aqui no Brasil é mais na base da piada.

Pergunto como é ouvir piada e brincadeira de japonês.

Kazumi: *“Tinha as brincadeiras antigamente, matar um japonês para entrar na USP...”*.

Digo que aqui não há tanta segregação como em outros países, mas tem os estereótipos. No Brasil, não ser considerado brasileiro. No Japão, não ser considerado japonês...

Kazumi: *“Há vinte anos atrás se dizia muito isso, que japonês tinha que matar pra entrar na USP. Hoje há tanta violência que é perigoso esse tipo de coisa. Antes, dava até orgulho”*.

Falo sobre estereótipos que vão sendo internalizados também pelas pessoas. Pergunto, por exemplo, se há uma cobrança externa maior pelo fato de ser oriental.

Kazumi fala do preconceito que há na propaganda quanto aos paraguaios.

Pedro acha que é esperado que o *nikkei* seja esforçado.

Kátia A. diz: “*O trabalhador, o bonzinho acaba sendo o bobo no Brasil*”.

Marcelo acrescenta: “*Na fábrica, você trabalha direito, mas a produção cai no mesmo balaio*”.

Kazumi: “*Se você produz muito, se exigirá também dos seus colegas, o que criará antipatias. Então, dependendo de onde se está, você diminui sua produção em função do grupo*”.

Digo que ela falou uma coisa interessante, que negociamos nosso modo de ser a todo instante de acordo com o ambiente que estamos. As pessoas fazem imagens diferentes do que nós somos, de acordo com o lugar. Alguns falaram no dia anterior sobre o conflito e o trabalho que é estar entre duas culturas. No Japão, somos identificados como brasileiros ou outra nacionalidade, e no Brasil voltamos a ser japoneses. Não há o certo, ser mais brasileiro, ser mais japonês. Há uma diversidade quando falamos sobre o que é ser *nikkei*, e esse conflito entre duas culturas ocorre não só com *nikkeis*, mas de modo semelhante com filhos de imigrantes de outras nacionalidades, em várias situações.

Kazumi protesta e fala que para o *nikkei* é pior, é mais difícil porque tem as características físicas de japonês que não mudam.

Concordamos com Kazumi em parte.

A psicóloga Érica lembra das outras etnias que sofrem discriminação, como os bolivianos no Brasil, que também são diferenciados pelas características fenotípicas no país dominante que é o Brasil, considerado lugar melhor, dentro da América do Sul. Conta sobre um grupo com sul-americanos, do qual participou. Todos em geral se assustaram nesse

momento ao pensar num lugar pior que São Paulo e no fato de que há quem venha para cá para buscar algo melhor.

Pergunto como será o retorno deles para os países de origem.

Kátia A recorda-se de que os peruanos no Japão esforçavam-se para falar português com os brasileiros, mas estes não se esforçavam para compreendê-los. Por serem maioria, os brasileiros se achavam melhores.

Kazumi pergunta se choque cultural tem a ver com idade.

Disse que é um dos fatores que interferem, pois em diferentes fases da vida estamos mais abertos ou menos abertos para assimilar novos lugares, costumes e línguas diferentes. Assim, a mudança é vivida de diferente modo para um adolescente que quer descobrir o mundo, ou para uma pessoa mais madura que tem muitos laços e muita história vivida num lugar, podendo sentir mais a perda. Mas há uma série de outros fatores. Alguns psicólogos pesquisaram esse processo de mudança de país em vários lugares e as conseqüências emocionais que costumam fazer parte da experiência. Falei que iria apresentar alguns conceitos dessa área da Psicologia chamada de Psicologia Intercultural. E daí, cada um poderia pensar em termos da mudança que viveu entre Brasil e Japão.

Expus, em primeiro lugar, um ponto que fora tocado de maneira angustiada pelo grupo no dia anterior: identidade. Expliquei que nossa identidade étnica atua em nossa percepção, valores e comportamentos, envolvendo a combinação de elementos como raça, língua, religião, história cultural, origem geográfica, ancestralidade. Tal identidade é responsável por sentimentos e atitudes que acompanham esse pertencimento. Se somos *nikkeis*, há uma série de atitudes que são esperadas de nós pelos outros enquanto *nikkeis*, e algumas dessas atitudes são incorporadas por cada um. E o que é ser nipo-brasileiro? Nós nos tornamos mais conscientes dessa identidade quando nos mudamos de país e através da exposição ao diferente. A identidade não é algo estável, mas algo dinâmico. É um processo que vai se dando através

de um envolvimento ativo. Quando todos falavam através dos cartazes sobre o que valorizam na cultura brasileira e japonesa, e sobre a angústia que é estar entre um país e outro, estão nessa exploração. E isso é muito importante, falar disso num ambiente em que entendemos o quanto isso é desgastante. Nos cartazes que fizeram, podemos pensar que cada um colocou o que é bom de cada cultura. Não há certo nem errado nas escolhas. Mas há momentos em que se entra em conflito. Há fases diferentes. Passamos por momentos diferentes, em que nos sentimos mais brasileiros ou mais japoneses. Vai se definindo o que é importante para cada um em cada cultura ao longo da vida. Na realidade atual que vivemos temos uma categoria crescente de “multiculturais”, indivíduos com múltiplas origens culturais. A idéia, portanto, é: “não é necessário ser uma coisa só”.

Disse que num contato intercultural, existe a possibilidade de desenvolver habilidades sociais. São exercícios que podemos praticar. Um instrumento que pode ajudar é perceber como é o outro em diversas situações. Pessoas de culturas diferentes têm códigos distintos de comunicação, o que pode gerar julgamentos equivocados e conflitos nas relações, sem que isso seja necessariamente algo pessoal. É positivo desenvolver a percepção de que códigos de comunicação são importantes em cada situação, quais as regras e valores do outro.

Kazumi diz: *“Representamos papéis em vários lugares, somos atores”*.

Em seguida, escrevi e falei sobre os três estágios do desenvolvimento da identidade étnica, segundo Phinney, uma psicóloga que estudou adolescentes, filhos de imigrantes de várias etnias, nos EUA. Apesar das particularidades de cada grupo, havia conflitos comuns em fases semelhantes: fase da não-exploração, exploração da identidade e identidade adquirida. Não há idade definida para se chegar a cada fase da identidade: 1) Primeira fase: a pessoa ainda não pensou muito sobre isso, ainda não foi exposta às questões da identidade. 2) Segunda fase, época da adolescência: crise, situações que fazem parar para questionar. A pessoa entra em contato com pessoas de sua etnia, festividades e outros elementos,

despertando-se assim um interesse pela cultura de origem. 3) Terceira fase: não tem idade definida para se chegar a essa fase, em que a pessoa negocia melhor as duas culturas a partir de suas experiências.

Kazumi diz que a pessoa geralmente se afirma como brasileiro quando vai ao Japão e volta com isso mais definido dentro de si. Não deveria se importar mais com o que as pessoas falam que ela é aqui.

Pergunto: *“Mas como é voltar se sentindo brasileiro e ser novamente chamado de japonês? Para alguns, dependendo em que momento está, isso já não importa mais. Para outros, pode se questionar de novo e entrar num conflito, o que é muito comum. A gente vai passando pelos mesmos conflitos num patamar diferente”*. Falo que as três fases se repetem durante a vida, compondo ciclos.

Kátia A. pergunta por que será que não se sente muito à vontade com a família do marido que é muito tradicional. Tem dificuldade para se aproximar de quem é japonês muito tradicional, como agora nos últimos tempos, quando tem ido ao Bunkyo fazer sua pesquisa. Diz que é como uma barreira, algo não-resolvido que não consegue transpor.

Quando Kátia A se refere ao Bunkyo, está lidando com um lugar onde os japoneses são realmente mais fechados. Mas falo para Kátia A. que ela pode ter experiências novas e positivas com outros japoneses. Os japoneses, sobre os quais nós falamos, os que vêm estudar futebol, por exemplo, têm outro jeito de ser. Quando Kátia A. tem também uma abertura para ter contato com o mais tradicional, uma relação passa a ser possível. Senão, acaba se isolando também do outro, criando barreiras.

Kazumi fala das pessoas que vêm ao Brasil, moram há vinte anos e agem como se estivessem morando no Japão ainda. Estranha que não se tornem caracteristicamente brasileiras. Mas se não rejeita a cultura brasileira, se está adaptada, não precisa mudar a aparência.

Falei então sobre as habilidades importantes nas duas culturas, brasileira e japonesa, e a possibilidade de integração. Entre os aspectos de comportamento japoneses, que vão sendo reinventados ao longo do tempo, das gerações e em cada lugar pelos descendentes, pode-se citar a disciplina e a manutenção do consenso grupal. Entre aspectos da cultura brasileira há o estilo de interação pessoal, que contrasta com o estilo categórico dos japoneses. Ou seja, os brasileiros se importam também com as relações de status e o contexto da interação, mas valorizam mais a espontaneidade e demonstrações de interesse pessoal. Também cultivam as habilidades sociais de improvisação, flexibilidade e capacidade lúdica. No Japão, as relações são hierárquicas, categóricas. No cartão de visita há a identificação da hierarquia e grupo a que a pessoa pertence.

Pedro pergunta se as relações de hierarquia no Japão dependem de um contexto.

Disse-lhe que há situações como o happy hour ou *nomikai*, encontros informais fora do trabalho em que se liberam as barreiras hierárquicas. Mas no trabalho, voltam os papéis definidos. No Brasil, improvisa-se. No Japão, tudo é programado. Horários, roteiros definidos. O uso do tempo é racionalizado. Alguns falaram nos cartazes do aproveitamento do tempo como algo positivo, mas que isso, por outro lado, pode cair numa rigidez, oposto da flexibilidade brasileira. Ou seja, ter em conta essas noções permite através de um exercício, integrar, transitar um pouco melhor entre uma e outra cultura.

“É essa ponte que eu quis fazer no cartaz”, diz Kátia Y.

Kazumi comenta: “No Brasil, usa-se ‘Dona’ como sinal de respeito ou o nome”.

Disse-lhes que, no Japão, se usa sobrenome para chamar alguém. E há um intenso uso da comunicação não-verbal. No Brasil, há maior uso da comunicação verbal, permitindo-se mais a exteriorização dos sentimentos. Regras são diferentes para a distância mantida entre as pessoas, a tonalidade da voz, o olhar nos olhos. No Japão temos conceitos importantes que

guiam as relações sociais, os grupos e suas delimitações: *honne* (opinião verdadeira) X *tatemae* (opinião coletiva), *uchi* (interno) X *soto*(externo), *ura* (atrás) X *omote*(frente).

Pedro comenta que no Japão nunca se usa nome, só o sobrenome.

Disse que o uso de nome é permitido no Japão quando a própria pessoa dispensa o uso do termo de respeito, permitindo que o outro chame pelo nome. Mas demora mais tempo para se ter intimidade numa relação de amizade, diferente do que acontece aqui. No Brasil, apesar das relações também dependerem do contexto, as interações são mais pessoais. Há um tom pessoal nas relações.

Pedro concorda.

Kazumi afirma: *“O Japão é sedimentado, o Brasil é multirracial”*.

Pedro faz uma pergunta contundente: *“Mas têm pessoas que morrem sem chegar à terceira fase, não é mesmo?”*.

Disse-lhe que sim, afinal as pessoas têm processos diferentes de desenvolvimento. No processo de retorno que eles estão vivendo, de estresse e vulnerabilidade, gera-se um desgaste por natureza: *“O que é estresse? O estresse acontece quando uma pessoa confronta uma situação onde suas formas usuais de comportamento são insuficientes e as consequências de não se adaptar são sérias. Diante disso, ela pode enfrentar a situação ou então, num processo de defesa, adoecer”*.

Expus a questão do retorno e suas características (nova mudança de que nem sempre se dá conta), a situação de estresse redobrado que isso gera, diante inclusive da necessidade de recolocação profissional. São várias as mudanças: 1) Mudança física: clima, habitação, hábitos de sono e de alimentação. 2) Mudança social: separações, posição social, profissional. 3) Mudança cultural: língua, estilos de comunicação e relações interpessoais, valores e costumes. Lembrei-os de que eles já falaram sobre mudança de clima, sensação de frio nos dois sentidos, da temperatura e falta de calor também emocional no Japão, língua e família.

Há uma carga de sentimentos envolvidos nessas mudanças, mudança de papéis ocupacionais, nos estilos de comunicação utilizados, nos valores, costumes, hábitos. Expus as estratégias de adaptação de Berry. Segundo esse mesmo autor, o nível de estresse e as possibilidades de que ocorra uma boa adaptação dependem de vários fatores: nível de consciência étnica, geração, educação, classe social, mudanças de status ocorridas, condições específicas em que ocorre a migração (se a pessoa vai a estudo ou trabalho, por exemplo) e características individuais (graus diferentes da capacidade de enfrentamento que cada um tem).

Os participantes puderam pensar em estratégias de adaptação dos imigrantes no Brasil, as estratégias adotadas pelos brasileiros no Japão, nas condições que fazem parte das estratégias escolhidas.

Falei sobre a questão dos adolescentes, filhos de pais *dekasseguis* no Japão e a marginalização, que é o tema do documentário que vamos assistir.

Kátia A. diz que antes só pensava em si, na própria visão de brasileira, sem expandir a visão para a imigração e o sofrimento das guerras anteriores que os imigrantes viveram, ou a visão dos japoneses. Está lendo agora livros como “O perigo amarelo”, que traz uma visão que ela critica um pouco, mas acha interessante. Percebeu que cada livro tem uma visão, há várias versões na História.

Falei sobre a importância de ampliar visões. Afinal tudo tem várias versões e é importante ter uma crítica sobre o que ouvimos de nós mesmos e sobre o que sentimos. Disse que não tínhamos tempo para trabalhar a atividade sobre relações familiares. Mas que história familiar tem a ver com quem somos e de onde viemos. Muito da história dos imigrantes foi sendo perdida e muitos imigrantes não querem se lembrar de suas histórias. Lembrei que o museu da imigração do Bunkyo é uma fonte de história e contato com o que somos. Atividades como o workshop, fazem parte da busca e exploração da identidade de cada um, assim como ler livros, ponto de partida para questionar, se informar. Disse-lhes que,

concluindo, podemos perceber que a mesma experiência de se ir ao Japão que traz geralmente desgastes, crises e estresse, traz em potencial um conhecimento ampliado da nossa própria identidade, uma maior flexibilidade quando passamos a relativizar valores e costumes e fazemos arranjos mais criativos nas nossas relações interpessoais.

Percebeu-se que os participantes aproveitaram bastante os conceitos teóricos, pois necessitavam de nomes para suas angústias.

4ª. parte: Documentário e discussão

O documentário *Permanência* (2006) enfoca a segunda geração de brasileiros, ou seja, como vivem as crianças e jovens que cresceram no Japão. Começa abordando a imigração japonesa e o que foi a experiência do imigrante japonês que veio para o Brasil, a continuidade que há entre isso e a emigração dos brasileiros para o Japão, a sensação do *nikkei* de estar aqui, estar lá.

Todos pareciam muito envolvidos com a atividade, com o “estar ali” no workshop. Apesar da hora avançada, isso não pareceu preocupá-los. Estavam curiosos e, apesar de minha sugestão de avançar parte do documentário em função do pouco tempo que tínhamos, desejaram assistir o filme inteiro. Organizam-se bem, de maneira silenciosa, coletiva. Resolvem entre si, arrumar as duas fileiras de bancos disponíveis de modo que fique numa fila única que comporta todos. Reações fortes e comentários no momento em que algumas crianças não levantam as mãos quando perguntam a elas quem é brasileiro. Há risos em outros momentos. Estiveram concentrados e se emocionaram, havendo uma identificação com os personagens.

Kátia A., sentada ao meu lado, chorou enquanto assistia e comenta comigo que a moça se sentia só na universidade (sei que ela também vive isso, algo que trazia no atendimento individual).

Pergunto o que acharam. Disseram que gostaram muito.

Kazumi acha um absurdo que os japoneses não saibam a história da imigração japonesa no Brasil. Fala da existência de nipo-americanos que tiveram que sair dos EUA e que vieram para cá, algo que pouca gente sabe: *“Os japoneses querem esquecer”*.

Outros participantes parecem compartilhar essa revolta.

Kátia A. faz um comentário sobre a escola japonesa que foi mostrada e o sistema eficiente de limpeza, em que cada criança ajuda e participa. Imagina se toda escola no Japão é assim mesmo. Achou interessante, porque não conhecia as escolas lá, diz que lá não teve oportunidade de ir às escolas.

Foi uma fala expressiva, pois escola e estudo são importantes para ela, pôde resgatar agora aqui no Brasil. Lá no Japão era só trabalho.

Kazumi diz: *“Aqui no Brasil, qualquer coisa que se suja, se chama faxineira. Serviço de limpeza é considerado tarefa inferior.”*

Kátia A conta que na fábrica em que trabalhava tinha revezamento para limpeza, mas eram somente as mulheres que faziam limpeza, inclusive do banheiro masculino. Ficava com raiva disso.

Minoru diz que achou legal o depoimento do imigrante que disse: *“Tem muito que se fazer aqui no Brasil. Acho que isso é verdade mesmo...”*. Parece ter sido bastante tocado por essa chamada, que o fez refletir.

Kazumi critica os pais das crianças, pois deveriam se preocupar e investir no estudo dos filhos. Devem poupar para isso.

Kátia A: *“Mas as pessoas precisam muitas vezes priorizar a sobrevivência, tem que enviar dinheiro para a família no Brasil. Não é fácil...”*.

Érica (psicóloga) diz que na migração é assim, muitos filhos de imigrantes japoneses aqui no Brasil também não estudaram.

Kazumi compara a realidade vista no documentário com sua época, em que havia poucas escolas, mas dava-se um jeito de andar quilômetros até a cidade. Acha que é muito mais fácil para os jovens de agora.

“Mas o documentário mostrou os vários lados, não é mesmo?” - comentário. “Lado dos professores, dos pais, das crianças nas escolas. As barreiras culturais no Japão... Elas tinham muita dificuldade de adaptação na escola, mas viviam isso sozinhas. Os pais muitas vezes nem imaginam que elas estão sentindo tudo isso. Há um descompasso entre pais e filhos. E pode ser um drama para os pais não poder se comunicar com os próprios filhos na mesma língua”.

Kazumi concorda.

Kátia A. fala que a experiência das mães entrevistadas, que tentaram estudar japonês, mas não tinham sucesso, lembrou a sua própria. Apesar de que aquelas mães estavam lá pelos filhos. Aos domingos, Kátia A tentou estudar japonês, mas ficou desanimada e acabou desistindo. Trabalhava a semana toda, estava sempre muito cansada.

“Aquele lugar também não parecia estimular muito. Que acharam do final das histórias de cada um?”, pergunto.

Marcelo pensa no rapaz brasileiro entrevistado que teve problemas de identidade, mas que foi bem sucedido: *“Aquele moço que foi com... Quantos anos mesmo? Catorze... Fez a faculdade, mas não sabe o que fazer agora... Não passou o que ele estudou...”*

Kátia A. lembra que foi relações internacionais! (seu marido, que retornou com ela, conseguiu entrar no mesmo curso recentemente).

Disse-lhe que era um curso que tem a ver com a vida dele. O rapaz disse no depoimento que esteve na área de cultura brasileira. E as universidades citadas de Tenri e Keio estão entre as universidades mais concorridas do Japão. Difícil entrar lá mesmo para os japoneses.

Pedro acha que eles são uma minoria apenas, que conseguiu.

Disse-lhe que concordo, mas há quem chega lá. Falou-se também daqueles adolescentes que aos 14 anos, sem terminar os estudos, já começam a trabalhar nas fábricas.

Pergunto se se identificaram com os relatos.

Segue-se um silêncio. Kátia Y. está quieta e parecia sensibilizada.

Minoru faz um comentário sobre a condição deles, não sabem também se vão ficar lá ou aqui.

Kazumi critica a aparência japonesa de uma das moças nipo-brasileiras.

Marcelo lança uma pergunta no ar: “*Terminada a faculdade, como será que vai ser a vida daquela moça também?*”

Disse-lhes que seria um desafio. Para todos.

5ª parte: Avaliação e fechamento

No fechamento que ocorreu logo após o documentário, havia certa angústia no ar entre os seis participantes que estiveram até o fim. Perguntei como foi para eles participar do workshop. Em seguida, Minoru sugere a participação de algum *ex-dekassegui* que voltou e deu certo aqui a fim de dar um depoimento. Falei que a Psicóloga Érica trabalhara no Japão e tem essa experiência. Já está num momento posterior, retornou há vários anos.

Érica nos contou, algo que foi uma contribuição elucidativa, que depois que se formou na faculdade, foi o período mais difícil. Ela e o marido tiveram muita vontade de ir para o Japão de novo. Lá parecia tudo mais fácil, enquanto no Brasil era difícil arranjar um emprego. Por outro lado, parecia grande judiação envolver os filhos nessas mudanças. Há um ano e meio, começou a trabalhar como psicóloga, o que lhe deu muita satisfação, e agora não pensa mais no Japão. Diz que se idealiza o país abandonado quando se muda.

Lembro a todos que Érica me contara há uns dias sobre sua sensação de poder se sentir mais aliviada e relaxada no Brasil só há pouco tempo atrás. Levou um bom caminho diante de várias pressões. Falo sobre minhas próprias dúvidas sobre ficar aqui ou ir para lá, épocas em que minha família toda estava lá. E que nos últimos oito anos desde que fui para estudar e voltei do Japão, passei por fases de adaptação. Só há pouco tempo também consigo fazer planos aqui. O que faz criar laços com o lugar? Às vezes é encontrar um trabalho que faça sentido, poder criar laços com pessoas. O lado financeiro, como a Kátia Y. falou num momento, é importante. Mas há um lado humano que pesa. Meu envolvimento com este trabalho de orientação a pessoas que passam por esse mesmo problema tem a ver com esse processo. Ou seja, saímos aos poucos da idealização que é comum, do objetivo amplo e inatingível, para viver etapas. Casos de sucesso? Ter sucesso envolve tempo, passamos por frustrações.

Kazumi diz que ouviu muito e gostou. Kátia A. e Kátia Y. também. Fala da diferença entre “ouvir falar” e, “ver e escutar” estando aqui entre as pessoas. Kazumi mostra-se curiosa sobre a publicação desse trabalho. Pergunta de alguma publicação minha em revista para que possa ler.

Disse-lhes que gostei muito e agradeci a participação de todos, pois percebia que houve uma troca entre as pessoas. Que esperava que o workshop pudesse ser um instrumento útil no processo que estavam vivendo. Falei sobre o Serviço de Orientação Intercultural e, como já havia sido dito, sobre a possibilidade de atendimento. Contei que, quanto ao trabalho de pesquisa, no próximo ano estaria concluindo. E que tinha um trabalho publicado, mas sobre uma migrante descendente de índios.

Kazumi e Marcelo pensam na semelhança ancestral entre o índio e o *nikkei*, uma proximidade que existe para eles em termos de raça e de condição estrangeira no país.

Na avaliação por escrito preenchida no final, eles responderam as seguintes perguntas: Como foi a experiência de participar das atividades? Quais os pontos importantes que ficaram como aprendizagem? Como poderá a aplicar a aprendizagem ocorrida no Workshop na vida prática?

Expressaram-se da seguinte forma:

Minoru:

Experiência: *“Foi muito bom, bom saber que tem muita gente que tem o mesmo problema em relação aos de kasseguis.”*

Pontos importantes: *“Atritos que acontecem em relação às diferenças de costume e modo de pensar.”*

Na vida prática: Não preencheu.

Kátia A.:

Experiência: *“Foi muito interessante poder ouvir as experiências dos outros participantes, opiniões diferentes da minha.”*

Pontos importantes: *“Poder saber que todos também passaram por dificuldades e aprendizados e que tem opiniões diferenciadas entre si. Foi bom para eu saber lidar com minhas contradições em relação aos japoneses.”*

Na vida prática: *“Não me sentir pressionada a me apresentar como japonesa ou brasileira; não fugir das minhas origens, mas também absorver novos conceitos; aceitar que é normal ter dificuldades de adaptação no Brasil, mesmo sendo meu país natal.”*

Kazumi:

Experiência: *“Muito boa. Vivendo e aprendendo, como se diz o velho ditado.”*

Pontos importantes: *“Ouvir as experiências de outras pessoas e assim poder reavaliar, modificar, enfim, estar sempre aprendendo.”*

Na vida prática: *“Conhecer mais o ser humano, orientar, aconselhar e ser tolerante com o próximo, com as diferenças culturais.”*

Kátia Y.:

Experiência: *“Boa, mas achei uma pena não ter sido dada completa como no programa”.*

Pontos importantes: *“Existe um conflito real quando vivemos em culturas tão diferentes. Depende de nós mesmos ver o que é bom e ruim de cada cultura, se adaptar a elas e poder também entender a reação das outras pessoas que vivem numa cultura diferente”.*

Na vida prática: *“Não se sentir diferente, mas ver que possuímos ‘coisas’ (características de culturas tão opostas) a mais”.*

Marcelo:

Experiência: *“Muito boa, pena que algumas pessoas não puderam participar da totalidade do workshop. Gostei muito do último dia, em que os assuntos levantados no dia anterior foram mais bem separados.”*

Pontos importantes: *“Ter mais flexibilidade e tentar ver o ponto de vista dos japoneses para com os estrangeiros.”*

Na vida prática: *“Saber que as pessoas consciente ou inconscientemente depositam expectativas em relação às outras e, tentar ‘negociar’ essas expectativas de uma maneira mais amigável.”*

Pedro:

Experiência: *“Foi bom para abrir mais a minha visão.”*

Pontos importantes: *“Quanto mais conhecimento, melhor para aceitar as situações desfavoráveis. Cada um tem um ponto de vista, mesmo que isso seja óbvio para mim. O ser humano, por mais que seja, é essencialmente sentimental.”*

Na vida prática: *“O que eu sentir que é melhor, essa frase será a maneira de escolher o melhor das duas culturas. Logicamente respeitando os outros, o momento ou a diferença hierárquica.”*

Quanto aos pontos que acham importantes e de que sentiram falta no workshop, escreveram que poderia haver maior exposição de estudos e pesquisas sobre o assunto, dicas para se inserir no mercado de trabalho e informações sobre entidades que orientam sobre esse assunto. Sentiram falta de tempo para alguns tópicos importantes programados e melhor condução em alguns momentos. Um participante, Marcelo, propõe o seguinte tema: “Por que a sociedade brasileira não considera os descendentes como brasileiros”. Kazumi propõe que japoneses que vivem no Brasil sejam convidados para dar seus depoimentos. Minoru acha que esse depoimento pode ser dado também por um *ex-dekassegui* que teve sucesso na readaptação ao Brasil. Propõe que juntemos mais pessoas na mesma situação e se tente fazer atividades maiores, principalmente em relação ao mercado de trabalho.

Os outros não se pronunciam, mas parecem concordar.

Kátia A. permanece um tempo conversando conosco. *“No meu caso, estou bem agora porque tenho com o que me ocupar”*. Comenta ao ir embora a ameaça de greve dos metroviários/ônibus e da universidade, como obstáculos presentes que fazem parte do que é estar nessa cidade grande e no Brasil.

6 ANÁLISE DO GRUPO E DISCUSSÃO

6.1 Vivência do retorno ao Brasil

De modo geral, o retorno foi sentido como processo difícil. Todos expressaram indignação com a conjuntura política, econômica e social do país encontrada ao retornar e trouxeram problemas como violência, insegurança, má-qualidade nos atendimentos e serviços, burocracia e lentidão. Marcelo, por exemplo, conta que para ele até a adaptação do seu organismo à mudança no fuso horário foi muito mais difícil no retorno ao Brasil que na ida ao Japão.

Estes aspectos têm sido constatados em outros estudos com brasileiros retornados do Japão (Oliveira, 1999; Carignato, 2004) e de outros países do Primeiro Mundo (Gmelch, 1980; DeBiaggi, 2004; Leifert, 2007). A dúvida quanto a ficar ou não no Brasil era algo muito presente, havendo incertezas e angústias com relação ao futuro, como constatou Sasaki (2000) em sua pesquisa.

A organização êmica (Paiva, 1978) é a maneira real de as culturas sistematizarem suas cognições da realidade. No retorno, notamos que ocorre um choque entre os aspectos êmicos, ou expressões culturais definidas, do país em que se morou, e que foram incorporadas pelos sujeitos; e os aspectos êmicos desfavoráveis que encontram em seu país de origem, dos quais não tinham tanta consciência antes da migração. Alguns relataram diante disso sensação de sentirem-se estrangeiros, de inassertividade, desorientação, falta de esperanças e de perspectivas no país.

Marcelo é o mais revoltado e crítico em relação ao panorama político do Brasil. Sente que o Brasil não lhe dá a oportunidade de exercer o seu potencial de trabalho. Através de seu

discurso, dá a impressão de que lá fora, no Japão, onde destaca o papel da tecnologia e as oportunidades de trabalho, também não tem espaço para exercer todo o potencial que acredita ter, parecendo muito frustrado por isso. Afirma mais de uma vez que não se chocou com o retorno ao Brasil, pois não esperava mudança. Mas não se refere e não entra muito em contato com o mundo interno, emocional, do qual parece estar mais distante. Este autoconhecimento poderia ser um instrumento para Marcelo lidar com as adversidades externas e desafios do retorno.

Conforme os psicanalistas Leon e Rebeca Grinberg (1984), a sensibilidade de quem acaba de chegar é grande, havendo muita necessidade de sentir-se acolhido. Ao mesmo tempo, qualquer contrariedade pode fazer a pessoa sentir-se atacada pelo lugar. Podem ocorrer dissociações, enquanto mecanismos de defesa para lidar com sentimentos de confusão. As vivências de insegurança que os recém-chegados experimentam estão determinadas não só pela ansiedade de separação das situações conhecidas e por incertezas e ansiedades frente ao desconhecido (impacto do encontro com situações novas), mas também pela regressão inevitável a que essas ansiedades conduzem. É essa regressão que lhes faz sentir-se em situação de desamparo e inibidos, às vezes, de poder aproveitar com eficácia os recursos de que dispõem e constituem sua bagagem. Os objetos internos bons precisam ser reativados em sua função protetora, e para tanto é necessário encontrar pessoas que os representem no mundo externo.

Kazumi e Kátia A., que retornaram a mais tempo, quatro e três anos respectivamente, trouxeram relatos em que se nota uma maior elaboração psíquica das diferenças entre os lugares, das perdas ocorridas e do tempo transcorrido no processo de migração.

Kazumi ficou decepcionada ao procurar no Japão a tradição e encontrar a modernidade. Mas se dá conta de que a experiência de morar lá durante três anos e meio lhe acrescentou hábitos e percepções que não tinha antes. Lembra que no Japão havia rituais e ocasiões para

apreciar a florada das cerejeiras e assistir a mudança na paisagem no decorrer das quatro estações do ano. Agora, em São Paulo, percebe a natureza em meio à cidade, como árvores e flores perto de sua casa.

Kátia A., que passou antes pelo atendimento individual breve no serviço de Orientação Intercultural, pôde compartilhar suas reflexões acerca do momento que está vivendo, marcado pela tentativa de criar raízes no Brasil através do estudo, que foi a motivação do seu retorno. Localizava ao mesmo tempo questões conflituosas que havíamos analisado no processo de atendimento.

Os participantes que passaram por emigrações repetidas e retornos recorrentes, como Minoru, Kátia Y. e Pedro já não sentem tanto esse impacto, que segundo Kátia Y. foi intenso da primeira vez que voltaram ao Brasil.

Tivemos algumas presenças fugazes, como as de Renato, Luiz, Mariko, Daniel e Tânia que só puderam estar no início ou parte do Workshop. Notamos interesse e expressões articuladas dessas pessoas no curto espaço de tempo em que estiveram participando. Estes e outros inscritos que desejavam vir só no segundo dia, nos remeteram também à condição de trânsito dos indivíduos retornados atendidos no Serviço de Orientação Intercultural.

Daniel e Tânia parecem não estar de fato se sentindo retornados, encontrando-se numa situação de passagem ainda. Daniel tem dívidas financeiras e tem como meta ir trabalhar no Japão de novo. No Brasil não há mais vínculos como aqueles com a faculdade, da qual desistiu. Pôde estar presente somente na primeira parte do Workshop. Tânia, que voltou há um mês, sente como se tivesse saído do paraíso, perdida e sem conseguir aterrissar aqui ainda. Esteve durante período temporário como estudante bolsista no Japão. Tem dúvidas em optar pelo lado financeiro promissor do Japão ou pelo lado da proximidade com a família que vê no

Brasil. Pede para participar somente do primeiro dia, porque é o possível para ela. Pergunta se deve fazer ou não a colagem sobre culturas, preferindo ficar de fora observando.

Para a maior parte dos participantes, a estadia no Brasil era momentânea. As viagens de “visita” ao país de origem, como afirmaram Grinberg&Grinberg (1984), mesmo que não impliquem uma consideração da possibilidade de retornar definitivamente, representam uma confrontação com tudo o que foi deixado para trás. O desejo manifesto de reencontro traz consigo o grande temor do desencontro. Por isso, essas viagens têm uma função importante de comprovar que aquilo que abandonaram continua aqui, não desapareceu, de que não foram esquecidos e continuam sendo amados por aqueles que ficaram.

Ainda segundo os mesmos autores, os conflitos emocionais diante de uma realidade diferente costumam ser intensos. Algumas pessoas apresentam vivências de dissociação psíquica. As vivências de recuperação de objetos podem ser simultâneas às de comprovação de perdas, vividas por alguns como se fossem consequência de terem sido despojadas de suas coisas e expulsos de sua casa, mesmo que a partida tenha sido voluntária. Os sentimentos consequentes de dor e estranheza se assemelham aos daquele que vê o mundo depois de estar morto. Há, portanto, necessidade de reelaborar lutos pelos outros e por si mesmo. Em alguns, despertarão desejos de permanecer para sempre e outros, pelo contrário, sentem-se reasssegurados por saber que têm um lugar que é seu, mesmo que seja longe, mas que representa sua âncora na realidade.

Nos atendimentos individuais realizados no serviço, como comentamos na seção anterior, as pessoas apresentaram a necessidade de resgate das relações familiares e dos conflitos resultantes, como parte da atualização do tempo que não fora vivido no país, uma questão bastante presente. No workshop, esse aspecto não apareceu de forma manifesta, embora estivesse igualmente presente. Discutiremos esse ponto mais adiante.

6.2 Entre duas culturas: identidade e representações dos lugares

No relato de algumas pessoas, o Japão foi associado à discriminação étnica, hierarquia, tecnologia avançada, consumismo, pessoas solitárias, crimes que revelam um país que não é perfeito e é muito diferente do lugar antes idealizado, em que “os japoneses não são tão unidos como os japoneses daqui”. Criticam o lado da aparência, da máscara, do estresse excessivo no trabalho, da exigência e disciplina rigorosas. Outros trouxeram grande identificação com a cultura, sua organização e formas de relacionamento, sentindo-se muito japoneses. Valorizam a utilização do espaço e dos recursos naturais.

Havia a percepção geral do Brasil como lugar com menos discriminação, mais comunicação, dentro e fora da família e mais calor humano que no Japão. Porém também surge nas representações como um país menos organizado, onde há falta de oportunidades, de segurança, de investimento na educação, onde há contrastes sociais. Outros criticam a exacerbação da sexualidade, a valorização da malandragem, o uso de meios místicos para resolver problemas práticos e da alegria que disfarça situações agudas.

Quanto à identidade, pode-se dizer que um dos cartazes, aquele feito por Kátia Y., em que há uma ponte cortada entre as duas culturas, brasileira e japonesa, foi algo representativo de um conflito e de dificuldade de integração geral percebidos no grupo. O cartaz mostra uma riqueza interna através da disposição das figuras, a mais criativa no sentido dos conteúdos das representações. Ela disse que antes de decidir ir para Japão já sentia uma inquietação interna e que o dinheiro não foi o principal motivo da viagem. Assim como o marido Pedro, sente-se estrangeira, sem lugar. Parece estar procurando uma direção. A identidade profissional paralelamente permanece indefinida. Percebe-se que não construiu ainda um território e espaço seus, com vínculos e com uma história. Mas está também numa busca, fazendo psicoterapia, se dando conta da necessidade de seu desenvolvimento pessoal.

O conflito entre duas culturas com aspectos tão opostos é vivido com angústia por quase todos que fizeram as colagens sobre as culturas, sem vislumbrar possibilidade de solução. Havia nos cartazes, ou uma dobra, ou uma linha dividindo os limites de cada uma.

O sentimento de pertencimento é requisito indispensável para uma boa integração num novo país e para a manutenção de um sentimento de identidade (Grinberg&Grinberg, 1984). Mas pensamos que os contrastes entre as culturas e as dificuldades em integrar suas características precisam, ao mesmo tempo, ser compreendidos em função do momento atual que estão vivendo, que é o do retorno, quando os choques entre esses aspectos costumam ser intensos.

Além disso, os processos de desenvolvimento da identidade étnica de acordo com Phinney (1990), como exposto para os participantes na parte seguinte do Workshop, dentro dos conceitos teóricos, são ciclos dinâmicos compostos por fases. Estes se dão de maneira subjetiva nas interações do indivíduo com diversas alteridades.

Pedro era o participante com maior conflito pessoal no que se refere à identidade cultural. Manteve-se atento aos conceitos teóricos sobre desenvolvimento da identidade e me pergunta: *“Há aqueles que morrem sem resolver seu conflito?”* Sente medo de jamais elaborar isso dentro de si. Pensou nos três momentos diferentes em que esteve no Japão: na infância, solteiro e casado. Parece ter sido uma vivência solitária, destacando em sua auto-apresentação que se sentiu melhor quando foi acompanhado. Na sua fala, a referência à identidade japonesa chama a atenção. Identifica-se com os valores japoneses, sentindo-se e agindo como japonês e citando a necessidade de respeito nas relações sociais conforme a diferença hierárquica. Mas não se sente aceito no Japão e parece estar em conflito. Chega mesmo a dizer que sempre se sente estrangeiro, seja lá ou aqui. Para Pedro, ser japonês significa “ser certinho” e não tem muito valor. Além disso, ser muito ligado à cultura japonesa faz com que tenha problemas com colegas brasileiros. O que vale é “ser malandro”. Valoriza o jeito malandro, mas tem que

reprimir tal sentimento. Foi um dos participantes que mais falou da “máscara” japonesa, algo da cultura: ser uma coisa e ter que aparentar outra em virtude do grupo. Ou seja, a restrição à impulsividade e espontaneidade, que na educação japonesa são valores importantes do ser humano moralmente maduro, parece entrar em conflito com as características de flexibilidade e esperteza, que são valorizadas no contexto brasileiro. Pedro não consegue visualizar a possibilidade de exercício desses últimos aspectos que são bem contrastantes em relação àqueles que fizeram parte de sua socialização. Mas tem alguma percepção de seu conflito. Ele mesmo se diz rígido e está em processo de terapia, na busca de informações e mudanças.

Kátia A, mestiça, traz dificuldades no contato com os japoneses e sensação de que não é aceita por eles porque tem um jeito brasileiro de ser. Seu jeito de falar, aspirações e valores, porém, refletem bastante os valores japoneses de seu pai que é descendente. Recentemente, seu relacionamento mais freqüente com imigrantes japoneses, em função de uma pesquisa acadêmica, tem sido uma oportunidade de ressignificar sua identidade.

Para Kazumi, filha de japoneses, portanto descendente de segunda geração, a experiência de trabalho no Japão após a aposentadoria, parece que teve o papel do encontro e elaboração da cultura de seus pais. Kazumi é bastante crítica quanto às realidades de ambos os países, o que é positivo. Porém os aspectos sarcásticos e os problemas projetados por ela principalmente nos jovens, além da visão muitas vezes unilateral dos fatos se aliam aos seus sentimentos de solidão, confusão e fragilidade, sensações que não são exclusivas dos jovens. Tem muitos questionamentos externos, mas falta-lhe um movimento de maior questionamento interno, por exemplo, quanto à sua própria identidade. Está numa exploração ainda, embora declare ter uma identidade cultural resolvida.

Minoru, imigrante japonês questiona seu próprio trabalho de colagem com modéstia, como que numa atitude de pedir licença para expor sua vida ao outro. Evita se diferenciar no

grupo e mostrar algo mais íntimo de seu ser. Pede desculpas à psicóloga por não fazer um trabalho de colagem preenchido por várias figuras como os dos outros, de termos comuns. A forma de representar as culturas, com uma só figura, lembra a arte japonesa. O Brasil para ele é lugar para se viver, dos sentimentos ligados ao dia-a-dia, da família, do lado humano que envolve as relações. O Japão, onde nasceu, é lugar marcado pela racionalidade do trabalho, por repressão familiar e falta de diálogo que leva às atitudes de violência na modernidade.

Mariko, também imigrante japonesa que veio para o Brasil ainda criança e apresenta sotaque, traz a visão dos japoneses. Para ela, os japoneses, pela natureza de sua cultura, não têm costume de lidar com estrangeiros e precisam desse contato para então se abrir gradualmente. O esforço de integração deveria partir dos próprios brasileiros, que não se esforçam para aprender a cultura e língua japonesa e ficam isolados também em grupos.

Luiz, marido nipo-brasileiro de Mariko, tem experiência de turista no Japão. Sua opinião é diferente da esposa. Percebe as dificuldades dos familiares e amigos, quer se informar e participa da primeira parte. Parece muito envolvido com essas questões todas, sentindo-se implicado nelas. Critica o jeito muito introspectivo e fechado dos japoneses, a recusa de muitos imigrantes japoneses em aprender a língua portuguesa no Brasil, como uma resistência negativa de não aceitação do diferente.

Renato, mestiço, mostra-se mais identificado com os valores culturais japoneses que com os brasileiros. Seu jeito de ser aparentemente formal expressa isso. O Japão é o país onde desenvolveu satisfatoriamente parte significativa de sua vida. Lá viveu todo o final de sua adolescência, onde se sentiu aceito e reconhecido pelas suas iniciativas e qualidades principalmente no trabalho.

A manutenção de consenso grupal e o comportamento cerimonioso (Lebra, 1976) foram aspectos da cultura japonesa manifestados pelos participantes do grupo. Ao apresentar um cartaz em que falava mais da própria experiência, ao contrário dos outros anteriores

confeccionados pelos colegas, Kátia A. se desculpa: “*Acho que pensei mais em mim*”... Os participantes não trouxeram recordações num nível mais íntimo e pessoal e, como observamos, não expuseram conflitos na área das relações familiares. A família foi um aspecto que caracteriza para muitos o Brasil. Mas como será a representação da família encontrada no retorno? Percebe-se que esses conflitos se fazem mais do que presentes, estando implícitos nas relações familiares de Mariko com sua filha, nos problemas projetados na última e que não puderam ser explicitados. Quando a questão da família é colocada, ocorre um silêncio. Em seguida, somente Kátia A. comenta o luto necessário dela e de sua mãe ao se reencontrarem após os dez anos em que Kátia A. trabalhou no Japão, questão essa que veio à tona no processo terapêutico individual.

Isto tudo pode ser compreendido em função do período breve em que o grupo esteve reunido interagindo, que não foi suficiente para que os vínculos de confiança se estruturassem melhor. Ao mesmo tempo, percebemos que algumas mulheres se aproximaram de suas dificuldades de um ponto de vista mais emocional, falando de algumas perdas vividas, enquanto que os homens de modo geral abordaram as mesmas dificuldades a partir do mundo externo, referindo-se mais ao meio político, econômico e social insatisfatório do Brasil. E há questões culturais, pois talvez num espaço particular esses conflitos pudessem ser revelados.

Uma hipótese é de que no grupo, geralmente o japonês e seus descendentes não costumam compartilhar aspectos emocionais e íntimos relacionados a sentimentos de hostilidade e conflito, sobretudo em relação aos próprios pais. Conforme DeVos (1986), o sujeito se auto-avalia automaticamente em função da culpa resultante do menor impulso de realização da hostilidade inconsciente que nutre em relação às figuras parentais. Esse sentimento de culpa fortemente internalizado na conduta dos japoneses está essencialmente relacionado com a formação de um ideal de ego, ou melhor, com a aquisição daquilo que se considera um papel social adulto.

Outro ponto: se por um lado, surgiram nas colagens representações simbólicas coletivas do Brasil como país do calor humano e do Japão como país da alta tecnologia e educação, há um tom pessoal em cada trabalho, em função das experiências singulares que cada um teve. Kátia A. coloca figuras de livros no lado do Brasil, pois a oportunidade de estudar, algo valorizado por ela, esteve sempre ligada ao retorno. Kazumi destaca a revolta diante da pornografia e exploração do corpo feminino pela mídia no Brasil, o que remete à sua própria história relatada de opressão familiar pela condição feminina numa cultura oriental marcadamente patriarcal. Kazumi era a única filha do sexo feminino, a quem foram atribuídos as tarefas domésticas na infância e adolescência e o sofrimento calado.

Consideramos as diversas subjetividades, pois como apontou Linger (2001), os pensamentos, sentimentos e experiências individuais podem expandir e superar as representações coletivas. Em condições apropriadas e de forma dinâmica, as subjetividades tornam-se objetos de reflexão e transformação.

Concordamos com Sasaki (2000), quando afirma que num “jogo da identidade” os sujeitos estabelecem relações em que jogam com diferenças/multiplicidades com o outro, traçando assim suas especificidades. E que a identidade bicultural do descendente de japoneses é negociada na experiência migratória para o Japão, resgatando e dosando a sua “brasilidade” e sua “japonidade”. Dependendo da situação, a primeira ou a segunda é acionada. Os termos brasilidade e japonidade estão longe de ser definidos. Na idéia de japonidade dentro do contexto dos estudos sobre a identidade, é inegável a presença da carga cultural.

A autora questiona o que consistiria, por exemplo, a “pureza” entre os descendentes. Um casamento intraétnico não necessariamente garante a japonidade, uma vez que os aspectos culturais podem ter dimensões muito maiores e mais complexas. Os critérios para

cercar tais aspectos culturais são altamente complexos, tarefa que demandaria um empreendimento muitíssimo aprofundado.

Se, por um lado, a mestiçagem é vista como um abasileiramento, alguns casos de descendentes mestiços atendidos em psicoterapia breve mostram que isto é relativo. Em termos fenotípicos, havia diversidade na aparência física, ora mais ocidental, ora mais próxima ao asiático. Isso às vezes se estende ao âmbito dos costumes, comportamento e conhecimento da língua. Uma das jovens mestiças atendidas em psicoterapia individual relatou que, apesar de ter maior conhecimento da língua japonesa que seu namorado, descendente “puro”, era tratada freqüentemente pelos japoneses como operária estrangeira, uma pessoa com menor capacidade de compreensão e necessidades constantes de supervisão.

Talvez exatamente essa condição indefinida, essa possibilidade de vir a ser, essa ambigüidade seja o que dá margem a tantas negociações.

De acordo com Berry, citado por DeBiaggi (2005a), a aculturação não é necessariamente uniforme nas várias dimensões do comportamento e da vida social, como no âmbito do trabalho, língua, casamento e outros. Dessa forma, Kátia A, por exemplo, casada com um nipo-brasileiro, relatou que no Japão não tinha interesse e não se sentia à vontade de aprender e utilizar a língua japonesa no dia-a-dia. Percebia a sua convivência com os japoneses como distante e difícil, ao contrário da convivência que seu marido, que também era *dekassegui*, tinha com eles. Predominava a estratégia de separação no que se refere à aculturação lingüística e na vida social. Mas uma reflexão posterior ao retorno possibilitou uma visão mais ampliada dessas relações estabelecidas. No momento buscava uma integração entre as duas culturas através de seu trabalho de pesquisa acadêmica, que lhe demandava interação maior com grupos de imigrantes japoneses no Brasil.

Além disso, pudemos perceber que, de fato, a ideologia da sociedade majoritária, assimilacionista no caso do Japão, representa um contexto que foi fundamental na adoção da

estratégia de separação por vários participantes que foram a trabalho para esse país, o que gerou estresse. Do ponto de vista do Brasil, que é a sociedade de origem dos nipo-brasileiros observamos a percepção pelos mesmos trabalhadores retornados, de uma ideologia arraigada no imaginário social que não inclui integralmente esse grupo em sua diversidade cultural.

Assim, diversas representações dos dois países, Brasil e Japão, ao longo do tempo, tornam-se parte de escolhas dos indivíduos e de um possível caminho para a estratégia da integração. Esses lugares simbólicos, dois universos conflitantes, estão ao mesmo tempo relacionados com uma potencialidade, como possibilidades de vida enriquecedoras e, como Berry apontou, estão também relacionadas com a própria integração psíquica desses sujeitos.

6.3 A experiência do workshop

Uma crítica possível a este trabalho advém de sua interpretação como pragmatismo ingênuo. Mas sabemos que cada retornado segue após esse encontro, uns mais, outros menos, com incertezas e ansiedades. Tentamos apontar perspectivas para que seja possível a cada um ter um ambiente propício para transformar seus conflitos em algo criativo, estimulando a emergência de um sentido crítico.

Procurou-se mostrar em tom mais humano e menos repreensivo que as ansiedades fazem parte do processo de retorno. Pois acreditamos que é importante entender os dilemas culturais provocados pelas múltiplas interfaces de contextos culturais diferentes. A baixa auto-estima dos *dekasseguis* e suas perdas financeiras na volta ao país são interpretadas por muitos líderes da comunidade puramente como resultado do despreparo e da situação econômica. Exige-se daquele que retorna uma organização racional. Porém, salientamos que a auto-percepção emocional é um processo essencial para qualquer pessoa ter capacidade de fazer planos realistas, pesquisas sobre o mercado de trabalho e decisões sobre onde permanecer.

Mello Filho (2001) mostra como em sua evolução, o grupo repete o desenvolvimento do indivíduo. Em seus primórdios, apresenta-se não integrado, como uma soma de partes não relacionada. Ocorrem dissociações, com a formação de subgrupos com comentários paralelos, ausências e saídas. Realmente, no início, as ansiedades intensas levavam o grupo a dizer o que pensavam, mas quase sem poder escutar. No segundo dia, o grupo estava num estágio de maior coesão, em que seus componentes formavam uma unidade. Os processos de identificação foram um pouco mais intensos, eles se entendiam melhor.

Em vários momentos, os problemas como a inserção dos brasileiros na sociedade japonesa, os problemas educacionais das crianças brasileiras no Japão, a própria dificuldade

de adaptação cultural e outros eram levantados e, na tentativa de compreender os fatos apontavam-se julgamentos radicais e unilaterais. Culpavam-se ora os pais brasileiros das crianças que estudam no Japão, ora os japoneses como grupo referido como homogêneo ou então a situação externa diante da qual se sentiam impotentes. A reflexão que se tentou promover foi em direção à relativização de perspectivas, atentando para vários âmbitos - político, social, cultural e emocional - que formam uma conjuntura, destacando as possibilidades do indivíduo enquanto sujeito atuante. Procurou-se estimular, ao mesmo tempo, uma percepção do grupo quanto à continuidade histórica das experiências dos imigrantes japoneses no Brasil, a emigração dos descendentes ao Japão e a nova geração de filhos de brasileiros nascidos lá.

Nos desabafos e questionamentos, eles esperavam continência para suas angústias, o que revelava um grupo saudável que estava em busca positiva de respostas. Nesse sentido, o uso de conceitos teóricos foi importante para a nomeação dos sentimentos e do processo de simbolização do que é viver entre duas culturas. Kátia Y, por exemplo, anotou com muita avidez esses conceitos, mostrando necessidade de respostas e acolhimento. Obter um *feedback* parece ter lhe causado grande alívio.

O documentário, após a parte teórica, causou um sentimento de identificação, surgindo daí reações mais emocionais. Assim, o futuro incerto dos personagens do documentário, que também vivem entre duas culturas, causou apreensão. Havia uma idealização da figura das psicólogas como fonte onisciente de saber que salvaria o grupo dessas angústias. Minoru, no final, sugere que numa próxima vez, algum *ex-dekassegui* de sucesso dê um depoimento. Eu disse que a psicóloga Érica trabalhou em fábrica no Japão, já foi uma *dekassegui* e poderia nos contar mais sobre o período de crise e adaptação após o retorno. O relato da psicóloga incluiu fases com “altos e baixos”, sem fórmulas milagrosas, que nos coloca na condição

humana que nos é característica, sujeita a dúvidas, tarefas árduas e mudanças de planos. A resposta, assim, procurou ser um ponto de partida e um encorajamento no sentido de que pudessem, a partir de suas angústias, sair do isolamento e explorar possibilidades dentro da realidade como se apresenta no momento, ou seja, caracterizada por desafios. E para tanto, perceber que terão que lidar com frustrações e abandonar a idealização inicial. Sentirão assim, após a experiência migratória, “que o mundo se ampliou e se enriqueceu, abarcando objetos e afetos do antigo e do novo” (Grinberg&Grinberg, 1984, p.225).

Nesse sentido, avaliamos o conteúdo e o impacto do Workshop a fim de termos uma indicação dos aspectos do projeto que estão em acordo ou não com as expectativas. Os comentários orais e escritos da avaliação mostram que houve um processo de reflexão e a experiência foi enriquecedora. As angústias puderam ser reconhecidas como conflitos que fazem parte da mudança de país e da condição de indivíduos biculturais. Além disso, o grupo e sua função de espelho, continência e troca de experiências diversas foi algo ressaltado pelos participantes. Os dois rapazes, Pedro e Marcelo que mostravam fortemente conflito entre os países, rigidez e menor contato com o mundo interno, puderam incluir em seus relatos finais de avaliação do processo, expressões como “flexibilidade” e constatação do “aspecto sentimental do ser humano”.

Uma observação importante é que, no final, já encerradas as atividades e tendo se avançado muito o tempo previsto, alguns membros do grupo permaneciam falando e prolongando a discussão, sem desejarem se separar do lugar e das psicólogas. Teria sido positivo talvez se pudéssemos ter percebido isso no momento para nomear melhor esse sentimento. Esse comportamento pelo qual se manifestavam reminiscências da fase infantil de dependência absoluta do ser humano reflete a condição migrante que eles vivem: situação de trânsito, marcada por perdas e separações. Havendo a necessidade de luto também pelo término do Workshop.

6.4 Processo individual de uma migrante

Os participantes estavam em momentos diferentes quanto à elaboração da crise de identidade, quanto ao movimento de trânsito entre os dois países e quanto aos graus de percepção emocional interna. Concluímos que, como afirmou Berry (2004), as migrações foram mudanças geradoras de níveis variáveis de estresse de acordo com uma série de fatores: estratégia de aculturação, fase do processo, perdas, transformações e disponibilidade de redes sociais, classe e status social, idade, geração e recursos psicológicos.

Comentaremos aspectos de uma participante que esteve presente em todo o Workshop e teve um percurso com muitas elaborações desde o processo anterior de psicoterapia breve em Orientação Intercultural:

Na história de Kátia A., estudante de 28 anos, havia a tarefa necessária de recuperar a história vivida no Japão. A situação de instabilidade contínua, em meio a perdas e separações sucessivas ocorridas no deslocamento, desde a sua ida para o Japão, quando ainda era adolescente, e a partida dos familiares, se prolongara na volta ao país. Fazer uma pausa era algo sentido como iminência de morte, o ritmo de vida no Brasil contrastava com o ritmo acelerado de antes, como trabalhadora de fábrica no Japão. Uma fala ilustrativa sua foi a seguinte: *“Mesmo estando em minha casa agora, eu tenho a sensação de que alguém, a qualquer momento, vai me tirar daqui. O tempo parece correr e faltam mais horas no dia, não consigo fazer mais nada com calma”*. Estava também num momento intenso de indignação e contestação do que era ser *nikkei* no Brasil, sentimento que não conseguia externalizar no ambiente universitário onde não se sentia inserida. Entre duas culturas, Kátia A. sentia-se incomodada de falar a língua japonesa no Japão, vivendo o preconceito por ser brasileira, mesmo tendo bom desempenho no trabalho. Um aspecto seu era a idealização adolescente da realidade e o choque ao perceber que as imagens que tinha em mente não são o

que existe de fato: o Japão, onde os japoneses não são unidos como os “japoneses” das comunidades daqui; a família japonesa do pai que não é certinha, com as traições, mortes, episódios de violência e desorganização que a caracterizam; seu próprio desempenho físico e intelectual, a disciplina que falha quando não gostaria que isso acontecesse; os acontecimentos históricos cuja complexidade é constatada no contexto acadêmico, e que tinham sido compreendidos em versões simplificadas na escola. Resgatar a memória pessoal, a adolescência e o amadurecimento vividos lá e as representações culturais nos processos de mudança pôde ser algo positivo. Só depois disso tornou-se possível que a estudante se apropriasse das experiências positivas e negativas como um todo, voltando-se mais para o presente e seus imperativos. Diante das dificuldades financeiras e do desgaste sentido na busca de uma inserção profissional no contexto brasileiro, o envolvimento numa atividade acadêmica relacionada à história da imigração japonesa dos avós foi algo vivificante. Na construção de um espaço pessoal, Kátia A. pôde começar a criar raízes. O amadurecimento pessoal pôde ser possível, assim, acompanhado de uma crítica mais integrada dos valores culturais (brasileiros, japoneses e vários outros) a partir da consciência dos contrastes vivenciados entre estes valores nos dois países em que transitou. Outra função da psicoterapia foi o auxílio no fortalecimento da autonomia e no processo de rompimento de Kátia A. com padrões culturais mais rígidos da família de origem. Afinal, havia aspectos de culpa pela ascensão social que a distanciava de seu meio. No Workshop que se seguiu ao término do processo, traz uma experiência mais elaborada, falando de momentos diferentes no retorno - antes e agora - e dos pontos ainda difíceis de superar, como a auto-estima baixa. Busca mais afirmação em sua vida. Estendeu ao espaço de grupo suas reflexões, ampliando suas capacidades pessoais. Mostra-se falante, viva e participativa no grupo. Apresenta-se ao grupo falando de sua bolsa de iniciação científica na Faculdade, que é a conquista de um papel. Uma de suas queixas trazidas no processo de Orientação Individual era a de ter sido participativa e

atenta na época que era estudante, antes de ir para o Japão, mas não estar podendo ser assim na USP e se cobrar por isso. Lá é um ambiente em que se sente de fora. Nesse grupo de retornados, pode ser compreendida, fala-se a mesma língua. Faz comentários interessantes, quando conta como sentia necessidade de idolatrar o Brasil quando estava no Japão, algo que não acontece agora que está no Brasil. Também fala da visão preconceituosa que os japoneses têm do Brasil. Despede-se falando sobre isso e sobre barreiras desagradáveis que fazem parte do que é viver na cidade de São Paulo, como a ameaça de greve no metrô e na USP. Num e-mail recente relatou a conquista de um trabalho que tem a ver com cultura, perto dos livros, o que parece ter dado novo sentido à sua vida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta intervenção psicológica, procuramos, através de um olhar transdisciplinar, desvendar algumas das camadas mais profundas de problemáticas que, vividas e sofridas como pessoais e privadas são, na verdade, coletivas e políticas.

Conforme o estudo mostrou, estamos diante da realidade de pessoas que se mantêm em trânsito entre países. Portanto, a intervenção com pessoas retornadas do Japão não deve ser focada exclusivamente na adaptação ao Brasil, mas precisa também auxiliar o desenvolvimento de habilidades úteis para uma vida mais satisfatória em ambos os lugares e culturas.

Os migrantes em questão nesta pesquisa transitam não só entre dois lugares geográficos, mas também entre mundos sociais e culturais diferentes, representados de forma singular por cada pessoa. Esse movimento de trânsito se dá também, simbolicamente, no processo de intervenção, entre passado e presente, e entre presente e futuro.

Viver entre duas culturas que as pessoas carregam dentro de si e estar entre dois países na condição de subgrupo étnico ou “estrangeiro”, é um grande desafio para esses brasileiros de ascendência nipônica, relacionado à maturidade psíquica e à emergência de um senso social crítico.

Nesse contexto, de um ponto de vista psicanalítico, o legado, ou experiência cultural pode ser compreendido como uma extensão do espaço potencial entre o indivíduo e o ambiente em que vive. Esse espaço depende das experiências que se efetuam nos estágios precoces da vida na relação entre bebê e mãe, mundo interno (eu) e externo (não-eu), as quais conduzem a graus variáveis de confiança na própria existência (Winnicott, 1975). Com a migração, torna-se necessário ao migrante o uso de um espaço temporário de transição entre o

conhecido e o novo, que assegure uma relação de continuidade entre self e ambiente, a fim de que possa lidar com o estresse e a desorganização resultantes do processo de ruptura (Grinberg&Grinberg, 1984).

Por isso, os espaços de suporte e acolhimento são fundamentais no processo de reorganização de valores e vínculos para quem está em trânsito de retorno e sofre a falta de ressonância afetiva no meio familiar e social. As experiências da equipe de psicólogos que passaram pela mesma situação puderam ser facilitadoras nesse processo. Tarefas como atualizações em relação à nova realidade encontrada no país passam a ser encaradas como parte da mudança, e os conflitos e o estresse daí resultantes passam a ser reconhecidos como algo não patológico.

O espaço potencial (Winnicott, 1975) pode favorecer ainda a independência emocional - que nunca é completa - na medida em que propicia a criatividade, a espontaneidade e o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida. É essa uma área na qual as experiências recentes e atuais reproduzem sensações intensas como as que foram vividas nos primeiros anos de vida. Assim, poder jogar com símbolos das culturas a que se pertence está relacionado à espontaneidade, ao brincar constitutivo e ao desafio do ser humano de encontrar-se e viver criativamente.

Em nossa proposta de intervenção, acreditamos que na integração, estratégia de aculturação mais próxima à condição de bem-estar psíquico do indivíduo, não precisa haver um ponto de equilíbrio perfeito entre os aspectos do Brasil e do Japão. Eles se alternam como figura e fundo. Há na verdade um estar bem dentro de si na própria diversidade interna que lhe é peculiar e uma liberdade no sentido de não ter que pedir desculpas por não corresponder nem ao estereótipo do japonês nem ao do brasileiro.

A possibilidade de integração das culturas faz com que a visão de mundo seja alargada, tornando-se mais rica e requer constantes negociações, dar e receber baseados em

conhecimento mútuo, confiança, segurança e respeito (Berry, 2004). Se, por um lado, sabemos que a estratégia da integração é um ideal difícil de atingir, nem por isso devemos deixar de tentar caminhar em direção à superação do contraste existente entre as duas culturas, ambas incompletas e incapazes de dar respostas universais e definitivas, como o são todas as culturas.

Chamamos a atenção para a importância da articulação constante da teoria e da técnica intercultural com a prática de intervenção, reconhecendo que é necessário um exercício de reflexão e de aprendizagem constantes para poder trabalhar de fato dentro de uma perspectiva intercultural. Pois lidar com as próprias expectativas íntimas como, por exemplo, as de que um paciente deve chorar ou exteriorizar verbalmente suas angústias para se sentir aliviado numa situação de crise, exige revisão de todo um sistema de crenças em que estão baseadas as formações em psicoterapia de base ocidental no Brasil.

Finalizamos com as palavras expressas por Baptiste (1993), p.362:

Os terapeutas precisam se movimentar num caminho sem se guiar apenas por normas estabelecidas e, para fazer isso, se requer um funcionamento mais a partir do coração do que do intelectualismo racional. O relacionamento é aprofundado em função da abertura do terapeuta e seu cliente, ambos compartilhando entre si suas histórias culturais diversas, suas experiências e seus estilos de vida.

REFERÊNCIAS

- Baptiste, D. (1993). Immigrant families, adolescents and acculturation: insights for therapists. *Marriage & Family Review*. Special issue: families on the move: migration, immigration, emigration and mobility. vol 19, 314, 341-363.
- Berry, J. W. (2004). Migração, aculturação e adaptação. In: DeBiaggi, S.D.& Paiva, G.J (Org.). *Psicologia, E-Imigração e Cultura* (pp. 29-45). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Berry, J. W., Poortinga, Y., Segal, M & Dasen, P. (1992). *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bochner, S (1985) Training inter-cultural skills. In: Hollin, C & Trower, P. (Ed) *Handbook of social skills*, International Series in Experimental Social Psychology, vol 12, pp. 155-184, NY: Pergamon Press.
- Carignato, T.T. (1999) *Passagem para o desconhecido: um estudo psicanalítico sobre migrações entre Brasil e Japão*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Carignato, T.T. (2004). O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: a experiência de kassegui. In: DeBiaggi, S.D. & Paiva, G.J. (Org.) *Psicologia, E-Imigração e Cultura* (pp. 227-248). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chan, S. e Leong, C.W. (1994). Chinese Families in Transition: Cultural conflicts and Adjustment problems. *Journal of Social Distress and the Homeless*, vol 3, n. 3, 263-281.
- DeBiaggi, S. D. (2004). Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DeBiaggi, S.D.& Paiva, G.J (Org.). *Psicologia, E-Imigração e Cultura* (pp.135-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- DeBiaggi, S. D. (2005a). Migração e implicações psicológicas: vivências reais para o indivíduo e o grupo. *Travessia*, Ano XVIII, n 53, 16-20, set./dez.
- DeBiaggi, S. D. (2005b). *Psicanálise, globalização e interculturalidade*. Trabalho apresentado no IV Encontro Latino-Americano dos Estados Gerais da Psicanálise realizado em São Paulo.
- DeVos, G. (1986). The relation of guilt toward parents to achievement and arranged marriage among the Japanese. In: Lebra, T.S. & Lebra, W.P. (Eds) *Japanese culture and behavior: selected readings* (pp.369-378). Honolulu: University of Hawaii Press.
- Draguns, J.G (1980). Introduction. In: Triandis, H.C. & Draguns, J.G (Eds) *Handbook of Cross-cultural Psychology*. Psychopathology, vol 6 (pp.1-8). Boston: Allyn and Bacon.
- Falicov, C. J. (1995). Training to think culturally: a multidimensional comparative framework. *Family Process*, vol 34 (4), 373-388.

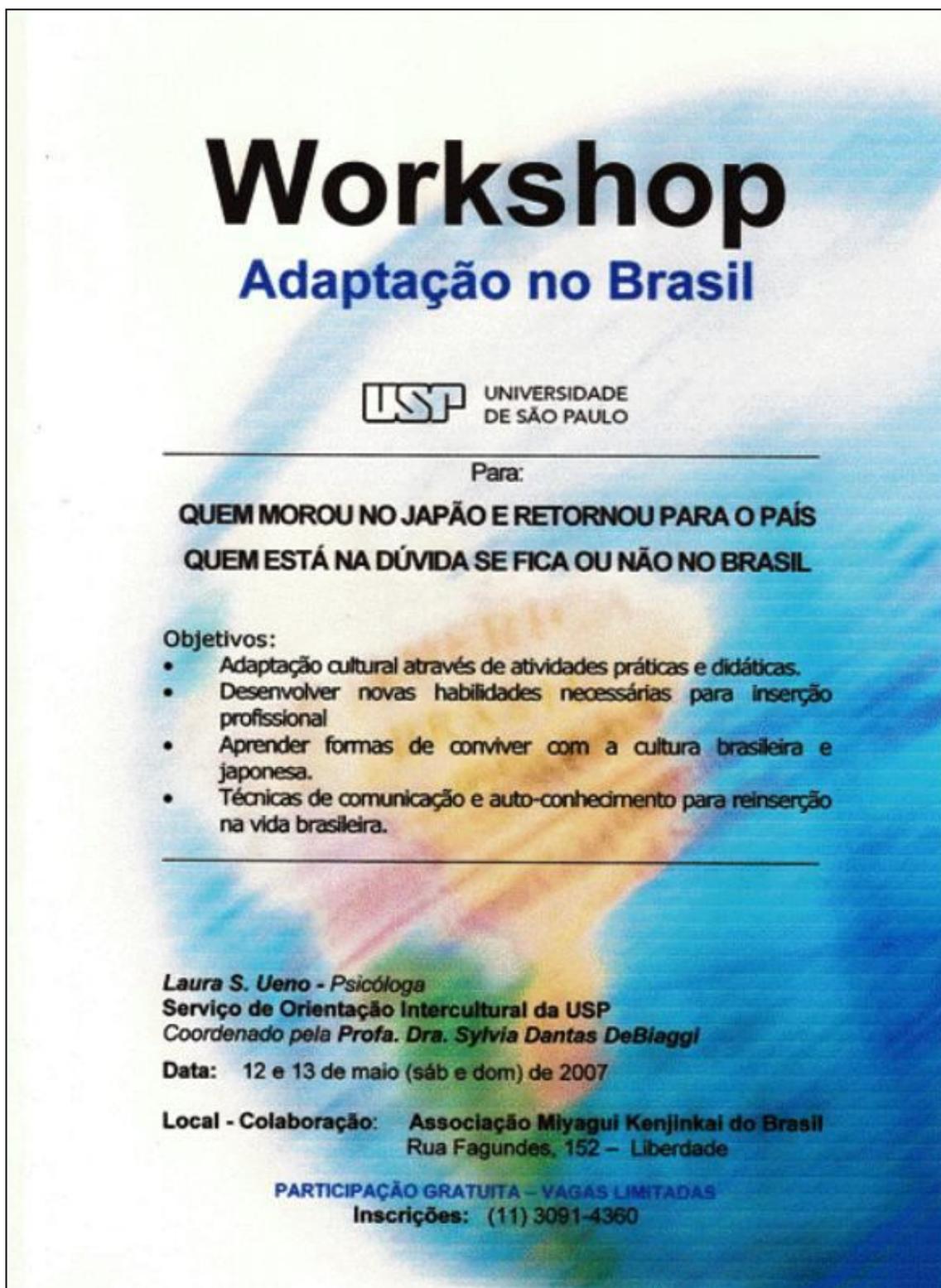
- Gmelch, G. (1980). Return Migration. *Annual Review of Anthropology*, 9, 135-159
- Grinberg, L. e Grinberg, R. (1984). *Psicoanálisis de la migración y del exílio*. Madrid: Alianza editorial S.A.
- Higa, M.M. (2006). *Conflitos intrapsíquicos e interpessoais em um grupo de migrantes brasileiros no Japão*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ishi, A. (2003). Searching for home, wealth, pride and “class”: Japanese Brazilians in the “Land of yen”. In: LESSER, J. (ed). *Searching for home abroad: Japanese Brazilians and transnationalism* (pp. 75-102). Durham and London: Duke University Press.
- Ishii, H (Diretor). (2006). *Permanência* [DVD], 70 minutos. São Paulo, SP.
- Ishimori, K. M. (2006). *Viver num corpo estrangeiro: sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotípias*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Kawamura, L. (1999) *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas, Ed. da UNICAMP.
- Kitahara, S. T. (2005). Migração internacional e mulheres: o caso das japonesas e nipo-brasileiras. In: Neto, H.P & Ferreira, A.P. (orgs). *Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios* (pp.117-132). Rio de Janeiro: Revan.
- Kitano, H.H.L. (1986). Counseling and Psychotherapy with Japanese Americans. In: Pedersen, P.B & Marsella, A.J. (Eds). *Cross-cultural counseling and psychotherapy* (pp.228-242). New York: Pergamon Press.
- Lebra, T. S. (1976). *Japanese Patterns of behavior*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Lebra, T.S. (1993) Culture, self and communication in Japan and the United States In: Gudykunst, W.B (Ed.) *Communication in Japan and United States* (pp. 51-87) Albany: State University of New York Press.
- Leifert, M.G.M. (2007). *Migração de retorno: psicoterapia breve de jovens brasileiros, um diálogo entre psicologia intercultural e construcionismo social*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lesser, J. (2002). In Search of the Hyphen – nikkei and the struggle over Brazilian national identity. In: Hirabayashi, L.R.; Kikumura, A.; Hirabayashi, J. A. (Eds.) *New Worlds, New Lives: Globalization and People of Japanese Descent in the Americas and from Latin America in Japan* (pp.37-58). Stanford: Stanford University Press.

- Linger, D. T. (2001). *No one home: Brazilian selves remade in Japan*. Stanford: Stanford University Press
- Marques, M.F.S. de M. (2001). *Transferências orientais: um estudo sobre a ruptura na psicanálise de uma japonesa*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- Maynard, S.K (1997) *Japanese communication: language and thought in context* Honolulu: University of Hawaii Press.
- Mello Filho, J. (2001). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Miura, I. K. (1997) *Dekasseguis: relatos de identidade a partir da experiência de trabalho no Japão*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Mori, K. (1999). *Transmigrant patterns of migrant labor: 15 years of nikkei Brazilian “dekasegi”*. Apresentação de trabalho, mimeo.
- Moriya, R.M. (2000). *Fenômeno dekassegui: um olhar sobre os adolescentes que ficaram*. Londrina: CEFIL
- Munakata, T. (1986). Japanese attitudes toward mental illness and mental health care. In: Lebra, T.S. & Lebra, W.P. (Eds) *Japanese culture and behavior: selected readings* (pp.369-378). Honolulu: University of Hawaii Press.
- Nakagawa, D. I. (2002). Migração e saúde mental. In: Carignato, T.T., Rosa, M.D. & Pacheco F., R.A. (Orgs). *Psicanálise, Cultura e Migração* (pp.221-225). São Paulo: YM Editora e Gráfica.
- Ocada, F.K. (2002). *A cultura e o habitus japonês: ingredientes da experiência*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.
- Oliveira, A.C. (1999). Repensando a identidade dentro da emigração ‘dekassegui’ In: Reis, R.R.& Sales, T. (Orgs) *Cenas do Brasil Migrante* (pp. 275-307) São Paulo: Ed. Boitempo.
- Oliveira, M.C de (2006). *Brincar: mutualidade em jogo*. Trabalho apresentado no XI Colóquio Winnicott - Criatividade e experiência cultural, realizado em São Paulo de 25 a 27 de maio de 2006.
- Paiva, G. J. de (1978). *Introdução à Psicologia Intercultural*. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira.
- Paiva, G. J. de (2004). Apresentação. In: DeBiaggi, S.D. & Paiva, G.J. (org.) *Psicologia, E-Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Phinney, J (1990). Ethnic identity in adolescents and adults: review of research. *Psychological Bulletin*, 108(3), 499-514.
- Phinney, J. S. (2004). Formação da identidade de grupo e mudança entre migrantes e seus filhos. In: DeBiaggi, S.D.& Paiva, G.J. (org) *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (pp. 47-62). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Phinney, J.; Horenczyk, G.; Liebkind, K. & Vedder, P (2001). Ethnic identity, immigration and well-being: an interactional perspective. *Journal of social issues*, 493-510, vol. 57 (3).
- Sales, T. (1994). Brasil Migrante, Brasil Clandestino. *São Paulo em Perspectiva*, 8 (1), 107-115, jan./março.
- Sales, T. (1996). O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: Patarra, N. L. (coord) *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo* (pp. 89-103). São Paulo: 2ª ed, FNUAP.
- Sasaki, E.M (2000). *Dekasseguis: trabalhadores migrantes Nipo-brasileiros no Japão*. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos da População.
- Sasaki, E.M. (2006). A imigração para o Japão. *Estudos avançados*, 20(57), 99-117.
- Sluzki, C. E. (1979). Migration and family conflict. *Family Process*, 379-390, 18(4).
- Sluzki, C.E. (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sundberg, N. D. (1986). Cross-cultural counseling and psychotherapy: a research overview. In: Pedersen, P.B & Marsella, A.J. (Eds). *Cross-cultural counseling and psychotherapy* (pp.28-62) New York: Pergamon Press.
- The Age, 03/12/06. "Workers, welcome to Japan, just don't stay". Disponível no site: <http://www.theage.com.au/news/world/workers-welcome-to-japan-just-dont-stay/2005/12/02/1133422108331.html>
- Toda, C. H. (1995). A impertinência: uma experiência de descendentes de imigrantes japoneses no Brasil e a possibilidade de constituição de um território de existência por meio da criação artística. *Cadernos de Subjetividade*; 3(2), 365-375, set/fev.
- Tseng, W. & Hsu, J. (1979). Culture and Psychotherapy. In: Marsella, A. J., Tharp, R.G. & Ciborowski, T.J. *Perspectives on Cross-cultural Psychology* (pp. 333-345) NY: Academic Press.
- Tsuda, T. (1999). The motivation to migrate: the ethnic and sociocultural constitution of the Japanese Brazilian return-migration system. *Economic development and cultural change*, vol 48, n 1, 1-31.
- Tsuda, T. (2000). Acting Brazilian in Japan: ethnic resistance among return migrants. *Ethnology*, 39, 55-72.

- Tsuda, T. (2003). Homeland-less abroad: transnational liminality, social alienation and personal malaise. In: LESSER, J. (Ed). *Searching for home abroad: Japanese Brazilians and transnationalism* (pp.121-162). Durham and London: Duke University Press.
- Vaisberg, T.A. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida, SP: Idéias e Letras.
- Winnicott, D.W. (1962). Os objetivos do tratamento psicanalítico. In: _____ (1990) *O ambiente e os processos de maturação*. (pp.152-155) Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

ANEXO A – Cartaz de divulgação do Workshop



Workshop

Adaptação no Brasil

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Para:

**QUEM MOROU NO JAPÃO E RETORNOU PARA O PAÍS
QUEM ESTÁ NA DÚVIDA SE FICA OU NÃO NO BRASIL**

Objetivos:

- Adaptação cultural através de atividades práticas e didáticas.
- Desenvolver novas habilidades necessárias para inserção profissional
- Aprender formas de conviver com a cultura brasileira e japonesa.
- Técnicas de comunicação e auto-conhecimento para reinserção na vida brasileira.

Laura S. Ueno - Psicóloga
Serviço de Orientação Intercultural da USP
Coordenado pela Profa. Dra. Sylvia Dantas DeBiaggi

Data: 12 e 13 de maio (sáb e dom) de 2007

Local - Colaboração: Associação Miyagui Kenjinkai do Brasil
Rua Fagundes, 152 – Liberdade

PARTICIPAÇÃO GRATUITA – VAGAS LIMITADAS
Inscrições: (11) 3091-4360